

MEMORIAL

Fraya Frehse

**Apresentado ao
Concurso de Livre-Docência
na área de conhecimento
Sociologia da Cidade, do Espaço e da Vida Cotidiana,
do Departamento de Sociologia
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo.**

São Paulo

2017

Sumário

PARTE I: UM POUCO DE TUDO	4	PREÂMBULO	3
1 “Crescer entre dois mundos”	5		
2 Todo um novo mundo	13		
3 Adentrando a fronteira	22		
4 A fronteira como (meu) mundo	41		
		PARTE II: DE TUDO UM POUCO	66
		5 <i>Curriculum vitae</i>	67

PREÂMBULO

Fruto de uma formação intelectual que me incentiva de antemão a enraizar social e historicamente as mediações materiais e imateriais de qualquer reflexão – de discursos orais à própria memória, passando por textos e imagens –, não tenho como iniciar este texto sem antes me posicionar em relação a um dilema que se apresenta a todo autor ou autora de memorial acadêmico (restringindo-me a partir de agora, para fins de síntese, à forma masculina dos sujeitos sintáticos - ainda – predominante no vernáculo brasileiro). Como não impor ao passado uma racionalidade que resulta da própria formação intelectual, acadêmica e pessoal que se teve, além do contexto histórico-social no presente da escrita, e dos fins a que se prestará o memorial?

Como viso aqui pleitear a livre-docência em uma área de conhecimento forjada na importância analítica das categorias de espaço e de tempo para a compreensão sociológica da vida social (na cidade), acabou sendo inevitável que essa perspectiva cognitiva impregnasse também esta minha retrospectiva. Aprendi com a sociologia de Florestan Fernandes que “a teia de interações e relações sociais” constitui o “ponto de referência do sociólogo, na descrição dos fenômenos sociais”¹. Porém aprendi também, com Henri Lefebvre, que “as relações sociais não têm existência real a não ser no e pelo espaço” – e, portanto, no e pelo tempo, pois o espaço, “conjunto de relações entre as coisas (objetos e produtos)” segundo a lógica da simultaneidade, difere mas não se dissocia do tempo, cuja lógica é a da repetição cíclica ou linear². Assumo, pois, este memorial como exercício de estranhamento intelectual peculiar de minha memória. O estranhamento é instigado pelos tempos e espaços das e nas teias de interações e relações sociais que, como autora, elejo como pontos de referência para tematizar em particular a minha trajetória intelectual. Ao mesmo tempo, ele favorece a evocação de espaços e tempos definidos. Além de permitirem situar socialmente a minha trajetória intelectual, esses constituem indícios do que, no presente da escrita, foi especialmente impactante nessa mesma trajetória até agora.

Daí porque o que importa neste memorial é refletir numa primeira parte, com base em “um pouco de tudo”, sobre como espaços e tempos de quatro períodos de minha trajetória de vida repercutiram naquilo que, hoje, concebo como minha trajetória intelectual. Isso antes de, na segunda parte, um *curriculum vitae* arrolar “de tudo um pouco”: as atividades profissionais e obras que me trouxeram até aqui.

¹ Cf. Florestan Fernandes, *Elementos de Sociologia Teórica*, São Paulo, Editora da USP/Companhia Editora Nacional, 1970, pp. 20-21.

² Cf. de Henri Lefebvre *La production de l'espace*, Paris, Anthropos, [1974] 2000, pp. 465, 100, xxii, 102, e *Éléments de rythmanalyse*, Paris, Syllepse, 1992, pp. 17 e 99.

PARTE I: UM POUCO DE TUDO

“Crescer entre dois mundos”

Ou em alemão: “*Zwischen zwei Welten aufwachsen*”. Corrente na língua alemã no mínimo desde que me conheço por gente, a expressão designa a condição daqueles cuja trajetória biográfica transcorre sob o influxo coexistente de dois ambientes socioculturais absolutamente distintos, modos bem diversos de significar as coisas, de perceber, sentir, pensar, de viver. Propositamente inicio este memorial por meio dela. Considero que impactou o que viria a ser a minha trajetória intelectual o fato de ter sido socializada num espaço-tempo de difícil delimitação, situado no Brasil, mas fortemente referenciado pela Alemanha. Nem lá, nem aqui: *entre* ambos. É o universo das referências socioculturais dos descendentes de imigrantes que, no país que os acolheu, vivem um dia a dia pautado por influências tanto de uma terra outra que, em grande parte, não conhecem, quanto de uma terra que conhecem, amam, mas na qual é inevitável que, por vezes, se sintam estrangeiros.

Sou neta – e em parte bisneta – de alemães que aportaram no Brasil no início do século passado em condições sociais variadas, ligadas três vezes a classes médias empobrecidas, e uma vez a pobreza acentuada; gente do norte, do nordeste, do sul e do noroeste urbanos de um país recém-destroçado pela Primeira Guerra; gente que se estabeleceu no Recife respectivamente dos anos 1910 e 1920, e na São Paulo desta última década. Raízes espaço-temporais aparentemente tão idiossincráticas ao mesmo tempo não o são, aprendi mais tarde, já estudante de ciências sociais. Inscrevem-se no processo histórico bem mais abrangente das emigrações europeias que despejaram hordas de imigrantes europeus nas maiores cidades brasileiras oitocentistas e das primeiras décadas do século XX, em meio à multiplicação ímpar de atividades econômicas ali enquanto a escravidão africana era abolida e o país, definitivamente instado a encontrar novas formas de inserção na dinâmica de expansão internacional do capital.

Desse passado restam no mínimo três aspectos que, evidentemente de forma aleatória, interferiram naquilo que hoje reconheço como a minha trajetória intelectual. Penso primeiramente no viver cotidiano na São Paulo em que nasci. Berço de meu pai ao qual minha mãe recifense migrou ao casar, São Paulo tornou-se, em função das intensas ondas de (i)migração que marcaram a história de seu último século e meio – aprendi mais tarde -, *locus* urbano privilegiado do país para que estrangeiros, brasileiros “de fora” e seus descendentes vivessem seus mundos entre dois mundos não apenas em termos imaginários, mas fisicamente: para além das quatro paredes, na escola, na igreja, na rua. Fui um desses seres humanos sobretudo até concluir a formação escolar,

porém a condição fronteiriça marcaria, como veremos adiante, minha trajetória intelectual até hoje.

O primeiro reconhecimento explícito da receptividade paulistana à diversidade sociocultural de seus moradores se deu durante a graduação em ciências sociais na Universidade de São Paulo (USP), quando auxiliei numa pesquisa do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU) acerca da rotina infantil dos filhos de imigrantes que chegaram na cidade na primeira metade do século XX. No doutorado, por sua vez, experimentei tal realidade por outro ângulo: lendo e analisando as notícias locais e crônicas do *Germania* e do *Fanfulla*, respectivamente um jornal teuto-brasileiro e outro ítalo-brasileiro criados em São Paulo no final do século XIX. O que não faltava nessa cidade eram, por exemplo, ruas tomadas por cortejos festivos de membros dessas colônias de imigrantes por ocasião do natalício dos imperadores de seus respectivos e então recentes países. Ficou claro para mim então que fora esse o início de uma dinâmica socioespacial de certo modo vigente até hoje: a cidade aberta aos modos socioculturalmente múltiplos como etnias e nacionalidades variadas se relacionam física e imaginariamente com o espaço urbano.

Porém, foi não somente por acolher meus mundos no mundo que era e é, que São Paulo impactou em minha trajetória intelectual. Apenas depois de anos pesquisando as relações entre tempo (histórico) e espaço (público) nas ruas e praças de seu mais antigo núcleo urbanizado, o chamado centro histórico, entre o século XIX e o XXI, é que tive como explicitar, em um projeto recente que co-organizei, de publicações bilíngues no Brasil e no México, que desde a infância a cidade me interpela acerca da relatividade dos vínculos que o tempo nutre com o espaço. Daí emergiu, já no final da graduação em ciências sociais na USP, uma preocupação teórica que me acompanha até hoje. Frente a uma cidade cuja materialidade física impressa em pedra é periodicamente revolvida da face da terra, qual o ritmo de transformação dos vínculos dos seres humanos entre si e com tal materialidade física, ali?

Tendo nascido no início da década de 1970, pertencço a uma geração que cresceu testemunhando transformações urbanísticas especialmente fortes em São Paulo, radicalizadas decerto pelo caráter repressivo e autoritário que o regime militar assumiu naqueles anos. De fato, ali e então transcorreu, aprendi mais tarde, aquilo que o arquiteto Benedito Lima de Toledo sintetizou, em *São Paulo: Três Cidades em um Século* (1980), como construção da terceira e última cidade do século XX. As mudanças se concentraram na consolidação do chamado centro histórico como principal entroncamento dos meios públicos de transporte da urbe (metrô e ônibus), enquanto se incrementavam socialmente incentivos e constrangimentos para que as elites, mas também as classes médias - a que pertencço em termos socioeconômicos -, se fixassem

em bairros mais longínquos, que passaram a congregar condomínios verticais e horizontais, além de shopping centers. Estudar o processo me fez compreender por que se, por exemplo, para os meus pais o perímetro central nunca deixou de ser sinônimo de “cidade”, eles mesmos passaram, durante a minha infância, a frequentar menos o centro em suas andanças cotidianas: bancos e repartições públicas como os correios, cinemas e lojas migraram (cada vez mais) para os bairros – sem falar no colégio alemão em que meu pai tinha estudado, e que eu e meus irmãos passamos a frequentar: também ele trocou a Praça Roosevelt por um bairro de elite da Zona Sul. Ao mesmo tempo, o perímetro histórico paulistano se consolidava como principal entroncamento do comércio popular, ambulante ou não, e onde cada vez menos parentes e conhecidos moravam; e enquanto casarões antigos eram demolidos, blocos residenciais inteiros da Avenida Paulista varridos do chão – o que promovia nostálgicas sessões de troca de lembranças entre os membros mais velhos da família. Tudo isso cedo me tornou alguém absolutamente sensível a mudanças físicas no espaço ao longo do tempo. Lembro-me até hoje da estupefação que senti ao deparar no colégio, aos onze anos, com fotografias comparativas do centro de uma cidade média alemã e notar que, do final do século XIX ao final do XX, a maioria dos edifícios públicos e privados permanecera tão inalterada quanto a largura das ruas, a despeito das duas guerras de que o país fora epicentro. Era tudo bem diferente das fotos históricas da família acerca da São Paulo dos anos 1920 e 1930, que em nada permitiam discernir a materialidade física do presente.

Assim, chego a uma segunda faceta do impacto que a herança desse passado quase centenário de imigração exerceu sobre a minha trajetória intelectual. Refiro-me ao aprendizado da língua alemã, que os pais decidiram que deveríamos aprender no dia a dia também do lar, não só da escola. A familiaridade linguística daí decorrente acabou por abrir-me mais tarde, nas ciências sociais, um espaço previamente insuspeitado de enriquecimento intelectual e acadêmico, dada a relevância do cenário acadêmico alemão na institucionalização científica e no desenvolvimento teórico em especial da sociologia, mas também de certa antropologia, para não mencionar a filosofia, a geografia, a história e a psicologia, nos quatro cantos do mundo.

Em prol desse projeto familiar, a escolha do que restava da primeira escola alemã da cidade (1878), o Colégio Visconde de Porto Seguro; e não foram poucos sacrifícios financeiros daí decorrentes para aquele médico que, formado pela USP, trabalhava em hospitais públicos, e para aquela professora particular de matemática que no Recife se bacharelara em ciências sociais. E eis que mais um mundo entre mundos emergia em minha vida de menina: o de estudantes como eu, cujos valores pecuniários e familiares distanciavam diametralmente de certa elite econômica brasileira que, apoiadora da ditadura então em curso, prevalecia no colégio de então.

Já o terceiro legado daquele passado imigrante engloba os dois anteriores. Graças ao trânsito imaginário entre continentes, países e cidades que acompanhou a travessia física, meus avós e bisavós contribuíram sem saber para que minha infância e adolescência fossem vividas intensamente nesse espaço imaginário, mas também físico, de difícil delimitação que é o mundo entre dois mundos. Era um ambiente familiar e escolar imbuído, em São Paulo e no Recife, simultaneamente pelo “ser brasileiro” – o que quer que isso significasse – e pela utopia de um certo “ser alemão” – ao qual se aplica a mesma dúvida. Se nos primeiros anos Monteiro Lobato e os irmãos Grimm, cantigas juninas caipiras e natalinas germânicas, histórias de fantasmas e lendas indígenas conviveram unos em sua diversidade, a adolescência potencializou outras coexistências de natureza análoga. Aos dez anos ingressei, afinal, no chamado currículo alemão do colégio, onde passei a conviver diariamente com colegas de mundos duplos como eu, embora bem mais abastados, e a experimentar interesses e paixões diversificados em duas línguas, em meio a matérias escolares bilíngues ministradas por brasileiros e alemães.

Possivelmente tenha sido esse mundo entre mundos decisivo para eu atravessar a adolescência marcada por interesses profissionais bastante diversificados, oscilando em especial entre a docência, em que me iniciara aos doze anos por meio de aulas particulares no colégio, o jornalismo de cronistas como Rubem Braga, que me incentivavam a debutar no ofício da escrita, e a arquitetura, como fizera um bisavô e sonhara uma avó. Ignorava então que o interesse pela disciplina “Estudos Sociais” - que no ginásio se transformou, obedecendo à legislação educacional da época, em “Educação Moral e Cívica” e, no colegial, em “Organização Social e Política do Brasil” – fomentaria uma paixão profissional. Só sabia que me atraía compreender o quanto de coletivo havia na vida cotidiana de quem, como eu e os meus, morava em cidades: no ato de apropriar-se das ruas para fins econômicos diversos; em atividades como o trabalho, o voto, o lazer. E isso por menos que tais temas recebessem, na escola, qualquer conotação política: grêmios estudantis eram proibidos, posicionamentos críticos desestimulados. Somente as aulas “dos alemães” nos incentivavam a discutir livremente, a defender argumentativamente posições sobre Bertolt Brecht, Franz Kafka e Wolfgang von Goethe, por exemplo; sobre as semelhanças e diferenças entre os totalitarismos de direita e de esquerda, a Revolução Industrial e os efeitos nefastos do nazismo; sobre a literatura utópica norte-americana do século XX ou a Índia de Mahatma Gandhi. De fato, boa parte dos professores “brasileiros” repreendiam com palavras nossa “vivacidade”, na qual forjei o meu gosto pelo debate oral e textual de ideias.

Entretanto, a vivacidade desse mundo entre mundos estava com os dias contados. Onde colocá-la em prática depois de concluída a formação escolar? A

Alemanha eu só conhecia dos livros, já o Brasil me instigava diariamente. A pergunta escondia um dilema de natureza identitária, aprendi com a antropologia depois: O que seria eu na Alemanha factual, não mais apenas imaginária, e ela em mim?

A resposta veio após o término do segundo grau “alemão”, dois anos após o fim do então “colegial” brasileiro. Meu primeiro semestre na Alemanha recém-unificada de 1992 transcorreu entre estágios pré-universitários em arquitetura e jornalismo – requisitos curriculares para o ingresso em tais cursos –, além de “bicos” como professora particular, baby-sitter, auxiliar numa padaria e carteira nos correios, e da busca obstinada por informações sobre as carreiras que me interessavam (e nisso o sistema universitário alemão e o Ministério do Trabalho da época evidenciaram lados inesquecivelmente acolhedores, próprios de um Estado de bem-estar social vigoroso que então encarava o seu maior desafio, diante de uma sociedade a ser reinventada).

Abriu-se assim caminho para que eu cedesse de vez à tentação da sociologia, profissão que o ambiente escolar rechaçava abertamente. Meus professores não enxergavam nessa carreira qualquer “futuro”, embora em mim, muito. Foi só quando aprendi a pensar sociologicamente que tive como compreender o temor/incômodo. Se no colégio daquele início de década de 1990 boa parte dos docentes brasileiros e alemães representavam uma classe média historicamente ávida por bem-estar antes de tudo econômico, viviam também a instável conjuntura econômica e política dos anos Collor, na esteira da híper-inflação que acompanhara a redemocratização. Já para outros alemães as incertezas eram sobretudo de natureza ideológica, com a Queda do Muro. Não espanta que a carreira “da moda” no colégio fosse Administração de Empresas – além das tradicionais Medicina, Engenharia e Direito.

Mesmo resistindo às pressões, o medo de errar aliado a fatores de ordem prática fizeram com que, na época das inscrições anuais para os cursos superiores, eu me candidatasse a uma vaga no curso de bacharelado de “Ciências Sociais com ênfase em Economia” da Universität zu Köln, Universidade de Colônia, uma carreira então recente oferecida apenas ali. De fato, na Alemanha de então o comum era estudar sociologia no âmbito do *Magister*, conforme a tradição universitária medieval que implicava a conjunção de três disciplinas diferentes na área das humanidades (mas sem a possibilidade de combinar sociologia, antropologia e ciência política, como na USP) em prol de uma graduação tripartite, concluída por meio da realização de provas escritas e de um trabalho final em uma das três disciplinas. Ao optar por “Ciências Sociais com ênfase em Economia”, eu abria, dentro das limitações biográficas e práticas que se me impunham então, espaço para as novidades que as ciências sociais poderiam me oferecer. Ao mesmo tempo, optava por um curso que, se decidisse retornar ao Brasil, era minimamente compatível com os títulos acadêmicos brasileiros: além de englobar

formalmente “Ciências Sociais”, implicava o bacharelado.

Com efeito, a preocupação com a compatibilidade tornou-se forte então. Uma expressão idiomática alemã que só vim a conhecer naqueles tempos sintetiza bem um incômodo que me acompanhava dia a dia, em meio às instigantes experiências pessoais e intelectuais que colhia. É a sensação de “estar sentada entre duas cadeiras”, “*zwischen zwei Stühlen sitzen*”, espaço de desconforto porque se está *entre*, e não *em* um lugar definido. De fato a situação trazia consigo um desassossego inédito, que turvava de sombras o mundo entre dois mundos no qual eu crescera.

Apenas mais tarde, já na USP e em contato com abordagens antropológicas sobre a temática da identidade, é que vim a compreender intelectualmente o que sentira então. Frente à probabilidade efetiva de que esse universo se transformasse em referência exclusiva de minha vida afetiva e profissional, eu era inevitavelmente levada a me questionar sobre o que seria o *meu* país de referência. A questão obedecia à dupla lógica que envolve a noção de estranhamento: o estranhamento causado pelo olhar sobre o outro inevitavelmente implica olhar para si mesmo, um estranhamento “para dentro”. O meu caso explicita bem também que reconhecer a si mesmo é reconhecer-se em *espaços* específicos. Ou seja, o eu é um eu sempre espacialmente situado: eu aqui ou eu ali podem diferir bastante entre si.

Tais sensações desencontradas e então inexplicáveis para mim acompanharam o primeiro semestre na Universidade de Colônia. Mal sabia eu, ao cruzar o umbral dessa medieval instituição pela primeira vez, que ali e então tinha início uma etapa de vida que seria definitiva em termos intelectuais. Era a primeira vez que eu me deparava com a diversidade social e cultural de ideias que apenas o ensino público viabiliza. Era a primeira vez também que pisava numa biblioteca tão vasta e variada. Enfim, passava a enfrentar o desafio da absoluta autonomia na busca do conhecimento que o sistema universitário alemão exige de seus estudantes, e que se potencializava ainda mais naquela universidade “de massa” (“*Massenuniversität*”), quinhentos alunos nas aulas expositivas, dependendo da disciplina.

O que, ademais, tornou a situação decisiva foi o fato de logo cedo ter podido imergir em disciplinas ligadas à sociologia. Não importa que fosse uma sociologia empirista e que privilegiava sobretudo o estrutural-funcionalismo de Talcott Parsons e a teoria dos sistemas de Niklas Luhmann, como eu viria a constatar posteriormente, já estudiosa da história do pensamento sociológico e em contato com a célebre *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*. Muitas foram as aulas expositivas no formato de *lectures* (*Vorlesungen*) referidas à macrossociologia, com ênfase nas reflexões da Escola de Chicago (por Jürgen Friedrichs), e à microssociologia, com destaque para o *rational choice* (por Erich Weede); e muitos os seminários de métodos

de “pesquisa social empírica” (por Robert Helmrich). Isso ao lado de conteúdos de ciência política e de estatística (a antropologia não integrava a grade).

Se na USP aprenderia que não são poucos os dilemas teóricos e metodológicos implícitos nas vertentes empiristas da sociologia, naquele início essa ênfase do curso cumpriu o papel de me certificar de que a opção pelas ciências sociais fora acertada. No primeiro semestre tive como realizar, para a disciplina “Metodologia da Pesquisa Social Empírica”, uma breve investigação sobre a rotina dos sem-teto na Estação Ferroviária Central de Colônia. Concretizada em dupla, a proposta nascera de minha própria experiência como transeunte diária da Estação. Arrematada por um trabalho final que posteriormente subsidiou a minha primeira comunicação em evento científico, já no Brasil dos congressos anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a pesquisa permitiu vislumbrar a sociologia como via privilegiada para a compreensão dos sentidos criativos que os indivíduos dão a sua vida cotidiana, por mais penosa que esta ao mesmo tempo seja, e por mais distante que pareça de processos socioeconômicos e políticos mais abrangentes. Mal sabia eu então que o meu interesse pela rotina dos sem-teto era semente de uma preocupação teórica que me persegue até hoje, e para a qual encontrei na USP um espaço subdisciplinar consolidado: a sociologia da vida cotidiana.

O foco na pesquisa empírica veio *pari passu* com a primeira leitura das obras de alguns dos clássicos da sociologia que maior influência tiveram sobre a tradição teórica de Colônia: além de Parsons e Luhmann, sobretudo Émile Durkheim e Max Weber. Mais do que ser, evidentemente, importante para minha formação intelectual, o contato com tais autores naquele momento teve um efeito existencial sobre minha trajetória pessoal. Ajudou-me a compreender em outros termos por que, apesar de tudo que me unia a esse mundo alemão, eu me sentia tão estrangeira ali. Aquilo que Weber chama de “ação racional em relação a fins”, simultaneamente pautada em e compreensível através de avaliações prévias entre meios e fins, de fato fundamentava normativamente – e fundamenta até hoje - não só a aparência física do espaço urbano e rural alemães, mas o modo como as pessoas se relacionam ali. *Não agir racionalmente é que é a questão* (e o incômodo). Ora, o Brasil me levava dia a dia – e leva até hoje – a constatar a relatividade de tal concepção: a racionalidade é apenas *uma* referência entre as muitas outras que medeiam e dão sentido às relações e interações sociais. Tendo crescido entre dois mundos, a racionalidade de tipo weberiano, germanicamente protestante, certamente impregnou com vigor a minha trajetória, mas não sozinha. Nos termos de Weber, ela coexistiu com outros tipos de ação, socialmente bem mais contundentes no Brasil: aquelas cuja racionalidade se fundamenta em valores e, sobretudo, aquelas “irracionais”, afetivas e tradicionais.

Enquanto incorporava essas e outras vivências tanto teóricas quanto práticas, o meu primeiro ano na Alemanha findava na certeza de que a sociologia virara uma paixão profissional. E paixão com um destino espacial: o Brasil. O incômodo do entre-duas-cadeiras encontrava na sociologia uma solução efetiva. Quanto mais estudava, mais intuía que as teorias sociológicas se aplicavam bem a contextos como o alemão. Mas e a sociedade brasileira? Um objetivo, pois, começou a se delinear: dissipar o espaço entre as cadeiras, fundir os dois mundos, contribuir para a compreensão do Brasil por meio da sociologia.

Contemplado em retrospecto, é impossível desvencilhar tal ímpeto da onda de nacionalismo que engolfou a minha geração, de “caras-pintadas”, após o impeachment de Fernando Collor de Mello. A ânsia por colaborar para a reconstrução democrática nacional então propagada pela esquerda do espectro político virou poderosa aliada de um sentimento de pertença que, forjado ainda na infância, se potencializou vigorosamente pela mediação do estranhamento antropológico de meu “outro” mundo.

Como se diz em alemão, a vontade apontou o caminho. Enquanto me preparava, ainda à distância, para as provas de transferência para a USP, concentrei-me, também durante o segundo semestre letivo em Colônia, em disciplinas compatíveis com aquelas da grade curricular das ciências sociais uspianas. Um ano e meio após deixar o Brasil eu voltava a aqui desembarcar. Dois dias mais tarde cruzava, com emoção, o umbral do prédio de Filosofia e Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), e duas semanas depois me submetia a provas de transferência em sociologia, antropologia e ciência política. Se às primeiras aulas do segundo semestre letivo do curso de ciências sociais do ano de 1993 assisti como ouvinte, três semanas depois me tornara aluna regular.

Todo um novo mundo

De fato, pela primeira vez me encontrava em uma instituição de ensino integralmente brasileira. E era uma universidade pública. E a maior do país e da América Latina.

Se a sociologia me ajudara a divisar a “cadeira” a partir da qual queria enxergar o mundo para a ele falar, a estrutura pedagógica mais ampla do curso de ciências sociais na USP impactou de modo singular aquilo que viria a ser a minha trajetória intelectual. Refiro-me aos padrões mais ou menos formalmente institucionalizados de relacionamento social na transmissão de conhecimento a graduandos, ali.

Primeiramente, o curso alargou de modo notável as minhas referências teóricas e metodológicas em relação à sociologia. Constatei na FFLCH que, à diferença de Colônia, cuja grade curricular básica e mesmo optativa dispensava, na época, autores que não se inserissem na tradição da escola sociológica ali cultuada, a grade curricular da USP era essencialmente ecumênica, promovendo o contato do graduando com diferentes tradições teóricas nos mais diversos contextos acadêmicos. Tive como conhecer os alemães Karl Marx e Friedrich Engels, Ferdinand Tönnies, Friedrich Nietzsche e Georg Simmel, Walter Benjamin e os frankfurtianos; Charles Wright Mills, Robert Nisbet e outros norte-americanos ou intelectuais ali radicados (de Alfred Schütz a Richard Sennett passando por Peter Berger e Thomas Luckmann, Herbert Blumer, Erving Goffman, Harold Garfinkel e David Riesman); a sociologia da estruturação do britânico Anthony Giddens; as contribuições francesas de Lefebvre e Michel Maffesoli, Pierre Bourdieu e Michel Foucault; isso sem mencionar as contribuições eslavas de Georg Lukács, Agnes Heller e Karel Kosik. Enfim, repercutiu significativamente em meu percurso o contato com as interpretações do Brasil de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, e o destaque mesmo que esparso aos uspianos Florestan Fernandes, Antonio Candido e Maria Isaura Pereira de Queiroz, a Duglas Teixeira Monteiro e a Octavio Ianni. A busca desses autores pelas especificidades sociais, culturais e históricas do país frente aos modelos explicativos produzidos nos principais centros do pensamento sociológico calou fundo em mim, a ponto de transformar-se, ao final da graduação, em parâmetro central dos rumos que eu daria para a minha trajetória profissional.

Mas havia outras disciplinas, e justamente a existência desse conjunto constitui um segundo traço da estrutura pedagógica do curso que incidiu de forma radical sobre a minha formação intelectual. Era um leque absolutamente vasto de cursos básicos e optativos em antropologia (incluindo um inesquecível semestre de alteridade extrema,

devotado à “etnologia indígena”, pelas mãos de Aracy Lopes da Silva e de Dominique Gallois) e em ciência política (e Régis Andrade, Lúcio Kowarick e Gildo Marçal Brandão me aproximaram cientificamente da história política recente do Brasil). À diferença de hoje em dia, as disciplinas de história, geografia e economia eram concebidas especialmente para a formação graduada em ciências sociais (respectivamente por Laura de Mello e Souza, Antonio Robert de Moraes e José Eli da Veiga). Como as disciplinas de estatística e de metodologia quantitativa cursadas em Colônia foram integralmente reconhecidas pela FFLCH, liberei-me mais cedo para incursões pelas disciplinas optativas, de que fruí inclusive em outros departamentos e faculdades, como as Letras e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU). Enfim, dei início à licenciatura, outra oportunidade pedagógica única que a USP oferecia – e oferece – aos estudantes do bacharelado em ciências sociais.

Falo aqui em estrutura pedagógica mais abrangente de graduação para evidenciar o meu deslumbramento, na época e ainda hoje, com o fato de que tão ampla oferta de disciplinas convivia e convive com a oportunidade ímpar de aprendizado profissional que o estudante de graduação tem como experimentar por meio das chamadas bolsas de iniciação científica. Trata-se do terceiro tipo de experiência a ser aqui abordado, pelo modo como influenciou na formação que viria a pautar aquilo que hoje considero a minha trajetória intelectual.

Verdadeira jabuticaba acadêmica brasileira – ao menos não tive até hoje informação de nada assemelhado nas instituições de ensino superior por que já passei no exterior -, a possibilidade de iniciar-me no ofício de pesquisadora em ciências sociais sob a orientação de um professor durante um ano inteiro, e ainda ser remunerada por isso, parecia um sonho quando eu ainda estudava em Colônia e me via imersa no anonimato de um sistema de ensino superior no qual o estudante só importa institucionalmente como potencial pesquisador ao ingressar na pós-graduação. Decidida a pleitear a experiência assim que cheguei na USP, o Núcleo de Estudos da Violência (NEV) acolheu-me instantaneamente, primeiro como estagiária voluntária, e um mês mais tarde como candidata a uma bolsa de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob a orientação da psicóloga social Nancy Cardia. No âmbito do projeto temático mais abrangente então em andamento no NEV, “Continuidade Autoritária e Construção da Democracia”, propus estudar a relação entre a imprensa escrita e a violência em São Paulo entre os anos 1980 e o início da década de 1990. Especificamente me intrigavam as categorias distintas que as notícias dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Notícias Populares* contidas no Banco de Dados do NEV sobre violência policial, utilizavam para caracterizar os autores e vítimas da violência policial durante o período em questão: Como as coberturas se

relacionariam, pertencendo os dois jornais à mesma empresa, o primeiro, como representante da imprensa dita séria e o segundo, da chamada imprensa marrom?

Além de me permitir debutar na prática de todas as etapas envolvidas numa pesquisa empírica em sociologia, a experiência me colocou em contato com a rotina acadêmica e intelectual de um centro de pesquisa científica: a realização de seminários semanais, de palestras e mesas-redondas; a participação em eventos científicos, a elaboração de bancos de dados, a troca de ideias entre os pesquisadores. Instigada por tal experiência e a convite de alguns de meus professores de graduação, integrei voluntariamente também, por períodos limitados, outras equipes que então investigavam temas específicos: a composição regional dos ministérios federais na Nova República (num projeto coordenado por Maria Hermínia Tavares de Almeida); a imigração alemã em São Paulo (no anteriormente referenciado projeto do CERU, coordenado por Zeila Demartini). E passei a participar dos seminários mensais do grupo de estudos sobre Relações Internacionais e Política Comparada (coordenado por José Álvaro Moisés).

A pesquisa junto ao NEV sinalizou o que me interessaria aprofundar na sequência, em termos investigativos: eminentemente o estudo dos meios de comunicação de massa em relação às formas de sociabilidade dos indivíduos na metrópole paulistana contemporânea. Era uma tema que coadunava bem com os interesses de pesquisa que as disciplinas obrigatórias e optativas em sociologia então suscitavam em mim, e que diziam respeito à vida social nas grandes cidades do mundo ocidental “moderno” gestadas com a Revolução Industrial e, posteriormente, com a chamada Revolução Tecnológico-Científica. Estimulada pela oportunidade de elaborar, no âmbito das atividades discentes da disciplina “Métodos Qualitativos em Ciências Sociais” (ministrada por Heloisa de Souza Martins), um primeiro projeto autoral de pesquisa científica, submeti à FAPESP, depois de finda a iniciação científica junto ao NEV, o plano investigativo intitulado ““Classiline”, “Disqueamizade”, *Encontre*: Sociabilidade ou a sua negação? Um estudo dos padrões de sociabilidade através da mídia em São Paulo” sob a orientação de Orlando Miranda, meu professor de “Sociologia II”. O “Classiline” era uma seção de anúncios de encontros pessoais inaugurada pela *Folha de S. Paulo* em agosto de 1994. À diferença dos anúncios de prostituição então comuns no jornal, a proposta do produto era, conforme descobri mais tarde entrevistando seus idealizadores, recriar em solo paulistano uma dinâmica de sociabilidade muito comum na Europa e nos Estados Unidos antes do *boom* da internet: a sociabilidade afetiva e/ou amorosa mediada pela imprensa. Já o “Disqueamizade” forjava encontros pessoais pelo telefone e *Encontre*, através de uma revista. O objetivo da investigação era entender a lógica de sociabilidade que envolvia os consumidores

desses meios de comunicação: Como se manifestaria ali a solidão, concepção tão presente na sociologia de autores como Simmel, Tönnies e mesmo, mais recentemente, Benjamin, Riesman e Sennett em relação à dinâmica de contatos sociais nas metrópoles modernas? Como alguns colegas universitários meus na Alemanha recorriam a serviços midiáticos semelhantes e justificavam a atitude remetendo à solidão, a minha hipótese inicial obedecia, por assim dizer, a certo senso comum sobre a sociabilidade em grandes cidades ocidentais do fim do século XX que eu constatara presente também em autores clássicos e contemporâneos da sociologia.

Também aprovado pela FAPESP, o projeto acabou se concentrando exclusivamente no “Classiline”, que investiguei com o auxílio de duas técnicas metodológicas empregadas sequencialmente: primeiro, uma análise documental dos anúncios em busca das representações sobre sociabilidade ali veiculadas; com base na tipologia assim construída, seguiu outra análise documental, só que agora das transcrições de mensagens telefônicas elaboradas pelos consumidores a partir da leitura dos anúncios; por fim, e fundamentada na segunda tipologia de representações daí resultante, realizei entrevistas presenciais com alguns usuários do serviço. Quanto às orientações teóricas, o avanço do trabalho de campo me permitiu perceber quão insuficientes eram, para a interpretação dos dados, as abordagens sociológicas sobre a solidão nas grandes cidades modernas da Europa e dos Estados Unidos. Com efeito, textos jornalísticos, falas telefônicas e entrevistas revelavam tudo menos solidão. Ademais, a sexualidade era uma mediação importante mas não exclusiva da sociabilidade mediada pelos anúncios. Essas constatações amadureciam enquanto eu passava a estudar, de um lado, a historiografia dos *Annales* sobre a vida cotidiana; de outro, as teorias sociológicas da vida cotidiana no mundo moderno que José de Souza Martins ensinava na disciplina “Sociologia da Vida Cotidiana”.

Em particular a obra de Lefebvre me ajudou a desenvolver uma interpretação própria acerca dos códigos de sociabilidade subjacentes aos dados empíricos. O que estava em jogo era essencialmente diversão não cotidiana, embora esta reaparecesse linearmente a cada nova publicação semanal da seção, evidenciando a dialética temporal entre o cíclico e o linear que marcam a modernidade como realidade social e cultural gestada contraditoriamente em torno da concepção socialmente difundida de que tudo é passageiro, transitório. A solidão, portanto, podia fazer sentido em países do Norte, mas não no universo de referências da modernidade vivenciada pelos representantes das classes médias média e baixa que o estudo evidenciou.

Enquanto a primeira experiência de iniciação científica me introduziu na experiência existencial de todas as etapas de uma pesquisa científica, a segunda me iniciou no prazer dos *insights*, das descobertas de cunho teórico. E eis que retornava,

só que agora consubstanciada numa experiência de pesquisa empírica autoral, uma intuição que, mais tarde, aprendi ser de natureza metodológica. Afinal, ela se refere à necessidade de a sociologia pensar a realidade brasileira em termos próprios, sem meramente transpor, para a interpretação dos fenômenos sociais locais, referenciais teóricos historicamente idealizados por sociólogos europeus e norte-americanos para pensar em especial aquelas sociedades.

Em retrospecto reconheço quanto essa preocupação se ligava aos dilemas teóricos e metodológicos da própria sociologia naqueles anos finais do século XX; dilemas que os professores expunham e discutiam mais ou menos intensamente em sala de aula. Eram ainda as dificuldades da sociologia pós-parsoniana em face e decorrência dos movimentos sociais de 1968, que defrontaram a disciplina com demandas de caráter absolutamente imediato e cotidiano, além de geográfica e historicamente muito localizadas. Essas situações desafiavam (e desafiavam) esquemas teóricos que, indiferentes às lógicas do senso comum nos diversos contextos histórico-sociais, preveem a aplicação universal de conceitos abstratos tais como “classe”, “modernidade”, “moderno” – e mesmo, mais recentemente, “globalização”. Não à toa esse contexto de crise foi acompanhado, a partir dos anos 1970, por um movimento de enaltecimento das abordagens fenomenológicas de Schütz e de Goffman, entre outros, além de um revigoramento teórico e metodológico notável da própria antropologia, também debatido em sala de aula na época. De fato, a crítica hermenêutica de Clifford Geertz e sua radicalização “pós-moderna” por James Clifford e George Marcus, entre outros, sob a influência dos escritos de Foucault, incidiram, cada uma a seu modo, sobre uma vertente teórica da disciplina antropológica com pretensões universalistas análogas às do estrutural-funcionalismo: o estruturalismo lévi-straussiano.

Além da grade de disciplinas e de experiências de iniciação científica, a estrutura pedagógica da USP oferecia uma quarta oportunidade de formação intelectual para quem, como eu, chegara na instituição disposta a profissionalizar-se na sociologia: espaços institucionais para a apresentação de trabalhos acadêmicos. Após a anteriormente mencionada comunicação sobre a pesquisa dos sem-teto, a SBPC acolheu um painel meu sobre os resultados finais da investigação do “Classiline”. Já o Simpósio de Iniciação Científica da USP (SIICUSP) viabilizou a apresentação dos resultados parciais dessa pesquisa. Enfim, proferi minha primeira palestra, relativa a essa mesma investigação, no curso extracurricular “Sociabilidade: Uma discussão contemporânea”, que o Laboratório de Análises da Sociabilidade Contemporânea (LASC), coordenado por Miranda e Flavia Schilling, então doutoranda em sociologia na USP, ofereceu junto ao Departamento de Sociologia em 1996. Tais chances todas foram únicas para, ainda nos primórdios de minha formação intelectual e acadêmica, travar

interlocuções insuspeitadas, muitas vezes interdisciplinares.

Assim chego a um quinto e último traço da estrutura pedagógica da graduação na USP a ser aqui mencionado. Seu estranhamento analítico é bem mais difícil, já que ele conta com poucas vias de formalização. Refiro-me à disponibilidade pedagógica voluntária, não remunerada, de alguns professores para atividades intelectuais realizadas por alunos de graduação, algo impensável num sistema universitário tão racionalizado e massificado quanto o de Colônia.

Incentivada e orientada por Miranda, traduzi trechos de obras de Tönnies para uma antologia da “Série Bibliografia”, do Departamento de Sociologia, e para um livro de sua autoria sobre a obra deste sociólogo alemão que a Editora da USP (Edusp) publicou. Na mesma série bibliográfica publiquei, ademais, tradução de um índice bibliográfico de obras de Marx e Engels, a convite e sob a orientação de Emir Sader, meu professor de “Sociologia III”. Já em colaboração com Maria Helena Oliva Augusto, minha professora na disciplina optativa “Indivíduo, Razão e Liberdade”, traduzi um artigo em inglês de Heller e Ferenc Fehér sobre o “pêndulo da modernidade” para a revista *Tempo Social*. Também para este periódico verti para o inglês durante anos, a convite do editor Paulo Menezes, meu professor de “Sociologia da Arte”, os resumos em português de artigos aceitos para publicação. Enfim, sob a supervisão de professores do curso de ciências sociais tive também como publicar naqueles anos meus primeiros textos acadêmicos. O curso extracurricular do LASC deu origem a uma coletânea, *Sociabilidades*, para a qual eu contribuí com dois capítulos que puderam contar com os comentários e sugestões de Schilling. Já sob a orientação de José de Souza Martins durante e após concluída a disciplina “Sociologia da Vida Cotidiana”, participei de uma pesquisa coletiva sobre os vínculos entre o imaginário onírico da classe média paulistana em 1995 e a vida cotidiana na metrópole, que originou um capítulo de autoria coletiva publicado no ano seguinte na coletânea *(Des)figurações: A vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole* (Hucitec, 1996), organizada pelo professor.

Por tudo isso e muito mais, à medida que eu me iniciava sociológica e antropologicamente nas vicissitudes histórico-sociais da sociedade brasileira, fui me certificando de que a USP é um verdadeiro “milagre brasileiro”. Ao mesmo tempo, minha graduação foi chegando ao fim e eu, estimulada a concretizar, por meio de uma pós-graduação na própria USP, as transformações intelectuais que a ressocialização profunda dos anos anteriores ocasionara no projeto profissional em relação à sociologia com o qual eu ingressara na instituição. Apropriei-me então do interesse teórico, de um lado, pelas vivências simbólicas e percepções que, na escala da vida cotidiana, os seres humanos têm da modernidade como processo histórico. De outro lado, cedi à atração de pensar as relações sociais no espaço urbano em meio ao vigor das transformações

urbanísticas, arquitetônicas e tecnológicas, socioeconômicas, demográficas e políticas nas cidades com o advento e a vigência da modernidade. Reconheci então por que em meu passado alemão cogitara mas não efetivara a graduação em arquitetura: os cursos oferecidos ali e então eram essencialmente “exatos” e técnicos, desprovidos da preocupação sociológica e antropológica com o espaço, que me atiçava – e atiça – intelectualmente até hoje.

Ambos os problemas eu pretendia desenvolver em termos teóricos assumindo como referência empírica as grandes cidades brasileiras, em particular São Paulo. À medida que me aprofundava, por meio das disciplinas básicas e optativas de sociologia, mas também de minha segunda pesquisa de iniciação científica, no debate sociológico sobre a modernidade nas grandes cidades e no mundo rural na Europa e no Brasil, fui reconhecendo em São Paulo um *locus* primordial para a observação de peculiaridades e contradições da modernidade no Brasil. Desde meados do século XX essa é a maior cidade do país em termos demográficos, e para o senso comum e a política dos anos 1990 – e até hoje - sua “mais moderna” urbe e aquela onde a modernização não pararia. Ora, intrigava-me que São Paulo impusesse a seus habitantes um dia a dia que em grande parte contrariava tais representações, pré-moderna e pós-moderna que era – e é - ao mesmo tempo.

Mas como congregar essas preocupações numa pesquisa de mestrado? Assumindo como aquilo que José de Souza Martins, lembrando Florestan Fernandes, gosta de chamar de “ponto de reparo” a vida cotidiana no espaço urbano, senti a necessidade de questionar a própria ideia de “cidade moderna”, tendo em conta que também a historiografia a utilizava para caracterizar São Paulo a partir do final do século XIX, pelo que pude constatar em trabalhos acadêmicos sobre a urbanização paulistana. Para tanto, decidi retornar analiticamente ao passado, a fim de estranhar sociológica e antropológicamente a história de advento da modernidade na cidade, na segunda metade do século XIX, a partir das percepções que a sociedade da época, de fortes raízes rurais, pode ter tido das transformações socioeconômicas, demográficas, urbanísticas e físicas nas ruas e largos centrais da cidade em meio à introdução, na urbe, da ferrovia e da posterior implantação de bondes a burros, da iluminação a gás e outros equipamentos urbanos de natureza técnica ligados historicamente à modernidade.

Cabe salientar que não teria me sentido tão estimulada a uma incursão investigativa na história em nível de pós-graduação se, além do contato com as abordagens dos *Annales* nas aulas de história, e das instrutivas sugestões bibliográficas sobre os vínculos entre vida cotidiana e história (em particular em São Paulo) que pude colher com Martins no âmbito e em decorrência tanto de “Sociologia da Vida Cotidiana”

quanto da disciplina “Sociologia dos Movimentos Camponeses”, não tivesse podido contar com uma decisiva introdução aos debates entre antropologia e história no âmbito da disciplina “Antropologia III”, ministrada por Lilia Moritz Schwarcz e Maria Lúcia Montes. Marcou-me a concepção do antropólogo Marshall Sahlins sobre a intrínseca relação entre cultura e história na vida social; e tornaram-se fundamentais as indicações epistemológicas do historiador Carlo Ginzburg sobre como encontrar em pequenos detalhes, aparentemente menores, contidos nas fontes documentais, indícios de uma realidade social e cultural mais abrangente.

De posse dessas referências todas, sentia-me ao menos introdutoriamente balizada para mergulhar em tipos documentais diversos do passado oitocentista de São Paulo, em busca de um estranhamento do vínculo entre a vida cotidiana dos pedestres nas ruas daquela urbe e o processo de urbanização mais abrangente então em curso. A proposta era debruçar-me, de um lado, sobre relatos de viagem e de memorialistas da segunda metade do século XIX, além do dia a dia das notícias e crônicas jornalísticas do *Correio Paulistano*, do *Diário de São Paulo* e de *A Província de São Paulo* entre 1870 e 1889; a rotina das atas da Câmara Municipal de São Paulo e dos relatórios dos presidentes de província da época. De outro lado, visava analisar, inspirada pelas referências teóricas e metodológicas que conhecera na disciplina “Antropologia Visual”, ministrada por Sylvia Caiuby Novaes, fotografias do carioca Militão Augusto de Azevedo (1837-1905) sobre as ruas paulistanas de 1862 e 1887, e cartões postais do final da centúria.

Concebido após o término de minha pesquisa sobre o “Classiline”, o plano investigativo clamava pela orientação de alguém então disponível que trabalhasse em áreas de fronteira entre a sociologia, a antropologia e a história. Schwarcz, que no mestrado pesquisara não apenas a São Paulo do período que me interessava, mas com o auxílio de fontes documentais análogas, acolheu o projeto de pesquisa, e o Departamento de Antropologia o aprovou no final de 1996.

E eis que eu retornava a um mundo entre mundos, só que agora no mínimo três, e disciplinares (e não resisto à tentação de aludir, como mero jogo de palavras, à imagem das cadeiras no sentido de cátedras, embora a USP já desde 1969 não as possua mais). Refiro-me à sociologia (da vida cotidiana), à antropologia e à história, e as ruas da São Paulo da segunda metade do século XIX viravam meus espaços empíricos de referência para a interlocução com e entre tais mundos. O que acabaria por implicar também o diálogo com mundos outros, ainda: a arquitetura e o urbanismo em especial, além de certa geografia.

Era uma fronteira intelectual da qual, constato justamente ao escrever estas linhas, talvez não tivesse me aproximado sem familiaridade prévia com o sentimento de

crescer entre mundos e de experimentar o incômodo do entre-cadeiras. É verdade que, como vim a aprender mais tarde ao estudar a história da sociologia no Brasil, a necessidade de pensar sociologicamente com o auxílio da antropologia e da história caracterizou os primeiros tempos acadêmicos da disciplina em particular na USP: a diversidade da fronteira era não problema mas solução, em face da unidade de um país socioculturalmente tão diverso. Porém isso, no atual momento da narrativa, é extemporâneo. Ali e então, frente à nova fase de formação intelectual que então se anunciava, o que se insinuava de forma ainda totalmente nebulosa era a mera possibilidade de apropriação intelectual de minha própria condição fronteiriça.

Adentrando a fronteira

Mesmo que, tal como organizada na USP há duas décadas, a pós-graduação já pressionasse o estudante a estreitar seus interesses intelectuais em função de prazos bem mais exíguos do que os de anos anteriores, a própria estrutura institucional favorecia um alargamento qualificado desses mesmos interesses – o que faz até hoje, a despeito de um encurtamento e enrijecimento ainda maior das datas. Afinal, o ingresso na pós-graduação viabiliza o acesso dos estudantes graduados a disciplinas marcadas por um aprimoramento teórico que a graduação não comporta.

O elenco de tais conteúdos constitui uma primeira experiência acadêmica colhida na pós-graduação que se imprimiu com vigor naquilo que hoje reconheço como minha trajetória intelectual. Aproveitei o mestrado e o doutorado para aprofundar-me, de um lado, nos vínculos do pensamento antropológico com a filosofia hermenêutica (numa disciplina ministrada por Roberto Cardoso de Oliveira), com a sociologia (numa disciplina sobre o pensamento de Lévi-Strauss e Bourdieu ministrada por Paula Montero), com a linguística (relação explorada por Márcio Silva) e com a história (fronteira abordada por Robert Rowland, professor-visitante do então Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – ISCTE – de Portugal). De outro lado, investi no estudo aprofundado de autores ligados mais diretamente à sociologia: além do já mencionado Bourdieu, Walter Benjamin (destrinchado por Willi Bolle, do Departamento de Letras Modernas da USP), Foucault (detalhado por Sérgio Adorno) e mesmo Lefebvre, graças à possibilidade de participar como ouvinte da disciplina de graduação “A Sociologia de Henri Lefebvre”, ministrada por José de Souza Martins. Enfim, em face do interesse pela história da urbanização no Brasil e, em particular, em São Paulo, encontrei possibilidades de aprendizado e interlocução tanto na disciplina “Construção Social do Espaço Urbano” (ministrada por Ana Lúcia Duarte Lanna e Maria Lúcia Caira Gitahy, da FAU) quanto nas aulas de professores de várias unidades da USP que compuseram o curso extracurricular de “História da Cidade de São Paulo”, no Museu Paulista da USP.

Já que tanto no mestrado quanto no doutorado pude contar novamente com bolsas de estudos da FAPESP (após, respectivamente, um primeiro período de bolsa institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES - e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico e Científico – CNPq), a subsistência material estava minimamente assegurada para viabilizar também – eis a segunda experiência a ser aqui destacada - vias extracurriculares de formação teórica abrangente e de especialização nos temas relativos às duas investigações que

realizei na pós-graduação. Investi em cursos teóricos e práticos sobre imagens em geral e, em particular, a fotografia. De fato, se hoje me sinto não apenas teórica, mas praticamente capacitada a compreender sociológica e antropologicamente a fotografia – pois o aprendizado de técnica e da linguagem se aliou a paixão e sensibilidade prévias –, isso se deveu à formação teórica e prática em que me aprofundei durante a pós-graduação.

Um curso sobre a história social das esculturas e monumentos públicos em São Paulo, coordenado pela historiadora Maria Lúcia Perrone de Faro Passos na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) no primeiro ano do mestrado, fez par com um não menos memorável seminário que o filósofo da imagem Philippe Dubois, da Université Paris 3, ministrou, a convite do antropólogo Etienne Samain, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), nesta instituição em meu primeiro ano do doutorado. Se tais eventos aguçaram a minha sensibilidade teórica em relação respectivamente às vicissitudes sociais e epistemológicas de sistemas de representação não verbais, participar como ouvinte da disciplina “Visual Anthropology”, ministrada pela antropóloga histórica e visual Elizabeth Edwards durante o período do chamado doutorado-sanduiche que realizei na University of Oxford, me sensibilizou para a importância analítica e interpretativa da materialidade das imagens: fotografias não existem para pesquisas a não ser fisicamente, em suportes materiais definidos (álbuns, cartões postais, páginas de jornal etc.).

Esses ensinamentos teóricos só puderam afetar de maneira tão profunda a minha trajetória intelectual por terem sido acompanhados de um multifacetado processo de aprendizado prático da fotografia. De um lado, participei de cursos básicos e de especialização (primeiro com Vanderlei Oliveira e William Silveira na Escola Politécnica – POLI - da USP, e depois com Cristina Szterling em aulas particulares em grupo, e com Claudio Feijó, Ênio Leite e, bem mais recentemente, José Roberto Comodo Filho em suas respectivas escolas). De outro lado, passei a participar de um grupo de fotógrafos amadores que se formou na esteira justamente do curso da POLI. Desde então o Phora-de-phoco se dedica, com interrupções episódicas e formações variadas, a fotografar lugares históricos da cidade e seus arredores, além de visitar exposições fotográficas. A participação de cientistas sociais como Martins e outros foi desde o início fundamental para complementar as saídas coletivas com explanações sociológicas, antropológicas e históricas sobre os lugares e eventos respectivamente visitados e/ou fotografados. Das incursões resultaram até agora seis exposições fotográficas coletivas em São Paulo, São Caetano do Sul, Cambridge e na internet acerca de temas de forte cunho sociológico e antropológico: das representações dos torcedores de futebol do Vale do Anhangabaú paulistano acerca da emoção da pátria, durante a Copa do Mundo

de 1998, aos resíduos da passagem do tempo histórico contidos em ruínas da industrialização paulistana, passando por representações visuais da fé em eventos festivos marcados por forte e multitudinária comoção popular; para não mencionar a mobilização da autoestima de moradores da favela do Jaguaré através de retratos de seus filhos, que expusemos no salão paroquial.

Aliás, ainda nesse âmbito dos encontros humanos durante a pós-graduação cujos efeitos sobre a minha trajetória intelectual foram decisivos, não há como não mencionar Samain, que conheci no início do mestrado por ocasião de minha primeira participação em congresso internacional. Profundo conhecedor de fotografia e de teorias (antropológicas) da imagem, o antropólogo acabou por complementar a minha formação pós-graduada com preciosas sugestões bibliográficas sobre a epistemologia da fotografia tal como explorada por Gregory Bateson, Roland Barthes, Yves Winkin e o próprio Dubois.

Uma terceira modalidade de discussões intelectuais que impactaram a minha trajetória intelectual foi institucionalmente fomentada. Refiro-me, de um lado, à participação em grupos de estudo e pesquisa que então existiam no Departamento de Antropologia da USP. Integrar o grupo de estudos de Etno-História que, coordenado por Lilia Schwarcz, congregava seus orientandos, e o Núcleo de Antropologia Urbana coordenado por José Guilherme Magnani, estimulou o meu contato com bibliografia teórica e metodológica respectivamente sobre a fronteira entre antropologia e história, e sobre etnografias urbanas. De outro lado, penso na apresentação de trabalhos em eventos científicos. Além de debutar nas nacionais reuniões brasileiras de Antropologia, nos encontros anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR) e da Associação Latino-Americana de Estudos Germanísticos, afora seminários e oficinas pontuais, realizei as minhas primeiras palestras universitárias como pós-graduanda respectivamente na Universidade Federal de Pernambuco e no Departamento de Sociologia da USP. E comecei também a apresentar trabalhos no exterior. Além de participar da Reunión de Antropología del Mercosur em que conheci Samain, e de uma conferência em Berlim no início do doutorado, no âmbito do doutorado-sanduíche seguiram duas outras conferências e palestras respectivamente no King's College de Londres, no Instituto de Antropologia Social e Cultural da University of Oxford; no Institut des Hautes Études en Amérique Latine (IHEAL) de Paris; junto ao curso de licenciatura e mestrado em antropologia social da Université Lille 3; no Instituto Ibero-Americano de Berlim; no Instituto de Psicologia e Pesquisa Social da Universität Bremen; no Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin; no Instituto de Ciências Sociais da Universidade

de Lisboa.

Já uma quarta via institucional de ampliação de possibilidades de troca intelectual que se me apresentou naqueles anos foi a participação nas comissões editoriais tanto da revista *Cadernos de Campo*, dos alunos de pós-graduação em Antropologia da USP, quanto da *Oxford University Anthropological Society Weekly Newsletter*, da discente Anthropological Society da University of Oxford, durante parte de meu doutorado-sanduíche. As discussões em torno respectivamente dos textos e notícias a serem publicados não somente alargaram o meu escopo de referências bibliográficas em antropologia, mas favoreceram experiências autorais inéditas como, por exemplo, entrevistas com Ruth Cardoso, Alba Zaluar e Lux Vidal, na *Cadernos de Campo*.

Enfim, uma quinta e última possibilidade institucional de intercâmbio intelectual a ser aqui aludida foi submeter a revistas artigos resultantes de minhas pesquisas, e resenhas bibliográficas. O processo teve início em publicações do próprio Departamento de Antropologia da USP, a que se seguiram outras, enfim propriamente “exogâmicas”. Por outro lado, tive então como elaborar minhas primeiras publicações internacionais: um verbete sobre a cidade de São Paulo para a *Encyclopedia of Urban Cultures* da Yale University de 2002; um artigo sobre o meu trabalho com cartões postais paulistanos da virada do século XX para um dossiê sobre modos de “escrever a cidade latino-americana”, no *Anuario Americanista Europeo*, do IHEAL; e um capítulo numa coletânea mexicana devotada às relações entre espaço público, patrimônio e identidade na América Latina.

Se essas vivências todas enriqueceram a minha formação intelectual em relação aos temas que me propus estudar no mestrado e no doutorado, a experiência da chamada monitoria, no âmbito do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) que integra a pós-graduação da USP, aproximou-me da atividade docente no ensino superior. Como a bolsa da FAPESP veio de mãos dadas com a interdição de qualquer atividade docente remunerada, o PAE foi muito bem-vindo. Um semestre no mestrado (na disciplina “Antropologia e História: Debates em áreas de fronteira”, de Lilia Schwarcz) e três no doutorado (respectivamente em “Uma História da Antropologia Brasileira”, também de Schwarcz, em “Pesquisa de Campo em Antropologia”, de José Guilherme Magnani, e em “Pós-Colonialismo, Nações e Minorias Nacionais”, de Paula Montero) viabilizaram fragmentos de aulas expositivas, afora a correção de provas e a organização de discussões discentes em grupo. Ademais, pude inteirar-me de conteúdos programáticos de disciplinas que na graduação não tivera ocasião de cursar: em particular “raça” no pensamento social brasileiro (em Schwarcz), o fazer etnográfico na São Paulo contemporânea (em Magnani) e a obra de Norbert Elias sobre o “processo

civilizador” (na disciplina de Montero).

Evidencia-se assim em retrospecto que, durante a pós-graduação na USP, tive como contar com notáveis espaços institucionais de formação acadêmica e intelectual. As dificuldades financeiras vivenciadas pela Universidade então, as adversidades políticas e institucionais da FFLCH para repor “claros”, o valor baixo das bolsas de pós-graduação na época: tudo isso era fato – e o é muito mais nos tempos que correm. Nem por isso, entretanto, as oportunidades institucionais aqui mencionadas deixaram de existir. Isso sem mencionar o apoio financeiro que no mestrado recebi da FFLCH para participar daquele primeiro congresso internacional (na época a FAPESP não financiava seus mestrados para eventos estrangeiros), e o fomento que recebi da CAPES para a bolsa-sanduíche em Oxford por seis meses e, na sequência, em Paris e Berlim respectivamente durante um mês, no âmbito do doutorado. Num país tão desigual, e onde as áreas de ciência e educação vêm sendo vítimas de ataques tão ferozes, nunca é demais lembrar que, há menos de duas décadas, e em meio a inegáveis dificuldades históricas, espaços como os até agora esboçados potencializaram com galhardia a formação intelectual de pós-graduandas como eu. Eis outro verdadeiro milagre nacional que só o vagar temporal de uma reflexão memorialística desta natureza permite divisar.

Em conjunto, as facetas institucionais de minha formação pós-graduada até aqui abordadas compõem o pano de fundo espaço-temporal que mediou, ao longo daqueles anos, o amadurecimento da reflexão sobre os problemas investigativos com os quais ingressei no mestrado. Ainda seria possível acrescentar a tal pletora os decisivos rituais institucionais de passagem que foram, respectivamente, os exames de qualificação de mestrado (a banca composta, além de minha orientadora, por José de Souza Martins e Maria Odila Leite da Silva Dias) e de doutorado (que contou, além de Schwarcz e de Martins, com Nicolau Sevcenko); e as defesas da dissertação de mestrado (perante Schwarcz, Martins e Maria Lúcia Montes) e da tese de doutorado (avaliada por Schwarcz, Martins, José Guilherme Magnani, Ana Lúcia Lanna e Roberto DaMatta). Isso sem mencionar a interlocução intelectual temporalmente restrita, mas nem por isso menos enriquecedora, que pude travar com os professores que me acolheram institucionalmente durante o doutorado-sanduíche: Leslie Bethell no Centre for Brazilian Studies na University of Oxford, Afrânio Raul-Garcia no Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain da École des Hautes Études en Sciences Sociales, e Sérgio Costa no Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin.

Ao invés de detalhar aqui como cada uma dessas circunstâncias e seus protagonistas reverberaram em minha trajetória intelectual, considero narrativamente mais interessante referenciar, parafraseando Goffman, tais “momentos e seus homens” à medida que evidencio os significados que, primeiro, o mestrado e, depois, o doutorado

tiveram para a minha trajetória intelectual até hoje.

Defendida como dissertação no final de 1999 e publicada como *O Tempo das Ruas na São Paulo de Fins do Império* (Edusp, 2005), a pesquisa de mestrado aproximou-me, em primeiro lugar, de uma postura de natureza epistemológica em relação ao conhecimento empírico que desde então invariavelmente adoto. E isso embora ela só no doutorado tenha se tornado objeto autônomo de reflexão.

Assumindo que a noção de epistemologia se refere a investigações sobre a relação do pesquisador com aquilo que conhece, refiro-me a estranhar antropologicamente a realidade empírica durante todas as etapas de uma pesquisa – ou seja, praticar existencialmente, no processo investigativo, a dialética de estranhar o familiar e familiarizar-se com o estranho. No doutorado, tal postura desembocou na proposta explícita de que a etnografia constitui uma *perspectiva epistemológica*. Tendo apresentado a argumentação pela primeira vez em um seminário do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro acerca do arquivo como “campo” de pesquisa antropológica, referenciei-a na tese de doutorado defendida no início de 2005. Entretanto, só a desenvolvi de maneira mais delongada num artigo sobre o que seria uma “etnografia nas ruas do passado”, e em sua forma mais acabada no livro decorrente do doutorado, intitulado *Ô da Rua! O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo* (Edusp, 2011).

O meu contato mais aprofundado com o pensamento sociológico sobretudo desde o ingresso no Departamento de Sociologia da USP, em 2006, não diminuiu a importância da perspectiva etnográfica em meu modo de pensar e viver a pesquisa nas ciências sociais, portanto também em particular na sociologia. E, graças ao estudo da história das ciências sociais na própria USP, tema em que me aprofundo sobretudo desde o doutorado, sei que não se trata de ecletismo. Já a sociologia ensinada pelos professores da chamada Missão Francesa, Claude Lévi-Strauss e posteriormente Roger Bastide, era essencialmente antropológica nos termos acima, do ponto de vista epistemológico. O que se perpetuou na prática investigativa e nos ensinamentos das primeiras gerações de sociólogos formados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Duas das evidências teórica e metodologicamente mais acabadas do vigor institucional e intelectual dessa postura são *A Etnologia e a Sociologia no Brasil* (1958), de Florestan Fernandes, e a monografia resultante da tese de doutorado de Antonio Candido *Os Parceiros do Rio Bonito* (1964).

No mestrado, nada disso era claro ainda; apenas praticado. Estimulada pela formação antropológica que então teve como se incrementar, imergi no levantamento documental disposta a estranhar “tudo e todos”. Afinal, a investigação se referia a um espaço-tempo que eu desconhecia amplamente: ruas e largos paulistanos de cuja

materialidade física e mesmo toponímica pouco ou quase nada restava, no presente. Assim, não hesitei em adicionar a meus instrumentos de pesquisa um caderno de campo, mapas e fotos do passado e do presente; sem mencionar o enlevo imaginário da utopia historicista de “uma hora apenas” nas vias e logradouros daquela cidade.

As duas contribuições seguintes da pesquisa de mestrado para minha trajetória intelectual dizem respeito à perspectiva metodológica que a orientou. Embora historicamente própria da disciplina antropológica, a postura etnográfica que então fui levada a exercitar ia plenamente ao encontro de ênfases investigativas no modo de interpretar a realidade empírica que já me inspiravam desde a disciplina “Sociologia da Vida Cotidiana”. Tendo em mente os conteúdos desta, tive como perceber que a matéria-prima investigativa da etnografia são detalhes fenomênicos – isto é, aparentes aos sentidos e à sensibilidade do sujeito cognoscente – referentes a modos de (inter)agir, sentir, pensar e se relacionar que são próprios da vida de todo dia em sociedades com ou sem modo de vida cotidiano propriamente dito. Basta considerar, com Lefebvre, que uma vida de todo dia pautada no cálculo e na programação racional do tempo é historicamente muito específica, própria do chamado mundo moderno. Como a antropologia com que tive contato na pós-graduação não problematizava a dimensão histórica do dia a dia, embora esta impregnasse seus próprios dados etnográficos, senti-me estimulada a articular o ponto de vista etnográfico com a sensibilidade lefebvriana em relação à historicidade da vida cotidiana. Em especial a distinção conceitual “história local e cotidiana” e “História”, desenvolvida por Martins em *Subúrbio* (1992) a partir de interlocução estreita com a obra de Lefebvre, balizou metodologicamente o meu levantamento documental sobre a realidade paulistana, atizando a minha atenção etnográfica para acontecimentos rotineiros na rua que, tematizados pela então nascente opinião pública nos jornais, atas da Câmara Municipal e relatórios de presidentes de província, poderiam revelar concepções que representantes dessa categoria social tiveram sobre tal espaço na cidade entre 1867 e 1889. Quais os indícios que tais representações conteriam sobre modos socialmente específicos de perceber o tempo histórico ali então?

À luz disso, não surpreende que uma terceira contribuição do mestrado para a minha trajetória intelectual tenha sido o fato de me fazer debutar no uso do método regressivo-progressivo lefebvriano. Datar historicamente as atividades sociais tematizadas nas ruas e largos da documentação, evidenciou uma dinâmica de representações pautadas simultaneamente em odes e depreciações ao moderno e ao antigo que remetem a um processo histórico muito mais abrangente: uma modernidade marcada pela coexistência de tempos históricos absolutamente díspares, quando contemplada na escala temporal de uma vida de todo dia tendencialmente mais e mais

cotidianizada. E o interesse intelectual pelos vínculos entre vida cotidiana e processos históricos mais abrangentes na cidade, que, em última instância, me acompanhava desde a experiência de pesquisa sobre o cotidiano dos sem-teto de Colônia, teve como encontrar sua primeira manifestação investigativa e interpretativa.

Ali e então, eu só não sabia que a perspectiva então desenvolvida impactaria de modo tão duradouro a trajetória intelectual que se seguiu. Uma primeira reflexão sobre as potencialidades interpretativas do método de Lefebvre para a compreensão da vida social nas cidades do passado desenvolvi na comunicação para uma mesa-redonda sobre a obra do sociólogo e filósofo francês que teve lugar no Encontro Anual da ANPUR de 2001; na sequência, o texto se transformou em um artigo publicado na *Tempo Social*. Já na pesquisa de doutorado o método se tornou tão decisivo que acabou impregnando até mesmo a sequência de capítulos de *Ô da Rua!*. Também as pesquisas realizadas na sequência fruíram da abordagem, ao mesmo tempo em que ela se tornou objeto autônomo de investigação conceitual, desenvolvida respectivamente em capítulos para duas coletâneas internacionais, em 2013 e 2014, e num artigo de periódico também internacional publicado neste ano de 2017. O texto de sistematização crítica de minha obra posterior ao doutorado que acompanha este memorial evidencia esse percurso teórico em especial nos capítulos 9 e 13.

São de visada analítica os próximos três aspectos relativos à minha formação durante o mestrado a serem aqui abordados. Penso, em primeiro lugar, no contato com a ênfase analítica que Bourdieu, em sua “Introdução a uma sociologia reflexiva”, deposita na “história social da emergência do problema” que o pesquisador se propõe estudar. Tal perspectiva cognitiva amparou, na época, a minha revisão crítica de todo um debate acadêmico que, já antigo no Brasil mas até então não sistematizado, tange de forma mais ou menos explícita a questão da historicidade da urbanização paulistana do fim do século XIX. Exposta publicamente pela primeira vez no grupo de trabalho “Pensamento social no Brasil” da ANPOCS, a revisão bibliográfica daí resultante originou um artigo publicado na revista dos alunos de pós-graduação em sociologia da USP e, mais tarde, subsidiou a primeira parte do livro decorrente da dissertação. Desde então, tal perspectiva analítica de estranhamento bibliográfico não mais me abandonou. Com efeito, tem-me amparado em incursões críticas pelos debates conceituais envolvidos nos mais diversos temas investigativos: tanto o assunto de interesse do doutorado quanto, posteriormente, o espaço urbano no Brasil e na Alemanha, os usos da rua (no Brasil), o espaço físico na sociologia de Goffman, o método regressivo-progressivo e a ritmanálise de Lefebvre, a rua das ciências sociais no Brasil, as relações entre desigualdade social e espaço urbano na América Latina das últimas duas décadas, a noção de espaço relacional, o cotidiano dos pedestres nos lugares públicos

centrais latino-americanos da segunda metade do século XX. Todos os capítulos que integram o texto de sistematização crítica de parte de minha obra trazem a sua marca.

Reconheço uma segunda contribuição de natureza analítica da pesquisa de mestrado para a minha trajetória intelectual no aprendizado de um tratamento metodologicamente adequado das fontes históricas. A investigação me sensibilizou em definitivo para a importância cognitiva daquilo que Ginzburg chamou de “indícios”, “sinais”. É de fato apenas com eles que o cientista social tem como contar ao debruçar-se sobre temas históricos – e, na verdade, também ao lidar com o presente etnográfico: O que são, afinal, as falas dos sujeitos observados e/ou entrevistados, as imagens e textos que esses produzem, se não evidências de uma realidade social e cultural por definição inatingível? Nunca mais me abandonaria a postura de humildade perante as fontes empíricas que o mestrado implantou em mim. Ao mesmo tempo, tal pesquisa estimulou uma atenção ao processo de produção social dessas fontes que me incentivou a mais aprofundamento – que tive como encontrar nas disciplinas sobre a obra de Foucault e a antropologia histórica, no doutorado. Reflexões resultantes de todo esse processo desenvolvi não apenas nos artigos e capítulos de coletâneas sobre fotografias, cartões postais e material jornalístico que publiquei no período da pós-graduação e nos anos imediatamente posteriores, mas no livro resultante de minha pesquisa de doutorado. Enfim, vale mencionar que também a minha atuação docente no ensino superior tem sido marcada por atividades didáticas nessa direção, que desenvolvo em particular nas disciplinas de métodos em pesquisa qualitativa que ministro periodicamente desde 2005.

No cerne dessa segunda virtude analítica reside uma terceira e última contribuição de natureza análoga do mestrado que gostaria aqui de referenciar. A investigação certificou-me em definitivo sobre a relevância documental de imagens visuais de natureza tecnológica (por exemplo a fotografia) para uma compreensão sociológica antropologicamente fundamentada de processos históricos. Contempladas em conjunto, as fotografias de rua de Militão de Azevedo analisadas pela primeira vez durante o mestrado evidenciam que atributos de natureza sociocultural e histórica da vida social na cidade impregnam os próprios ângulos de captação do fotógrafo. Como, marcada por essa natureza, a fotografia é uma prática social crucial da vida cotidiana nos quatro cantos do mundo desde que foi inventada, na modernidade europeia oitocentista, ela nos fala de especificidades socioculturais das percepções e vivências desse mesmo processo histórico que se manifestam precisamente na vida cotidiana – só que pela mediação da visualidade, modo de conhecer o mundo através de imagens visuais. Tal atenção teórica às imagens se exacerbou significativamente no doutorado, com a multiplicação dos corpos fotográficos a serem analisados. Um capítulo de

coletânea derivado de minha participação num grupo de trabalho sobre “o imaginário e o poético nas ciências sociais”, que teve lugar no Encontro Anual da ANPOCS de 2004, foi uma primeira oportunidade para desenvolver as implicações interpretativas da proposta metodológica de que a fotografia analógica pode ser assumida como testemunho fenomênico do encontro factual entre o fotógrafo e os sujeitos que este capta visualmente com a câmera no primeiro plano de seu campo de visão, ou perto dali. Aprofundada empírica e teoricamente na tese de doutorado e sobretudo no livro daí resultante, a perspectiva desde então baliza as minhas incursões no mundo da fotografia – das quais são evidências dois capítulos de coletâneas cujas versões revistas integram os capítulos 4 e 14 do texto de sistematização crítica.

Já do ponto de vista teórico, a investigação de mestrado teve, entre outros, o mérito de favorecer a descoberta de que o transeunte, tipo de pedestre que o senso comum contemporâneo e a própria sociologia desde os seus primórdios associam quase atemporalmente à circulação física fremente pelas ruas e ao descanso apenas momentâneo nas praças urbanas, é um produto histórico, além de específico em termos socioculturais. Foi notadamente no intervalo temporal de três décadas por mim estudado que o transeunte começou a fazer-se fenomenicamente presente, de um lado, nas ruas e largos de São Paulo, e de outro, no imaginário da então ainda incipiente opinião pública paulistana. E trata-se de um transeunte socioculturalmente definido, até então ausente da bibliografia sobre a cidade da época e, justamente por sua particularidade sociocultural, passível de evidenciar que a historicidade da urbanização paulistana da época foi bem mais lenta e contraditória do que propunha essa mesma bibliografia, cujo comprometimento argumentativo com o moderno é explícito. Com efeito, longe de assumir, em seu dia a dia na São Paulo do final do Império, posturas críticas unívocas em relação a atividades pré-modernas ainda vigorosas nas ruas e largos em prol de inovações modernas, o transeunte paulistano oscila em termos representacionais na mesma intensidade dos vínculos sociais de natureza estamental e escravista que o prendem ao passado, ainda tão presente enquanto a escravidão africana é abolida e a República, socialmente parida.

Como veremos nas próximas páginas, tudo o que veio depois, em minha trajetória intelectual até hoje, relaciona-se direta ou indiretamente com essa descoberta interpretativa. Decidi continuar inquirindo antropológica, sociológica e historicamente no doutorado a invenção social do transeunte na São Paulo oitocentista – e, pela mediação de tal invenção na escala temporal da vida cotidiana, o problema teórico das vicissitudes socioculturais envolvidas na consolidação histórica da rua como espaço público no Brasil, com o fim da escravidão africana. Para tanto, o espaço da rua e o transeunte acabaram virando referências metodológicas cruciais. O mesmo estatuto metodológico

acabou engolfando mais tarde, e em decorrência do próprio doutorado, um outro tipo de pedestre, além da mesma rua, assim que passei a investigar etnograficamente a São Paulo do presente. Emergiu assim aquilo que venho denominando *não-transeunte*, sobre o qual escrevi bastante nos últimos anos, e de cujo processo intelectual paulatino de elaboração dão conta em especial os capítulos 3, 5 e 8 do texto de sistematização crítica.

Com base em todos esses aspectos fica evidente um derradeiro que bem poderia ter sido mencionado em primeiro lugar. Trata-se da influência que a pesquisa de mestrado exerceu sobre a continuação de minha formação pós-graduada. O tema da investigação de doutorado se inspirou em uma questão originada naquele processo. Para além de críticas ou elogios cotidianos de transeuntes à chegada do moderno nas ruas e largos da São Paulo do final do Império, foi inevitável que os pedestres da cidade vivenciassem a possibilidade da modernidade em termos socioculturais, em seu dia a dia na cidade de então. Mas como?

Foi em torno dessa inquietação teórica que se desenvolveu a pesquisa de doutorado. Em termos lefebvrianos, essa vivência sociocultural do advento da modernidade dia a dia se traduz na proposta de que o espaço urbano “vivido” corporal e simbolicamente também tenha contribuído, em termos socioculturais e histórico-sociais, para o tipo de realidade urbana produzida socialmente em São Paulo com o advento da modernidade. Basta ter em conta que, para esse autor, o corpo é referencial para a compreensão do espaço social em três momentos (dialéticos): o espaço percebido, o espaço vivido e o espaço concebido. Considerando-se que, na bibliografia referida à modernidade nas cidades europeias e norte-americanas oitocentistas, o espaço da rua é reconhecido como crucial metonímia espacial da realidade social e cultural originada a partir da difusão social da concepção de transitoriedade que caracteriza o moderno, emergiu a questão investigativa: O que a rua vivida corporalmente em meio à possibilidade de advento histórico da modernidade revelaria sobre a cidade produzida historicamente em São Paulo então? Em busca de respostas, a questão específica passou a ser: O que veio a ser, do ponto de vista dos padrões - regularidades simbólicas - relativos a sua movimentação corporal e modos de interação social na rua, o transeunte num perímetro definido de ruas e largos do núcleo urbanizado mais antigo da cidade, a chamada colina histórica? O intervalo temporal de referência para o enfrentamento do problema acabou abarcando, após reflexões que amadureceram sobretudo durante o doutorado-sanduíche, mais de um século, de 1808 a 1917.

Para tanto, vieram a tornar-se analiticamente decisivas imagens textuais e visuais da rua contidas em tipos documentais diversos que, produzidos em momentos

variados do intervalo temporal em questão, tematizam justamente regras de civilidade - ou seja, um código de conduta corporal referente à sociabilidade -, só que relativas notadamente aos pedestres nas vias e logradouros previamente delimitados. Perscrutei relatos de viagem de brasileiros e estrangeiros; cartas e relatos memorialísticos de (ex-)estudantes da primeira instituição ensino superior da cidade, a célebre Academia de Direito criada em 1827; relatos memorialísticos de mulheres de elite sobre a sua infância em São Paulo; crônicas e notícias respectivamente de *A Província de São Paulo* e, após a proclamação da República, *O Estado de São Paulo* (grafado assim, na época), mas também dos anteriormente mencionados jornais teuto-brasileiro *Germania* e ítalo-brasileiro *Fanfulla*; enfim, fotografias de rua produzidas respectivamente por Militão de Azevedo em 1862 e 1887, pelo fotógrafo suíço Guilherme Gaensly (1843-1928) e pelo italiano Vincenzo Pastore (1865-1918), afora os flagrantes de rua colecionados pelo historiador local contemporâneo Affonso A. de Freitas (1868-1930), dos quais alguns são de autoria do italiano Aurélio Becherini (1879-1939); e, enfim, as fotografias da multidão nas ruas e largos centrais durante a primeira greve geral vivenciada pela cidade, em 1917, e que apareceram em *A Cigarra*, revista de variedades da época.

Escaparia aos propósitos deste memorial retomar aqui as circunstâncias biográficas específicas que pautaram os ires e vires do processo de reflexão do qual se originou a tese, que, transformada em termos metodológicos, encontrou o seu formato mais acabado em *Ô da Rua!*. O elenco anteriormente esboçado de espaços institucionais pelos quais circulei durante o doutorado sinaliza para encontros humanos e intelectuais que calaram fundo no processo de formação intelectual que me capacitou em termos técnicos a enfrentar analítica e articular argumentativamente um leque bem amplo de fontes documentais ontologicamente muito variadas, de natureza textual e fotográfica. Ademais, tais documentos dizem respeito a um intervalo temporal bastante abrangente em um espaço considerado então socialmente insignificante: afinal, numa sociedade de fortes raízes estamentais e escravistas como a paulistana ao longo do século XIX, a rua congregava com regularidade sobretudo quem estava envolvido em trabalho braçal e na sociabilidade ali implícita.

Restringindo-me aos significados da pesquisa de doutorado para a minha trajetória intelectual, começo mais uma vez por aquele de natureza epistemológica. Além de ter, naqueles anos, racionalizado pela primeira vez o tipo de estranhamento que desde o mestrado marcara o meu modo de conhecer em termos investigativos a realidade empírica, tive como experimentar a constatação intelectual de que uma perspectiva epistemológica tem implicações metodológicas. Ficou claro para mim então que, por exemplo, a proposta de assumir a fotografia analógica como testemunho fenomênico de um momento temporal específico da interação social entre fotógrafo e

fotografados, era uma derivação metodológica de meu ponto de vista etnográfico. Não importava que a perspectiva metodológica que orienta a investigação fosse por exemplo, no meu caso, lefebvriana, institucionalmente “de um sociólogo”.

A impressão que adquiri então – e me acompanha até hoje – é de que a mais abrangente contribuição da antropologia para o conhecimento científico reside justamente nas potencialidades metodológicas que a perspectiva etnográfica abriga. Incorporar este ponto de vista, historicamente próprio da disciplina, ao processo de pesquisa, sensibiliza o pesquisador para detalhes empíricos que escapam a olhares menos exercitados no estranhamento dialético constante do próximo e do distante. No que se refere à sociologia em particular, aquilo que Mills chama de imaginação sociológica só tem a ganhar quando impregnada existencialmente daquilo que tenho denominado, em minha atividade docente, de sensibilidade etnográfica.

Quanto a suas virtudes metodológicas, o doutorado proporcionou condições institucionais para o meu primeiro contato intenso com ampla bibliografia internacional sobre a história social da rua – em particular, a modernidade ali. Desde então tal literatura tem comparecido em minhas reflexões sobre a cidade, seus espaços (públicos e corporais) e tempos. Com efeito, durante o doutorado-sanduíche pude levantar e revisar criticamente trabalhos acadêmicos sobre padrões de movimentação física e de sociabilidade nos chamados lugares – para alguns autores, espaços – públicos sobretudo em três metrópoles ocidentais historicamente referenciais para o estudo sociológico e antropológico da modernidade oitocentista: Londres, Paris e Berlim; sem mencionar referências relativas aos Estados Unidos e à América Latina.

O objetivo intelectual do estágio de pesquisa no exterior se insinuou nos primeiros dois anos do doutorado, com o avanço do levantamento do material textual e iconográfico relativo à São Paulo da Primeira República (1889-1930), e da paralela leitura de bibliografia específica sobre o tema do advento da modernidade nas ruas de cidades brasileiras oitocentistas. O quanto será que os modos de deslocar-se fisicamente e de conviver socialmente nas ruas, largos, becos e ladeiras referenciados nas fontes documentais deveriam ou não a padrões de civilidade socioculturalmente próprios do processo histórico de advento da modernidade onde quer que ele tenha ocorrido? Ou, por outra: O que, naquela história cotidiana paulistana, poderia ser considerado específico da realidade brasileira de então? As informações empíricas contidas na documentação tomavam impossível não retornar a um problema teórico tradicional nas ciências sociais brasileiras desde os seus primórdios acadêmicos, nos anos 1930: o debate sobre as lógicas de apropriação sociocultural de práticas sociais e culturais historicamente modernas no Brasil do século XIX. Cópia, originalidade, ambas?

O mergulho na literatura internacional em Oxford, Londres, Paris e Berlim, mas também, por poucos dias, em Lisboa naquele contexto, evidenciou que a modernidade europeia e norte-americana oitocentista veio de mãos dadas com a consolidação histórica da rua como lugar definido, na historiografia e sociologia relativas ao processo histórico naquelas regiões. Em geral, tal espaço é assumido como lugar de passagem física regular, no plano das regras de movimentação corporal dos pedestres, e de impessoalidade no plano dos padrões de interação social; em suma, como lugar para o domínio de regras de conduta cujo protagonista mais acabado é o transeunte – com suas variações literárias *dandy*, *flâneur*, *blasé*. Já na São Paulo do mesmo momento, se o transeunte passou a fazer parte do imaginário de certa opinião pública na segunda metade do XIX, como me mostrou o mestrado, suas regras de deslocamento físico e de convivência social pareciam contar com significativas oscilações em relação aos padrões que a bibliografia destacava. Isso sem falar na profusão de outros tipos de pedestres referenciados na documentação – de quitandeiras a camponeses, passando por homens, mulheres e crianças de elite, estudantes da Academia de Direito, mas também gente escrava, liberta e forra envolvida em atividades de trabalho braçal e na convivência social ali implícita.

Tive então como reaproximar-me novamente, só que de modo empiricamente bem mais balizado, daquela minha inquietação de iniciação científica em relação à necessária relatividade de conceituações sobre a realidade urbana produzidas com base em empirias outras, quando se trata de compreender sociológica e antropologicamente nossas próprias cidades. Na tese de doutorado foi possível propor pela primeira vez uma reflexão de natureza metodológica sobre o assunto que, em *Ô da Rua!*, aprofundi através de interlocução com o pensamento social brasileiro dedicado à circulação de práticas e ideias modernas no Brasil oitocentista: mais vale assumir categorias conceituais desenvolvidas para explicar contextos urbanos europeus e norte-americanos como *contrapontos* do que como paradigmas *conceituais*, quando se trata de interpretar especificidades locais. Quando assumidas paradigmaticamente, tais categorias acabam obliterando as muitas histórias que definem as idiossincrasias da história urbana brasileira. Já diverso é o resultado interpretativo quando o diálogo se dá no plano metodológico, pelo que o uso de métodos como o dialético lefebvriano atestam. Trata-se de um equacionamento no qual desde então avancei sobretudo graças às interlocuções bibliográficas e acadêmicas que o estágio pós-doutoral de um ano em Berlim viabilizou. O texto de sistematização crítica está atravessado do início ao fim pelas implicações investigativas e interpretativas dessa postura metodológica de natureza conceitual, embora eu a detalhe sobretudo nos capítulos 1 e 2.

Não há como abordar uma segunda contribuição metodológica do doutorado para a minha trajetória intelectual sem salientar que ali e então me iniciei num debate que, vigente principalmente nos Estados Unidos e na França entre sociólogos formados ou inspirados por Goffman, diz respeito ao tipo de sociabilidade e de civilidade do qual o transeunte é protagonista. Viabilizada sobretudo durante o doutorado-sanduíche, essa interlocução foi ao encontro de uma necessidade investigativa com a qual as informações empíricas coletadas previamente em São Paulo tinham me defrontado.

Embora a sociologia lefebvriana da vida cotidiana, com a qual eu trabalhara sobretudo até então, ressaltasse a importância metodológica do corpo no espaço vivido, percebido e concebido, os detalhes etnográficos relativos à civilidade contidos nas fontes documentais me sugeriam a relevância de aprender também acerca da dinâmica fina e fugaz das interações sociais mediadas corporalmente. E sobre isso Lefebvre não oferece indícios precisos. Sinalizado nas aulas e em publicações de Martins sobre as relações entre senso comum e vida cotidiana que naqueles anos vieram a público, o tema abre espaço investigativo para as possibilidades de vinculação metodológica entre as vertentes dialética e fenomenológica de estudo sociológico da vida cotidiana. Foi justamente durante o doutorado-sanduíche que comecei a instrumentalizar-me intelectualmente para enfrentar o problema por referência a transformações nos modos como os pedestres viveram corporalmente a rua no centro de São Paulo entre o início do século XIX e os primórdios do XX. Senti-me assim instigada a articular, no plano metodológico, as “técnicas corporais” de Marcel Mauss com a reflexão lefebvriana sobre os ritmos – que conheci em Paris – e a discussão goffmaniana sobre o “idioma corporal”³, a fim de identificar analiticamente transformações nas regras tanto daquilo que chamei de comportamento corporal quanto das interações sociais dos pedestres paulistanos entre dois intervalos temporais (1808-1860 e 1880-1917). O que ignorava plenamente, ao concluir a tese, é que tinha início ali uma “longa história”. Integra, de fato, o meu projeto intelectual mais amplo o problema teórico de como articular a dialética lefebvriana e a fenomenologia goffmaniana para fins metodológicos, sendo o objetivo conceituar o que modos fugazes de se comportar fisicamente e de interagir socialmente nos lugares públicos paulistanos podem revelar acerca da produção do espaço urbano (e em particular espaços públicos) ali. A sequência de capítulos que estrutura o texto de sistematização crítica visa justamente documentar o percurso de minha reflexão a respeito, desde o término do doutorado.

³ Cf. respectivamente Marcel Mauss, “Les techniques du corps [1936]”, em Mauss, *Sociologie et anthropologie*, Paris, Quadrige/PUF, [1950] 1997, pp. 363-386, Lefebvre, *op. cit.*, 1992, e Erving Goffman, *Behavior in Public Places*, New York, The Free Press, 1963, pp. 33-35.

À luz desses aspectos, evidencia-se que, em termos teóricos, uma crucial contribuição da pesquisa de doutorado para a minha trajetória intelectual foi o problema investigativo que me legou, e que marca o meu projeto intelectual desde então. Trata-se da preocupação em compreender o que corpos humanos em movimento físico e interação social dia a dia nos lugares públicos revelam acerca de como processos históricos mais amplos se espacializam notadamente nas cidades, com destaque empírico para São Paulo. Decerto nada disso me era claro, ali e então. Depois de anos escrevendo a respeito, foi só no processo de reflexão sobre o formato de texto que, no âmbito do concurso de livre-docência, melhor explicitaria o atual momento de minha trajetória intelectual, que tal sentido teórico do percurso investigativo após o doutorado se evidenciou de maneira sintética para mim mesma. O texto de sistematização crítica é seu documento mais acabado.

Intimamente ligado a esse aspecto de natureza teórica, um segundo cujo efeito sobre minha trajetória intelectual foi duradouro é o objeto investigativo da pesquisa de doutorado: as regras de conduta dos pedestres na rua pela mediação de seus corpos. Na verdade, foi num texto de Fernandes sobre a “etiqueta da relações sociais” na São Paulo escravista, lido ainda no mestrado, que tive o meu primeiro contato com dados documentais relativos a “normas de boas maneiras” na rua da cidade de então⁴. Aguçou-se assim a minha sensibilidade tanto para os *insights* inspiradores de Bastide a respeito do “complexo do sapato” no Brasil⁵, quanto, já no doutorado, para as referências indiretas a respeito no Mauss das técnicas corporais. Ademais, notei então a virtual ausência do tema em autores como Elias - a despeito de sua atenção ao tema no âmbito de instituições -, e Foucault - apesar de seu enfoque sobre a disciplina e as políticas de controle social das chamadas populações (ao menos nas obras desse autor com que tive contato por ocasião da reflexão que desenvolvi a respeito como trabalho final da disciplina ministrada por Sérgio Adorno, durante o meu doutorado).

Explicitado em *Ô da Rua!*, tal estranhamento fez par com o acolhimento que, em relação ao objeto, encontrei na bibliografia que conheci durante o doutorado-sanduíche. Crucial nesse sentido foi, de um lado, o contato com a abordagem goffmaniana sobre aquilo que ele chama de regras de conduta, regularidades simbólicas de cunho moral socialmente definido que impregnam o idioma corporal dos indivíduos, quando em copresença física: sua aparência corporal e seus atos pessoais, de trajes a expressões

⁴ Cf. Florestan Fernandes, “Cor e estrutura social em mudança”, em Bastide e Fernandes, *Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo*, São Paulo, Anhembi, 1955, pp. 86-87.

⁵ Cf. Roger Bastide, “Estudos afro-brasileiros”, *Revista do Arquivo Municipal*, 98, 1944, pp. 81-103,

emocionais passando por movimento e posicionamento físico, gestos, posturas⁶. A perspectiva me abriu, de um lado, para todo um mundo de referências bibliográficas de cunho sociológico – com destaque para a obra da socióloga Lyn Lofland, aluna de Goffman e autora de dois livros referenciais sobre as regras de interação social nos espaços públicos das chamadas cidades modernas norte-americanas, britânicas e da Europa Meridional⁷. De outro lado, a abordagem aproximou-me de trabalhos antropológicos e historiográficos anglo-americanos e franceses sobre gestos e posturas, e a chamada comunicação não verbal em geral. O tema comum: possibilidades analíticas que *padrões* de comportamento físico e de interação social abrigam para quem, como eu, se interessava – e até hoje – por uma compreensão sociológica dos corpos em movimento na rua. E, no entanto, ao mesmo tempo o alcance teórico da abordagem goffmaniana permanecia circunscrito aos limites situacionais das interações sociais – aspecto que tive como explicitar mais recentemente, em artigos cujas versões revistas constituem os capítulos 11 e 13 do texto de sistematização crítica. Com efeito, a minha formação sociológica à época não me permitia aferir integralmente as implicações metodológicas dos escritos do autor sobre as regras de conduta.

De todo modo, em certo sentido já então intuí isso. Caso contrário, provavelmente não tivesse sido tão impactada, de outro lado, pela proposta lefebvriana de que repetições temporalmente cíclicas e lineares são indutoras de “maneiras”, e de que, “objetivamente, para que haja *mudança*, é necessário que um grupo social, uma classe ou uma casta intervenham ou imprimam um ritmo a uma época, seja pela força, seja de modo insinuante”⁸. Como essa perspectiva ritmanalítica, embora peculiar na trajetória intelectual do próprio Lefebvre, é indissociável da ênfase que o próprio autor, poucos anos antes, dera às representações valorativas como guias de ação⁹, ela reforçou em mim a convicção de que regras de conduta poderiam revelar processos sociais mais abrangentes, e não apenas a ordem social vigente situacionalmente. Contemplada retrospectivamente, a trajetória intelectual que após o doutorado tem explorado tal objeto de análise em termos metodológicos e teóricos em torno dessa hipótese. O que a estrutura de capítulos do texto de sistematização crítica também visa evidenciar.

Faz par com essas duas facetas teóricas da pesquisa de doutorado com efeitos

⁶ *Idem*, p. 8, e Erving Goffman, *Interaction Ritual*, New York, Anchor Books, 1967, pp. 3-4.

⁷ Cf. de Lyn Lofland respectivamente *A World of Strangers*, Prospect Heights, Waveland Press [1973] 1985, e *The Public Realm*, New York, Aldine De Gruyter, 1998.

⁸ Cf. Lefebvre, *op. cit.*, 1992, p. 25, grifo no original.

⁹ Cf. Henri Lefebvre, *La présence et l'absence*, Paris, Casterman, 1980, p. 81.

estimulantes sobre a minha trajetória intelectual uma terceira: sua principal descoberta interpretativa, que diz respeito ao tipo de “sociedade urbana” lefebvriana que se consolida como possibilidade histórica em São Paulo com o advento da modernidade¹⁰. A referência é o urbano em termos lefebvrianos, “realidade social virtual” marcada pela expansão contraditória do chamado tecido urbano, “conjunto de manifestações do domínio da cidade sobre o campo”¹¹. Em meio a uma complexa dinâmica histórico-social que unia, ao mesmo tempo em que separava, viajantes, (ex-)estudantes, ex-meninas de elite, jornalistas e fotógrafos de rua em torno da temática da civilidade, nas ruas e largos do centro histórico de São Paulo entre 1808 e 1917, o corpo do transeunte emerge como mediação reveladora de uma sociedade urbana na qual cada vez mais pedestres tendiam a circular, conforme preconizado pelas ciências sociais dedicadas a conceituar padrões de movimentação física nas ruas das grandes cidades europeias e norte-americanas oitocentistas. Porém suas formas de interagir socialmente com terceiros nas ruas centrais mobilizavam ativamente, ao lado da impessoalidade enfatizada pela bibliografia especializada, uma personalidade historicamente própria de referenciais socioculturais estamentais. Em outras palavras, uma mediação simbólica crucial para o relacionamento social era a alocação instantânea do pedestre no espaço social paulistano. No espaço da rua, e no espaço que era o corpo do transeunte. Tais regras sinalizam para uma rua muito específica em termos socioculturais e histórico-sociais: um espaço que, embora com o fim da escravidão africana se tornasse pela primeira vez público – isto é, de acesso legal irrestrito a qualquer hora do dia e da noite -, não deixava de se manter eminentemente cerimonial, como nos idos estamentais e escravistas. Em plena modernidade. Trata-se, por tudo isso, de uma rua inconfundível com o espaço virtualmente supra-histórico de impessoalidade e de presença do Estado tensionadas pelas pressões da casa, como propôs Roberto DaMatta em seus estudos. De fato, esses padrões de convivência social só se tornaram historicamente possíveis ali com o advento da modernidade. Porém antes disso - e durante e depois também (ao menos até os anos 1910 por mim inquiridos empiricamente) -, o que houve no centro de São Paulo foi um espaço marcado de modo indelével pela regra da personalidade nas interações sociais entre pedestres.

Tais constatações não prescindiram de um aprofundamento historiográfico, sociológico e antropológico em uma plêiade absolutamente variada de outros pedestres das ruas e largos paulistanos cujos padrões de comportamento corporal e de interação social se mantiveram relativamente inalterados, ali, durante todo o intervalo temporal

¹⁰ Cf. Henri Lefebvre, *La révolution urbaine*, Paris, Gallimard, 1970a, pp. 7-8.

¹¹ *Idem*, p. 10.

investigado: comerciantes ambulantes, camponeses, condutores de veículos e pedestres socialmente marginalizados (denominados na documentação de “mendigos”, “prostitutas”, “vadios”, “vagabundos”). Aplicar o método regressivo-progressivo ao material documental evidenciou que as datas históricas da permanência física regular e da personalidade na rua provêm no mínimo das primeiras décadas do Oitocentos.

Tais fenômenos suscitaram a minha curiosidade em relação ao fenômeno urbano paulistano no próprio início do século XXI no qual eu concluía o meu doutorado. No perímetro análogo de ruas e praças desse momento, sobretudo durante o horário comercial dos dias úteis, minha simples observação direta como transeunte sugeria que o padrão de comportamento corporal do deixar-se ficar fisicamente com regularidade na rua permanecia presente e ativo, em meio ao fremente e impessoal trânsito de transeuntes, veículos e mercadorias de um mundo cada vez mais globalizado em termos econômicos. Mas o que seria das regras de interação de tais pedestres que não transitavam? E um problema teórico definido de investigação começou a insinuar-se: Que características socioculturais do fenômeno urbano em São Paulo em meio à globalização econômica, a vida cotidiana dos usuários da rua ali teria como revelar? Do ponto de vista ao menos dos comportamentos corporais dos pedestres que nas ruas permaneciam fisicamente dia a dia, para fins econômicos ou de sociabilidade, parecia que a maior metrópole da América do Sul, uma das maiores do mundo, contrariava um diagnóstico comum na sociologia e da antropologia dedicadas investigativamente à vida cotidiana nas grandes cidades contemporâneas: o da vigência absoluta da mobilidade e da fugacidade de tudo e todos ali. Isso embora essa mesma mobilidade e fugacidade não deixassem de se fazer presentes.

A inquietação sinalizava que, após quase uma década de estranhamento sociológico e antropológico do passado de São Paulo, era hora de retornar ao presente etnográfico. Entretanto, sem descurar do enriquecimento metodológico e teórico trazido por tal estranhamento. Aí outros mundos se insinuaram, fronteiras a serem apropriadas. Estas se somaram a outras, desta vez acadêmicas, para as quais o status biográfico de pós-graduada abriu espaço – e tempo.

A fronteira como (meu) mundo

Do ponto de vista acadêmico, o principal efeito do término de vigência da bolsa FAPESP foi a possibilidade da docência em instituições de ensino superior. Considerando que as chamadas faculdades particulares constituíam a principal via de acesso à docência universitária, naquela conjuntura político-educacional então absolutamente parca de concursos públicos, tive sorte. Afinal, fui convidada a dar aulas em duas instituições paulistanas engajadas em ensino superior de qualidade. A formação intelectual fronteiriça entre antropologia, sociologia e história (urbana) amparou criativamente a minha atuação como professora horista, de um lado, da disciplina “História da Cidade”, na graduação em arquitetura e urbanismo da Escola da Cidade, faculdade então recente em São Paulo e criada por pós-graduandos da FAU-USP. De outro lado, penso nas disciplinas de teoria antropológica, de antropologia urbana e de métodos de pesquisa qualitativa para o curso de graduação em sociologia e política, e em uma disciplina de teoria antropológica para a pós-graduação *lato sensu* em “Globalização e Cultura”: tudo isso na historicamente pioneira Escola de Sociologia e Política (ESP), herdeira da primeira instituição de ensino superior de sociologia do Brasil que, fundada em 1933, hoje integra a anteriormente já mencionada FESPSP, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

A ampla liberdade de concepção curricular que ambas as instituições me asseguraram resultou na oportunidade de imprimir aos programas da disciplina de história um forte caráter sociológico e antropológico, e àqueles dos cursos de antropologia e sociologia uma indelével visada historiográfica. De fato, como ilustram as ementas disciplinares que integram o material comprobatório deste memorial, incorporei aos conteúdos de história urbana a contribuição que autores como Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes e Antonio Candido deram à historiografia brasileira, em especial àquela referida à fundação, consolidação e expansão de cidades no país. Tal fato na verdade não surpreende, se levarmos em conta uma afirmação de Antonio Candido no prefácio da edição de *Raízes do Brasil* de 1967: “Os homens que estão hoje um pouco para cá ou um pouco para lá dos cinquenta anos aprenderam a refletir e a se interessar pelo Brasil sobretudo em termos de passado”¹². Nos dois anos em que ensinei na Escola da Cidade, dediquei-me justamente a sensibilizar os alunos para a importância da história na compreensão da

¹² Cf. Antonio Candido, “O significado de *Raízes do Brasil* [1967]”, em Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, [1936] 2006, pp. 235-250.

vida social no presente, em particular nos lugares públicos paulistanos (cuja história era o tema principal do primeiro semestre da disciplina) e dos espaços de moradia (abordados no segundo semestre). Quanto às disciplinas na ESP, incorporei em minha prática pedagógica, como já indiquei, a máxima de Bourdieu sobre a importância de, no estudo de qualquer tema, reconstituir a história social de sua emergência como problema.

Sociologia e antropologia para os estudantes de história da cidade, história para os estudantes de sociologia e antropologia; e para todos, aulas de rua. Inspirando-me nas excursões pedagógicas de José de Souza Martins ao centro e ao subúrbio paulistano, e das quais participo desde a graduação, integrei em definitivo esse tipo de atividade a minha prática pedagógica. A proposta é assim sensibilizar empiricamente a imaginação sociológica dos alunos em relação à cidade. Invariavelmente, as minhas disciplinas optativas na graduação preveem esse tipo de atividade, que expando também, sempre que logisticamente possível, a cursos obrigatórios.

Quando ressalto que tive sorte, refiro-me também ao fato de que a estrutura institucional em particular da FESPSP naqueles anos me permitiu transcender a rotina de uma professora horista alocada em duas faculdades paulistanas diversas – dia a dia este que, diga-se de passagem, já era significativamente atenuado pelo surpreendente fato (para moradores de São Paulo) de que as sedes das duas instituições se localizam a poucos metros uma da outra, e numa mesma rua. Depois de um ano de Escola da Cidade e de um semestre de ESP, fui convidada pela diretoria da FESPSP a coordenar junto ao Núcleo de Pesquisas da instituição uma pesquisa sociológica e antropológica de natureza qualitativa sobre a vida cotidiana dos moradores do perímetro historicamente mais antigo do paulistano bairro da Mooca. Qual seria o perfil social dos habitantes (em geral migrantes nordestinos e imigrantes bolivianos) da chamada Mooca Baixa, suas atividades socioeconômicas, seus vínculos com o poder público e com o mercado imobiliário, mas também suas representações acerca da infraestrutura urbanística e de políticas públicas vigentes na área, para não mencionar o passado do perímetro, tracejado por aquele que foi o primeiro “caminho do mar” que existiu entre o litoral e o planalto paulista nos primórdios da colonização portuguesa? A proposta da instituição era assim reavivar a tradição investigativa das primeiras gerações de professores e estudantes da ESP: a conjugação entre docência e pesquisa em torno de temas relacionados à vida cotidiana na cidade de São Paulo. Virtualmente um milagre num país cuja estrutura de ensino superior privado previa – e prevê até hoje – não mais que atividades de docência horista, o projeto que elaborei em torno da rubrica “Laboratório Social – Mooca” me instigava a uma nova pesquisa científica. Só que agora o formato obedecia àquilo que Fernandes chamou de “pesquisa aplicada” em ciências

sociais, e meu papel seria o de coordenadora de uma equipe de 23 estudantes de graduação em sua maior parte voluntários, além de graduandos e recém-graduados que no Núcleo de Pesquisas atuavam por meio de bolsas respectivamente de iniciação científica e de aperfeiçoamento/especialização.

Se o dispêndio de tempo envolvido no projeto acarretou a necessidade de abdicar das aulas na Escola da Cidade, abriu, de outro lado, espaço institucional para uma aproximação mesmo que singela em relação ao leque de atividades profissionais que caracterizam o regime de dedicação integral à docência universitária. Além de continuar atuando como docente de graduação – a que se somou a pós-graduação *lato sensu* -, passei a ser remunerada para coordenar uma pesquisa e participar de eventos científicos; tudo isso de mãos dadas com orientações de iniciação científica e de aperfeiçoamento/especialização, às quais se somou uma pesquisa de iniciação científica financiada pela FAPESP. Assim, embora eu continuasse professora horista, o período “espiano” me certificou de que o objetivo profissional a ser concretizado após o término do doutorado era mesmo o de encontrar condições institucionais para a dedicação integral à docência e pesquisa universitárias.

Já no que se refere à trajetória intelectual propriamente dita, o impacto da experiência na ESP foi de natureza tanto metodológica quanto temática, por assim dizer. As questões a serem exploradas no projeto de pesquisa demandaram a conjugação de técnicas qualitativas distintas – de pesquisa documental a entrevistas semiestruturadas, passando por observação direta e participante -, uma equação em cujo encaminhamento prático passei a me aprofundar com a ajuda de bibliografia sobretudo de visada sociológica. O fato de a experiência vir acompanhada da docência em metodologia de pesquisa qualitativa, a qual, por sua vez, se incrementou vigorosamente após o meu ingresso na USP como professora de sociologia, acabou por fazer de mim uma pesquisadora desprovida de qualquer preferência prévia por uma ou outra técnica investigativa. Essa era com efeito a tendência que prevalecia entre meus colegas antropólogos devotados a temas urbanos: a observação participante integrava um *parti pris* prévio à própria investigação. Já o contato com a bibliografia sociológica sobre metodologia qualitativa evidenciava que os procedimentos investigativos a serem adotados pelo pesquisador são indissociáveis do próprio problema de pesquisa e, em particular, da perspectiva metodológica adotada para inquiri-lo. Especialmente instrutiva nesse sentido se tornou para mim uma sugestão formulada por Martins aos estudantes de pós-graduação em sociologia da USP durante uma entrevista nos anos 1990: “Sempre que você faz a pesquisa empírica, tem que transplantar os pressupostos lógicos da sua orientação metodológica para o plano operacional daquilo que você vai

investigar e dos procedimentos que você vai adotar na investigação”¹³. Inspirado, como constatei mais tarde, pela distinção entre métodos de investigação e de interpretação cunhada pelo Fernandes de *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica* (1959), que me acompanha desde os preparativos para o concurso de ingresso no Departamento de Sociologia da USP, o alerta passou a balizar as minhas pesquisas. Tanto que não hesitei em relembrar o equacionamento de Fernandes em momentos diversos de minha trajetória intelectual depois do doutorado, como evidenciam em particular os capítulos 1, 6 e 9 do texto de sistematização crítica.

Já no que diz respeito à repercussão temática do período na ESP sobre a minha trajetória intelectual, penso em especial em meu contato de então com a história das ciências sociais em São Paulo. Enquanto os orientandos de iniciação científica e aperfeiçoamento/especialização se dedicaram empiricamente aos temas relativos ao dia a dia da Mooca, eu imergi, no Setor de Documentação da FESPSP, em um levantamento documental sobre a história da relação da ESP com a pesquisa urbana, com destaque para as ementas das disciplinas ali ministradas desde o início. Evidenciaram-se assim vínculos pedagógicos insuspeitados entre a então recém-criada Escola Livre de Sociologia e Política e a poucos meses mais jovem Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Horace Davis, Samuel Lowrie e, mais tarde, Donald Pierson deixaram de ser “apenas” autores de investigações empíricas pioneiras respectivamente sobre o padrão de vida de operários e dos funcionários da limpeza pública da cidade, e sobre a “comunidade” de Cruz das Almas (Araçariguama). Foi possível entrever o seu protagonismo na institucionalização da pesquisa urbana em São Paulo a partir de um diálogo sempre criativo com a USP.

A investigação documental foi amplamente ao encontro de um anseio que já perseguia no mínimo desde o final da graduação: enraizar-me na história das ciências sociais no Brasil. Nesse sentido, aliás, desde o início do doutorado realizava com Samuel Titan Jr., colega de doutorado do Departamento de Crítica Literária da USP, uma pesquisa a respeito dos ensaios jornalísticos sobre estética que três dos primeiros professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide e Jean Maugüé, elaboraram em seus “anos brasileiros”. Bem mais recentemente, a investigação foi publicada respectivamente num dossiê para a *Revista da Biblioteca Mário de Andrade* (2009) e na antologia *Roger Bastide: Impressões do Brasil* (Imprensa Oficial, 2012). Já a pesquisa nos arquivos da FESPSP me forneceu subsídios para compreender a história social de emergência de meu cenário espacial primordial de estudo e pesquisa, a cidade de São Paulo, na sociologia e antropologia

¹³ Cf. José de S. Martins, *A Sociabilidade do Homem Simples*, São Paulo, Contexto, 2008, p. 138.

brasileiras. Desde então, tal interesse se mantém, e o reatualizo sempre que possível nas disciplinas que ministro e nos textos que escrevo. O capítulo 2 do texto de sistematização crítica vai, a seu modo, nessa direção.

Naquele momento mesmo as atividades docentes e de orientação, de coordenação e pesquisa na ESP conviveram com o processo de elaboração de um projeto de pesquisa próprio, em regime de recém-doutorado, que desse forma às inquietações intelectuais que emergiram no processo de escrita da tese. Intitulado “A metrópole dos usuários das ruas do centro de São Paulo”, tratava-se de investigar características socioculturais da metrópole paulistana do início do século XXI que sobressaíam das regras envolvidas naquilo que eu então chamava de usos do corpo em ruas e praças tanto da colina histórica quanto de certo perímetro entre o Vale do Anhangabaú e a Praça da República paulistana por parte dos usuários dessas mesmas ruas e praças – e pensava então nas potencialidades teóricas da noção de uso da cidade (qualitativo e em contradição imanente com o consumo, quantitativo) que se encontram na obra de Lefebvre. Portanto, interessava-me também o papel metodológico do corpo e do espaço para a compreensão da sociedade urbana na contemporaneidade, considerando que “o corpo vivente é um espaço e *possui* seu espaço: ele se produz ali e o produz”¹⁴. E o meu contato ainda inicial e exploratório com o campo e com bibliografia especializada sugeria, como hipótese investigativa, que as regras de comportamento corporal e de interação social ali vigentes fossem historicamente indissociáveis das transformações urbanísticas pelas quais o centro histórico paulistano foi engolfado na segunda metade do século XX, e que começaram a ser inauguradas na década de 1970 em diante, no contexto da última ditadura militar (1964-1985).

Tudo isso começava a entrar em processo quando o acaso pediu licença. Menos de um ano depois do término de meu doutorado, o Departamento de Sociologia da USP abria um concurso para duas vagas de professores doutores em regime de dedicação integral à docência e pesquisa em “Sociologia Clássica e Contemporânea”. Além de representar a possibilidade de uma carreira dedicada exclusivamente à docência e pesquisa universitárias, pesou nesse momento o passado da instituição que promovera o concurso. Ali eu não apenas iniciara a minha formação acadêmica. Suas raízes históricas se assentam em um projeto pedagógico e investigativo com o qual, quanto mais estudava, mais me identificava pessoal e intelectualmente. Refiro-me à proposta de Bastide de, como ele sintetizou décadas mais tarde numa entrevista à socióloga Irene Cardoso, do Departamento de Sociologia da USP, na presença de Florestan Fernandes,

¹⁴ Cf. Lefebvre, *op. cit.*, [1974] 2000, p. 199.

desenvolver na Sociologia, como dizer, o espírito de uma Sociologia brasileira. Muitas vezes conversamos sobre isso. No começo pedi muitas pesquisas empíricas, porque aqui as pessoas gostavam de uma sociologia impressionista, uma sociologia muito bonita, muito linda, mas fora da realidade. Eu pedi muitos estudos de Sociologia empírica aos alunos. Mas depois, quando uma Sociologia brasileira apareceu, eu pedi para fazer teoria. Dizendo que se deveria tirar da realidade uma teoria brasileira, e não impor aos fatos brasileiros uma Sociologia nascida na América do Norte ou na Europa – o funcionalismo, o marxismo... Não que não se pudesse encontrar depois uma convergência, mas se devia partir das realidades brasileiras¹⁵.

Se já as disciplinas de graduação ministradas por Martins tinham me instigado em relação ao projeto histórico do qual a sociologia da USP foi simultaneamente fruto e vetor, até que as cassações e aposentadorias compulsórias do período ditatorial (1969) entrassem em cena, a síntese de Bastide, com a qual me deparei por acaso durante os anos de ESP, acolhia em termos programáticos a “velha” inquietação intelectual que me acompanhava desde a Alemanha. Evidenciou para mim mais uma vez, só que por um ângulo alternativo, que houve sim uma instituição universitária preocupada em fomentar ensino, pesquisa empírica e teoria em sociologia em prol do Brasil “nos seus próprios termos”. Sendo o Departamento de Sociologia da USP o herdeiro mais imediato desse projeto pedagógico e acadêmico, a vontade apontou, uma vez mais, o caminho. Em setembro de 2006 fui nomeada professora ali. E, favorecida pela estabilidade profissional prevista na carreira, minha trajetória intelectual adentrou uma nova fase, de consolidação da fronteira como (meu) mundo.

Mas uma fronteira específica. Logo que ingressei no Departamento de Sociologia senti a necessidade de redefinir em termos identitários o lugar disciplinar a partir do qual passaria a falar ao mundo. Afinal, à condição profissional de antropóloga se agregaria em definitivo a de professora de sociologia da USP. Mais uma vez, o projeto intelectual com o qual me identificava veio em meu socorro. Por mais receptiva à interdisciplinaridade que a sociologia da USP tivesse sido historicamente, a vertente investigativa com a qual me identificava e identifico assegura um lugar preciso para a disciplina sociológica no leque de áreas de conhecimento científico devotadas à investigação da vida social. O que particulariza a sociologia é, como já salientei anteriormente com a ajuda de Fernandes, o seu ponto de referência na descrição dos fenômenos sociais. Nessa delimitação de natureza epistemológica e seus desdobramentos metodológicos – a díade método de investigação-método de

¹⁵ Cf. Irene Cardoso, “Entrevista com Roger Bastide. Realizada em São Paulo, a 18/8/1973”, *Discurso*, 16, 1987, p. 188.

interpretação, por exemplo –, encontrei um porto seguro a partir do qual passar a desenvolver o meu próprio projeto intelectual como professora do Departamento de Sociologia da USP. A perspectiva epistemológica etnográfica que trouxera comigo da pós-graduação em antropologia social não perdia sentido; pelo contrário. Afinal, “o nível de organização da vida” que interessa a uma sociologia devotada aos “primatas humanos” é a “ordem sociocultural”, na qual “os organismos se tornam capazes de produzir cultura, de transmiti-la e de criar, por meio dela, importantes transformações nos recursos adaptativos condicionados biológica ou psicologicamente”¹⁶. Não por ser funcionalista e tributário da sociobiologia da época, “filho de seu tempo” que era, o linguajar de Fernandes é menos inspirador quando se trata de equacionar a contribuição epistemológica da antropologia para a sociologia. Quando inquire características da teia de interações e relações sociais dos seres humanos, o sociólogo necessariamente tem de sensibilizar-se para o papel que as mediações simbólicas – “culturais” – exercem nessas interações e relações sociais.

Amparada pela solidez teórica dessa fundamentação disciplinar, senti-me à vontade para deixar a plêiade de vivências acadêmicas que então se anunciaram atuar sobre minhas ideias relativas tanto à docência quanto à pesquisa – lembrando uma máxima que Etienne Samain gosta de repetir parodiando Gregory Bateson: “Devemos deixar os dados da existência trabalharem nossas ideias, e não nossas ideias trabalharem os dados da vida”. Ao mesmo tempo em que eu encerrava, mediante um relatório final e um seminário público com toda a equipe, meus compromissos de pesquisa junto à FESPSP, dava início à multifacetada carreira de professora doutora da USP. E a fronteira-mundo começava a assumir contornos bem peculiares, moldando a minha trajetória intelectual até hoje.

Para esboçar aqui tal silhueta, privilegiarei as experiências acadêmicas que, relativas às duas vertentes básicas de minha atuação profissional na USP dos últimos quase onze anos, mais impactaram a fronteira de ideias na qual hoje me movo.

Quanto à docência, vale ressaltar de antemão que ingressei num departamento tradicionalmente receptivo, em termos institucionais, ao diálogo interdisciplinar. Significativa nesse sentido era – e é – a presença, na grade curricular, tanto de disciplinas de graduação (introdutórias à teoria e aos métodos sociológicos) destinadas aos alunos de ciências sociais em geral, quanto de disciplinas (introdutórias ao pensamento sociológico) chamadas externas, destinadas a alunos da Faculdade de Direito, do Instituto de Psicologia, da Escola de Enfermagem e do curso de Terapia Ocupacional da USP. Até hoje tenho me envolvido em ambos os tipos de atividade, que

¹⁶ Cf. Fernandes, *op. cit.*, 1970, p. 23.

me fizeram logo constatar o quanto o perfil docente fronteiriço construído previamente se tornara parte de mim. Tem sido prazeroso elaborar ementas disciplinares sensíveis às demandas formativas dos respectivos públicos-alvo em áreas com as quais não tenho familiaridade prévia.

Não espanta que tal liminaridade tenha impregnado também os programas das disciplinas optativas de (pós-)graduação que até hoje propus ao Departamento de Sociologia e a seu Programa de Pós-Graduação. Porém, hoje identifico nesse âmbito uma fronteira específica. Afinal, rastrear os modos como o pensamento sociológico na Alemanha, na França, nos Estados Unidos e no Brasil abordou ao longo de sua história respectivamente a cidade, o espaço e a vida cotidiana, acarreta dialogar em especial com a geografia, a arquitetura e o urbanismo, a antropologia e a história. Tal interdisciplinaridade tem sido explorada também nas atividades de orientação universitária. O perfil de estudante que tem me procurado para pesquisas de iniciação científica (em que me engajei logo a partir dos primeiros meses na instituição) e de pós-graduação (em cujo programa só fui credenciada mais de dois anos após o ingresso na USP, obedecendo à regra então vigente) é o de gente que, no âmbito da própria sociologia, se interessa por interlocuções teóricas e metodológicas com tais áreas de conhecimento. Aliás, foi com o objetivo de fomentar institucionalmente estudos e pesquisas discentes em especial em torno do espaço como objeto cognitivo da sociologia, que criei em 2011 no Departamento o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Espaço (NEPSE). Até dar início à elaboração de minha candidatura à livre-docência, promovi ali para orientandos um programa de leituras e discussões quinzenais precisamente sobre sociólogos devotados em termos metodológicos a congregar cidade, espaço e vida cotidiana, com destaque para a obra de Lefebvre. Enfim, não por acaso minhas atividades de extensão universitária têm obedecido a uma lógica análoga. Demandas sociais relativas a tais temas subjazem aos convites para aulas, cursos, palestras e conferências nos quais me engajo; e mesmo, diga-se de passagem, ao meu envolvimento esporádico em iniciativas de projetos e de eventos científicos relativos ao ensino de sociologia no ensino médio.

Evidentemente, nada disso pode ser desvinculado da trajetória de pesquisa que desenvolvo desde o ingresso na USP. Contemplado retrospectivamente, o reequacionamento identitário que mencionei há pouco foi apenas o impulso inicial de uma disposição geral de “abertura ao novo” que me tomou existencialmente, quando cheguei na instituição. Isso ao mesmo tempo em que eu arrematava projetos iniciados ainda antes do concurso: além da pesquisa junto à FESPSP, a tradução para o português e apresentação do primeiro livro de Marshall Sahlins sobre os vínculos entre estrutura e processo, problema teórico esse associado ao da relação entre vida

cotidiana e História, que me acompanhava desde a pós-graduação. Enlevada pelo espírito de receptividade a novidades, estava convicta de que só teria a ganhar, em termos intelectuais, se não hesitasse em reformular o projeto intitulado “A metrópole dos usuários das ruas do centro de São Paulo” com base nas experiências acadêmicas ligadas às atividades de pesquisa, e implícitas na nova posição profissional.

A despeito da inegável combinação entre acaso e intencionalidade que, entre 2006 e hoje, esteve subjacente a tais vivências em termos factuais, optei aqui por enfeixá-las em três tipos sincrônicos, para fins de síntese. Refiro-me, em primeiro lugar, à (co-)organização de eventos científicos diretamente ligados a minhas preocupações teóricas e metodológicas de pesquisa. Assim, uma vertente de atuação acadêmica em que já vinha investindo desde minha pós-graduação passou a dialogar de modo mais diretivo com o meu anseio por interlocução sobre, de um lado, modos de apreender sociológica e antropologicamente o que a vida cotidiana em determinados espaços das cidades brasileiras revela, em termos conceituais, sobre as mesmas. Grupos de trabalho como “A cidade e seus lugares: Práticas e representações” (2006) e, mais recentemente, “De cidades à cidade no Brasil: Tempos e/ou espaços” (2014-2015), mas também a mesa-redonda “A vida cotidiana na metrópole contemporânea como um problema da sociologia” (2009) e o simpósio “São Paulo encuentra a la Ciudad de México: Estudios urbanos en diálogo” (2012) foram iniciativas nessa direção. Por um ângulo um pouco diverso, a vontade de refletir coletivamente sobre como analisar e conceituar sociologicamente cidades (brasileiras) em meio à globalização, levou-me a propor a mesa-redonda “A diferença entre cidades como problema das ciências sociais” (2009) e, já durante o pós-doutorado berlinense, tanto um *workshop* internacional acerca de “sociologias germano-ibero-latino-americanas sobre a cidade no século XXI” quanto um colóquio referente ao que seria a sociologia urbana alemã de um ponto de vista brasileiro (2010); ademais, já após o meu retorno a São Paulo, um simpósio (2013) e um grupo de trabalho (2014-2016) sobre as limitações e possibilidades teóricas e metodológicas que as ciências sociais (brasileiras) enfrentam para conceituar cidades, notadamente as brasileiras.

Por sua vez, o meu interesse pelas potencialidades teóricas e metodológicas da sociologia da vida cotidiana para a compreensão do tempo presente, no Brasil e fora do país, encontrou guarida em um seminário internacional sobre os vínculos entre sociologia e esperança (2011), mas também numa jornada sobre a “sociologia enraizada de José de Souza Martins” (2013). Enfim, minha atenção investigativa crescente ao espaço como objeto de conhecimento das ciências sociais incentivou-me a propor uma mesa-redonda justamente sobre esse assunto à ANPOCS (2011), além de me estimular a colaborar ativamente tanto com a organização de uma conferência

internacional sobre os vínculos entre patrimônio cultural, memória e intervenção urbana (2013), quanto com um projeto de ciclo de debates sobre “dilemas do debate no espaço público” na FFLCH (2014) – evento esse que, aliás, contou com uma inevitável dimensão política, dada a radicalidade da greve então vivida pela instituição.

Enquanto algumas dessas iniciativas resultaram na organização de dossiês ou de antologias, outras originaram artigos ou capítulos em coletâneas organizadas por terceiros no Brasil e no exterior. O intuito foi assim diversificar tanto quanto possível vias de interlocução e públicos. A essas publicações se juntaram outras, e assim chego a uma segunda faceta das experiências acadêmicas de caráter investigativo da última década que reverberaram decisivamente em minha trajetória intelectual: a participação em publicações de terceiros, resultantes ou não de eventos científicos.

Cada uma dessas oportunidades foi para mim pretexto para aprofundamentos teóricos e metodológicos em aspectos variados dos três temas sociológicos de meu interesse: cidade, espaço e vida cotidiana. Um convite para refletir sobre a obra de Erving Goffman no ano em que se completaram 25 anos de seu falecimento resultou em uma comunicação em mesa-redonda e, posteriormente, num artigo sobre a abordagem sociológica *sui generis* acerca do espaço físico (em especial em contextos urbanos) que os trabalhos desse autor contêm, quando contemplados diacronicamente. O capítulo 7 do texto de sistematização crítica reproduz a versão mais acabada de tal reflexão. Já o fato de eu ter sido selecionada para participar de duas conferências internacionais sobre a atualidade da obra “urbana” de Lefebvre, respectivamente em Delft (Holanda) e Zurique (Suíça), me catapultou instantaneamente para dentro dos debates internacionais contemporâneos sobre a abordagem desse autor. Permitiu-me assim reconhecer contrapontisticamente não apenas que o método regressivo-progressivo lefebvriano é amplamente desconhecido, mas que possui uma importância ímpar para a discussão sociológica sobre como conceituar cidades em termos socioespaciais, em meio à globalização.

Eis um problema teórico que passou a me interessar tão logo dei início ao levantamento bibliográfico e empírico relativo a meu projeto de pesquisa individual, e que ia, a seu modo, ao encontro de minha “velha” preocupação de como interpretar a realidade social brasileira “em seus próprios termos”. De fato, a bibliografia e a empiria evidenciavam, cada uma a seu modo, o vigor com que as ciências sociais dedicadas às grandes cidades brasileiras do início do século XXI apreendiam empiricamente especificidades socioespaciais de nossas metrópoles - por referência às dinâmicas socioespaciais vigentes nas metrópoles ocidentais preferencialmente abordadas nos trabalhos sociológicos sobre o assunto que circulavam entre nós então (Nova York, Los Angeles, Paris, Londres, Berlim). Já quando se tratava de conceituar o que tais

especificidades empíricas poderiam revelar sobre o que então diferenciava a realidade urbana brasileira daquelas norte-americanas ou europeias privilegiadas pela bibliografia, aí prevalecia um relativo silêncio. Apenas intuída por ocasião de minha participação nas conferências sobre Lefebvre, tal impressão teve como ser verificada empiricamente graças a mais um convite, desta vez por parte de minha antiga professora Heloisa de Souza Martins, em prol de uma revisão bibliográfica sobre o debate sociológico da primeira década do século XXI acerca do “espaço urbano no Brasil”. O objetivo da coletânea na qual o texto, concebido em conjunto com o sociólogo Rogerio Proença Leite, da Universidade Federal de Sergipe, foi inserido, era apontar “horizontes” da sociologia brasileira nos primórdios da década de 2010.

Todas essas reflexões fomentaram outro convite, dessa vez das antropólogas Anne Huffschmid, então da Freie Universität Berlin, e Kathrin Wildner, então da Europa-Universität Vadrina, para um aprofundamento nas potencialidades do método regressivo-progressivo para a pesquisa urbana na América Latina. Mais tarde produzi, com base num convite da pós-doutoranda Jenny Bauer, da Technische Universität Darmstadt, para discorrer sobre a ritmanálise lefebvrina no âmbito de uma conferência internacional sobre espaços tecnológicos, um artigo que publiquei na revista brasileira *Civitas*. E tudo isso junto, por sua vez, me subsidiou em termos teóricos e metodológicos para refletir mais recentemente, para um dossiê da revista *Current Sociology* a convite da socióloga Martina Löw, da Technische Universität Berlin, sobre como vejo o “*spatial turn*” na sociologia, tendo em conta o modo como venho trabalhando em termos empíricos e teóricos o espaço urbano em São Paulo. Na sociologia sobretudo alemã, a chamada virada espacial preconizada inicialmente por certa geografia anglo-americana dos anos 1980 se traduziu, ao longo dos últimos quase vinte anos, em pesquisas sobre a dimensão espacial das relações sociais. Os capítulos 1, 9, 10 e 13 do texto de sistematização crítica correspondem cronologicamente aos resultados mais acabados desse conjunto de experiências.

Vale ressaltar que, como o meu interesse por todos esses assuntos e autores avançou em paralelo a meu trabalho sobre e com imagens fotográficas, continuei a aceitar, ao longo desta última década, convites relativos ao tema. Discorrer, num simpósio pernambucano-alemão, sobre o papel metodológico da materialidade física do álbum fotográfico de Affonso de Freitas para pesquisas sociológicas, resultou num capítulo de antologia que me permitiu explorar justamente os resultados interpretativos de se levar a sério o substrato físico das imagens fotográficas, ao analisá-las sociologicamente. Alguns anos depois integrei-me à equipe de autores de *Militão Augusto de Azevedo* (Cosac Naify, 2012), antologia sobre a obra fotográfica do carioca que integra o acervo iconográfico da Prefeitura Municipal de São Paulo. A ocasião me

instigou a perscrutar os corpos dos pedestres nas ruas fotografadas pelo autor na urbe oitocentista, em busca do imaginário desse sobre a cidade caipira. No texto de sistematização crítica, a versão revista desse trabalho (capítulo 4) faz par com o resultado de um convite mais recente, da socióloga Bianca Freire-Medeiros, do Departamento de Sociologia da USP, e da antropóloga Julia O'Donnell, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, relativo a representações fotográficas da urbanização de São Paulo: trata-se de um estudo sobre o imaginário da metropolização da cidade na segunda metade do século XX, tal como esse se expressa em fotografias de jornal sobre os usos corporais da praça da Sé no decorrer de cinco décadas (capítulo 14).

Semanticamente bem próxima desse segundo tipo de experiência acadêmica cujo impacto sobre minha trajetória intelectual foi inegável, acha-se a participação em grupos de pesquisa para fins da realização de investigações empíricas das quais também derivaram publicações. Incorporar-me, a convite dos sociólogos Rogerio Proença Leite e Carlos Fortuna, à Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos pouco mais de um ano e meio após ter ingressado na USP, incentivou-me a dois estudos que me permitiram situar a noção de uso do espaço de Lefebvre em certo debate conceitual internacional sobre o tema dos “usos da rua”, tão comum quanto pouco estranhado conceitualmente em estudos urbanos brasileiros e portugueses contemporâneos. De fato, no âmbito do primeiro projeto de publicação, tipo de dicionário expandido de categorias analíticas comuns na pesquisa urbana do início do século XXI, e sobre o qual a equipe de cientistas sociais sobretudo portugueses e brasileiros discutiu em encontros presenciais em Coimbra e no Brasil, mapeei alguns dos usos conceituais mais notórios que as sociologias alemã, francófona, anglófona e lusófona registram acerca da noção de uso em relação ao espaço da rua. Já a segunda iniciativa de antologia, em prol de exercícios empíricos de natureza comparativa sobre realidades urbanas brasileiras e portuguesas, transformei em pretexto para avaliar como em particular a abordagem lefebvriana das contradições históricas que se expressam dia a dia na práxis pela mediação do espaço, pode contribuir para uma conceituação do modo como as chamadas políticas de requalificação urbana da virada do século XXI impactam *diferentemente* sobre os usos de lugares públicos centrais em Lisboa e São Paulo. Foi da experiência etnográfica nas praças da Sé em São Paulo e Lisboa para os fins desse estudo comparativo que emergiu a noção de não-transeunte, como o capítulo 8 do texto de sistematização crítica evidencia. Abarcando de vendedores ambulantes aos chamados moradores de rua, e passando por gente como artesãos e artistas, pregadores religiosos e gente aparentemente “ao léu”, a categoria de não-transeunte me permitiu circunscrever analiticamente com mais precisão, para fins de meu próprio

projeto individual de pesquisa, quais os “usuários” cuja metrópole me interessava apreender.

Na fase final de trabalhos da Rede Brasil-Portugal outro convite, desta vez do sociólogo Dominique Vidal, do historiador Laurent Vidal e do geógrafo Alain Musset, respectivamente das universidades Paris Diderot e de La Rochelle, e da École des Hautes Études en Sciences Sociales, fez com que eu me integrasse a uma equipe de pesquisadores composta sobretudo por geógrafos, historiadores e sociólogos franceses, mexicanos e brasileiros dedicados a estudar empiricamente os chamados territórios da espera nas Américas do Sul, Central e do Norte. Colocando em xeque o atualmente célebre “paradigma das mobilidades”, cunhado pelo sociólogo John Urry para o estudo da vida social nos atuais tempos de globalização, a proposta dos coordenadores Laurent Vidal e Musset era justamente focar características sociais dos espaços gerados socialmente em torno do ato físico de esperar, que para esses autores seria bem mais revelador da vida social nas Américas, entre os séculos XIX e XXI. Instigada a refletir em termos sociológicos sobre como a minha empiria em relação aos não-transeuntes das ruas do centro de São Paulo no início do século XXI se relacionaria com essa proposta metodológica, aproveitei a oportunidade para aprofundar-me na bibliografia francófona e anglo-saxônica sobre mobilidades e espera, considerando que se trata de dois estados fenomênicos nos quais os corpos humanos podem se encontrar, quando em lugares públicos como aqueles que me interessa estudar em São Paulo.

Já mais recentemente foi minha ex-professora Ana Lúcia Lanna que me convidou a integrar uma equipe de pesquisadores de unidades diversas da USP concentrados em estudar a cidade de São Paulo, a fim de que juntos desenvolvêssemos um projeto de plataforma digital para estudos sobre essa urbe. A proposta era espacializar dados empíricos relativos a pesquisas individuais de cada um de nós sobre os vínculos entre cidade, espaço e memória por referência a São Paulo. Durante os três anos em que o Núcleo de Apoio à Pesquisa “São Paulo: Cidade, Espaço, Memória” teve como contar com financiamento da USP, a discussão coletiva transcorreu no âmbito da anteriormente mencionada conferência internacional sobre patrimônio cultural, além de seminários internos e o projeto de uma antologia resultante da conferência. Publicada neste ano de 2017, a coletânea conta com um capítulo-comentário de minha autoria sobre as relações entre memória e espaço, tais como exploradas na mesa-redonda que coordenei durante o evento. Participar desse grupo de pesquisa me permitiu contato com bibliografia e autores engajados no debate internacional atual sobre os vínculos entre materialidade e imaterialidade físicas, quando se trata de definir patrimônio cultural urbano. Tive assim como atualizar em termos investigativos uma preocupação teórica

sobre a qual escrevera pela primeira vez ainda no doutorado (e que resultou no capítulo “¿Las interacciones de los transeúntes como patrimonio de las calles latinoamericanas? El comercio ambulante de São Paulo como ejemplo”, publicado na anteriormente mencionada coletânea mexicana), e que retornou também, só que não referenciada diretamente ao tema do patrimônio, no capítulo sobre a contribuição do método lefebvriano para a pesquisa urbana latino-americana.

Ainda nesse âmbito da participação em grupos de pesquisa e estudo, só que agora ainda sem resultados de publicação, cabe mencionar, de um lado, um convite recente do historiador Sebastian Dorsch, pós-doutorando da Universität Erfurt. Na equipe sobretudo de historiadores e geógrafos dedicados a “estudos espaço-temporais”, encontrei pesquisadores concentrados, como eu sobretudo desde a minha participação na segunda conferência holandesa obre Lefebvre (2009), em refletir conceitualmente sobre como tempo e espaço podem ser combinados em termos metodológicos para a compreensão da vida social em especial no mundo urbano. Não por acaso, Lefebvre é um autor privilegiado pelo grupo, e foi minha leitura do método regressivo-progressivo na coletânea de Huffschmid e Wildner o pretexto do convite. O que abriu possibilidade para o aprofundamento em toda uma bibliografia alemã contemporânea sobre o assunto, e assim mais uma vez para a constatação contrapontística do quanto enfoques sobre o método em Lefebvre são raros. De outro lado, ressalto o convite do geógrafo Sylvain Souchaud, da Université Paris Cité, para que eu contribua, em conjunto com historiadores da FAU-USP e geógrafos e historiadores do Rio de Janeiro e da instituição francesa, para um projeto de pesquisa de cooperação internacional relativo às relações entre metropolização e centralidade em São Paulo e Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Embora ainda não tenha dado início efetivo a minha participação no grupo, viso colaborar por meio de uma reflexão sobre o que foi a metrópole de São Paulo na década de 1950, sob o prisma justamente das regras de uso corporal dos logradouros do centro histórico naquele decênio.

Expostas cronologicamente, em conjunto essas circunstâncias talvez deixem entrever que, no decorrer dos últimos quase onze anos, reflexões de natureza teórica sobre o espaço na sociologia foram assumindo papel crescente em minha trajetória intelectual. Um ponto de inflexão definitivo nesse sentido foi o pós-doutorado na Alemanha sob os auspícios da Alexander von Humboldt Foundation – e assim chego ao terceiro tipo de experiências acadêmicas no âmbito investigativo que, colhidas na última década, gostaria aqui de salientar: aquelas referidas diretamente ao projeto de pesquisa individual com o qual ingressei na USP. Afinal, ele constitui a baliza principal de meu

projeto intelectual mais abrangente. Particularmente decisivos nesse sentido foram, como veremos, o pós-doutorado e o trabalho de campo etnográfico.

O projeto “A metrópole dos usuários das ruas do centro de São Paulo” acompanhou os meus primeiros anos na instituição sujeito vigorosamente aos ritmos das atividades docentes e de pesquisa antes mencionadas. Assim, enquanto eu avançava, na medida do tempo possível, na reformulação do plano investigativo em termos teóricos e metodológicos em prol de uma problematização mais claramente sociológica do tema - o que me levou a privilegiar fundamentos sociais das características socioespaciais de São Paulo em meio à urbanização contemporânea, marcada pela globalização -, investi em dois procedimentos investigativos. De um lado, realizei atividades esparsas de observação participante em cinco praças e nas respectivas ruas lindeiras selecionadas para a pesquisa etnográfica, a fim de identificar regras relacionadas a modos de perceber fisicamente e de viver simbolicamente (via imagens verbais) o espaço ali pela mediação do corpo (Praça da Sé, Pátio do Colégio, Praça do Patriarca, Praça Ramos de Azevedo e Praça da República), em meio às representações arquitetônicas e urbanísticas desse mesmo espaço. De outro lado, em diálogo com a hipótese relativa à densidade temporal de tais padrões, passei a orientar pesquisas de iniciação científica baseadas em pesquisa documental em editoriais, cartas de leitores, notícias, crônicas e fotografias do jornal *O Estado de S. Paulo* das décadas de 1970 em diante, acerca de modos de representar textual e fotograficamente esses mesmos lugares.

Na esteira de todo esse processo, foi se reforçando em mim a inquietação em relação à dinâmica de conceituação sociológica das grandes cidades brasileiras contemporâneas predominante no cenário acadêmico brasileiro. A curiosidade de aprofundar-me em termos teóricos e metodológicos no problema de como outros contextos acadêmicos enfrentavam a questão, e quais contribuições conceituais poderiam oferecer à sociologia brasileira e, em particular, ao meu projeto intelectual, teve como encontrar abrigo justamente no plano de pesquisa de pós-doutorado que submeti à Alexander von Humboldt Foundation no início de 2009. Na verdade, já há tempos amigos e colegas da área me incentivavam a tal candidatura, a ser concretizada no prazo máximo de cinco anos após a defesa da tese de doutorado. E, com efeito, atraía-me significativamente a possibilidade não apenas de retornar, já como pesquisadora profissional, à Alemanha para uma investigação sociológica, mas de, uma vez detentora da bolsa, manter-me ligada pelo resto da vida à Fundação Humboldt – a e suas possibilidades de fomento científico naquele país. Afinal, o lema da instituição é “Uma vez humboldtiano, sempre humboldtiano”.

Aproveitei a participação na conferência sobre Lefebvre em Delft e, mais tarde, em eventos científicos no Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin a convite de Sérgio Costa, para levantar bibliografia pertinente respectivamente no Centre for Latin American Research and Documentation de Amsterdam, na Freie Universität e no Instituto Ibero-Americano de Berlim. Assim, foi possível elaborar um projeto investigativo essencialmente teórico que visava avaliar criticamente eventuais contribuições da sociologia urbana alemã para a conceituação de cidades grandes brasileiras do início do século XXI. Embora Lefebvre me “acompanhasse” desde a pós-graduação, instigava-me conhecer instrumentos teóricos e metodológicos outros passíveis de me auxiliarem não apenas a organizar o material etnográfico que até então tivera como colher, mas a mergulhar, após o pós-doutorado, no trabalho de campo etnográfico de modo intensivo. Isso tendo em mente que se mantinha o objetivo de conceituar sociologicamente especificidades socioespaciais na São Paulo de então passíveis de se revelarem a partir dos usos cotidianos dos lugares públicos do centro da cidade pela mediação dos corpos de seus usuários.

No Brasil, a busca por tais ferramentas me conduziu a um amplo contato principalmente com estudos urbanos nacionais, franceses e anglo-americanos relativos aos seguintes dois eixos temáticos: (1) a cidade como objeto de conhecimento conceitual nos estudos urbanos; (2) as características socioespaciais das cidades. Contudo, a literatura brasileira não me permitia reconhecer como chegar a conceituações contemporâneas que não acabassem por ressaltar o que é semelhante entre as metrópoles, em termos socioespaciais, ou que não acabassem por se restringir a teorizar traços socioespaciais específicos encontráveis nessas mesmas metrópoles. Ora, a sociologia urbana desenvolvida na Alemanha depois do segundo Pós-Guerra, com a qual eu tivera contato bibliográfico mesmo que esporádico durante as estadas na Holanda e em Berlim, parecia contar com abordagens nas duas direções, além de englobar explorações conceituais acerca do espaço como objeto de conhecimento sociológico. Nesse sentido merece destaque a “sociologia do espaço” de Martina Löw, naquela época professora da Technische Universität Darmstadt e, mais recentemente, da Technische Universität Berlin, que acabou se tornando uma interlocutora intelectual privilegiada. Concebendo-se “sociologia urbana alemã” como tradição de estudos empíricos que, desenvolvida na República Federativa Alemã desde o final da Segunda Guerra Mundial, tem sido reconhecida por seus autores mais ou menos criticamente como subdisciplina autônoma, firmou-se em mim a impressão de um potencial teórico e metodológico todo especial para a abordagem conceitual que eu visava desenvolver no âmbito de minha pesquisa.

O intuito de dialogar tanto com sociólogos urbanos alemães quanto de avaliar a pertinência de suas abordagens em face de realidades latino-americanas como a brasileira, encontrou abrigos institucionais respectivamente no Instituto de Sociologia Urbana e Regional da Humboldt-Universität e no Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin. Depois dos primeiros cinco meses de 2010 alocada em particular no Centro Georg Simmel de Pesquisa Metropolitana do Instituto de Sociologia Urbana e Regional, e em interlocução em especial com a socióloga “anfitriã” Christine Hannemann – período no âmbito do qual passei, ademais, quinze dias como pesquisadora-visitante justamente no Centre of Research Excellence Urban Research, coordenado por Löw na Technische Universität Darmstadt -, trabalhei no Instituto Latino-Americano durante os sete meses subsequentes, em interlocução com o “anfitrião” Sérgio Costa. Como Berlim e Darmstadt sediavam então os principais centros de sociologia urbana da Alemanha, a oportunidade favoreceu uma imersão não apenas bibliográfica, mas presencial nos vívidos debates e polêmicas que então agitavam a subdisciplina no país; imersão esta sobre a qual discorro brevemente no capítulo 6 do texto de sistematização crítica, e com mais vagar num artigo publicado numa revista acadêmica alemã em 2014. De fato, a sociologia urbana alemã então se encontrava polarizada entre os adeptos da sociologia urbana “neomarxista”, que teoriza sobre a cidade por referência a estruturas socioeconômicas capitalistas mais amplas, e os então recentes adeptos da sociologia do espaço de Löw, concentrada em dissecar conceitualmente a cidade com base nas relações cotidianas entre bens físicos e sociais (inclusive humanos) que a constituem como espaço.

Da intensidade do aprofundamento existencial nos rumos da reflexão sociológica sobre o espaço (urbano) durante o pós-doutorado são evidências explícitas não apenas os eventos científicos dos quais participei e que organizei em Berlim, e os capítulos 6, 7, 9 e 13 do texto de sistematização crítica. Foi ali e então que, ademais, senti chegada a hora de concluir a revisão do livro resultante da tese de doutorado. Com efeito, a contundência das experiências acadêmicas e intelectuais acumuladas desde o ingresso na USP marcou de maneira indelével também o projeto de livro derivado da tese. Daí porque a publicação é mais explícita do que o doutorado em especial acerca das implicações analíticas e interpretativas da orientação metodológica adotada para investigar o problema de pesquisa. Daí também porque concebo *Ô da Rua!* como versão *transformada* de minha tese de doutorado.

Ainda no que se refere ao pós-doutorado, cabe frisar que uma boa parte do que veio depois, em termos de convites internacionais para outros eventos, publicações e a participação em grupos de estudos e pesquisas dedicados a temas espaciais, é indissociável da qualificação profissional que adquiri no período. Talvez a evidência

institucional mais acabada disso seja a minha nomeação como titular da Cátedra “Sérgio Buarque de Holanda” de Estudos Urbanos da Freie Universität Berlin durante o semestre de verão de 2014. A posição acadêmica me permitiu, de um lado, assumir na Alemanha pela primeira vez atividades de docência, as quais realizei, aliás, mais uma vez “na fronteira”, ministrando duas disciplinas sociológicas e uma de natureza historiográfica. Foi assim possível alargar o meu leque de estudantes internacionais, tendo em conta que um ano após retornar do pós-doutorado ao Brasil eu fora professora-visitante na Universidad Nacional de Cuyo, no âmbito de um convênio do Programa de Pós-Graduação da USP com aquela instituição argentina. Um de meus estudantes em Berlim eu co-orientei mais tarde, durante sua estada de pesquisa na FFLCH – o que, aliás, ocorreu também com dois outros pós-graduandos estrangeiros cuja orientação assumi, por ocasião de estágios análogos.

De outro lado, a cátedra acarretou condições especialmente privilegiadas de pesquisa durante aquele semestre. Pude contar com um assistente exclusivo para um amplo levantamento bibliográfico na Freie Universität e no Instituto Ibero-Americano de Berlim acerca do tema dos vínculos entre desigualdade social e espaço urbano na América Latina a partir da década de 1990. A convite de DesiguALdades, rede internacional de pesquisadores sobre desigualdades sociais na América Latina ligados ao Instituto Latino-Americano da Freie Universität, pude assim elaborar em condições profissionais ótimas a revisão bibliográfica que subsidiou tanto o *working paper* que produzi para esse grupo quanto um artigo publicado na revista *Sociologia & Antropologia*. Uma versão que funde, revistos, argumentos de ambos os textos constitui o capítulo 12 do texto de sistematização crítica.

No que se refere especificamente a contribuições do pós-doutorado para minha trajetória intelectual, restrinjo-me, para fins de síntese, a três. Elas dizem respeito ao meu ofício de pesquisadora em geral, e de estudiosa em particular de temas urbanos, levando em conta que o capítulo 6 do texto de sistematização crítica aprofunda ambas as facetas por referência em particular à minha pesquisa “brasileira”.

Incorporei em definitivo em minha atuação como pesquisadora, professora e orientadora a preocupação com aquilo que os alemães chamam de “história do conceito/noção” (“*Begriffsgeschichte*”). Se a ênfase bourdieusiana na história social de emergência do problema como problema me acompanhava desde a pós-graduação, na sociologia urbana alemã – e na verdade, a sociologia alemã em geral – esse tipo de preocupação representa bem mais do que uma postura científica entre outras; trata-se mesmo do fundamento epistemológico de toda e qualquer pesquisa. Tanto que o debate sociológico alemão é renovado em ritmo periódico pela publicação de dicionários, manuais, antologias e revisões bibliográficas em periódicos que, por vias distintas, se

devotam justamente a atualizar criticamente os rumos da discussão nacional sobre os conceitos ou noções cunhados para conceituar os fenômenos sociais respectivamente em estudo. Quanto à área específica de interesse de meu pós-doutorado, a polarização teórica e metodológica então vigente na sociologia urbana alemã engrossou um rol mais abrangente de discussões então em curso nas mais diversas áreas das humanidades (da geografia ao teatro, passando pela história, a comunicação social, a psicologia, as artes etc.) acerca da reincorporação da categoria de espaço no pensamento social alemão. De fato, a noção de *Raum* passara décadas no limbo após o uso ideológico que dela fora feito pelos nazistas. Já na primeira década dos anos 2000, o que importava era retomar a categoria sobre novas bases. E dá-lhe publicação!

Instigada pelas possibilidades de enraizamento epistemológico que essa postura científica em prol da “história do conceito/noção” favorece, permitindo delimitar com mais precisão onde investir em termos investigativos em prol do “progresso da ciência”, adoto-a sistematicamente em minhas investigações e em sala de aula desde o pós-doutorado, além de recomendá-la a orientandos. E isso não é fácil no Brasil. Iniciativas de publicações nessa direção são raras (sendo o BIB, *Boletim Informativo Bibliográfico*, da ANPOCS, uma exceção), ainda mais nos estudos urbanos contemporâneos (sendo empenhos nesse sentido a coletânea *Plural de Cidade*, organizada por Leite e Fortuna, e o capítulo “O espaço urbano no Brasil”, que publiquei na coletânea *Horizonte das Ciências Sociais no Brasil* em conjunto com o mesmo Leite).

Uma segunda contribuição do pós-doutorado para a minha trajetória intelectual foi ter viabilizado que, na prática de um acesso absolutamente abrangente a conceituações internacionais relativas a um tema de pesquisa referido ao presente etnográfico, eu reconhecesse que o caminho metodológico que vinha seguindo antes da experiência não só estava correto. Ele merecia ser desdobrado em termos analíticos. Refiro-me à interlocução com o método regressivo-progressivo lefebvriano, em busca da historicidade das regras relativas ao espaço percebido e vivido que a empiria insinuava em meio ao vigor do concebido. Trata-se, como aponto nos capítulos 10 e 13 do texto de sistematização crítica, de uma possibilidade analítica que o próprio Lefebvre não explorou explicitamente em sua obra. Enfrentá-la na prática da pesquisa empírica nos lugares públicos do centro de São Paulo acarretava, por sua vez, refletir sobre como operacionalizar o percebido e o vivido ali, tendo em conta a mecânica fina e fugaz das interações sociais, tema desenvolvido por Goffman, mas não por Lefebvre. Em suma, a bibliografia alemã evidenciava por outra via, agora por referência a contextos urbanos contemporâneos em meio à globalização, a validade de minha constatação por ocasião do doutorado: em face de uma realidade urbana como a brasileira, periférica por referência ao pensamento sociológico dominante, categorias conceituais desenvolvidas

para explicar contextos urbanos europeus e norte-americanos auxiliam mais, no plano interpretativo, se assumidas como contrapontos do que como paradigmas.

Explicitados ambos os aspectos, penso que não fica difícil reconhecer que uma terceira contribuição do pós-doutorado para minha trajetória intelectual foi a reformulação do projeto investigativo com o qual ingressei na USP. Prevista justamente para depois da investigação teórica em Berlim, a elaboração da nova versão em prol de mais precisão conceitual e metodológica fez surgir, no segundo semestre de 2011, “A sociedade da rua em São Paulo: A cidade fora dos muros”, projeto que venho levando adiante com recursos próprios, além dos auxílios financeiros pontuais para equipamentos que recebi do Departamento de Sociologia e do Núcleo de Apoio à Pesquisa “São Paulo: Cidade, Espaço, Memória”.

Considerando que em especial os capítulos 11 a 14 do texto de sistematização crítica evidenciam o percurso teórico e metodológico que a minha reflexão sobre a investigação seguiu desde a reformulação do projeto, restrinjo-me aqui a sintetizar os elementos essenciais de sua versão mais atualizada, que melhor corresponde ao estágio contemporâneo de meu projeto intelectual mais amplo. Assim, tenho como evidenciar com mais facilidade o papel virtuoso que o trabalho de campo etnográfico, como segundo tipo de vivência acadêmica relativa ao projeto individual com o qual ingressei na USP, exerceu sobre a minha trajetória intelectual.

O propósito geral do problema teórico da versão do projeto de 2006 permanece: conceituar sociologicamente o fenômeno urbano contemporâneo com o auxílio do “caso” paulistano do início do século XXI. Só que passaram a importar notadamente contradições sociais de natureza histórica implícitas em características socioespaciais da urbanização contemporânea que ressaltam do modo como o espaço urbano é produzido em São Paulo pela mediação das regras daquilo que chamo, hoje, de *conduta corporal* dos pedestres em interação social verbal e não verbal nas ruas e praças do centro histórico de São Paulo. É por mediação de tais padrões que se (re)produz ali o que denomino *relações corporais* desses mesmos pedestres, isto é, vínculos desses seres humanos entre si e/ou com bens materiais e/ou simbólicos nos lugares públicos pela mediação dos próprios corpos. São essas regularidades que permitem a (re)invenção cotidiana ali daquilo que concebo como *sociedade da rua*. Trata-se de uma teia de processos sociais que se (re)fazem de modo fugaz e improvisado no dia a dia vivenciado corporalmente em especial pelos não-transeuntes ali, em meio ao vigor da circulação de veículos e transeuntes. De fato, assumindo que “da interação humana resultam formas determinadas de relação que, em graus diversos e com conteúdos emocionais diferentes, aumentam ou diminuem a distância no espaço social que separa e liga os indivíduos”, e que as “posições recíprocas se alteram continuamente no tempo”

– o que lhes dá um caráter processual¹⁷ -, espacializo corporalmente as noções de interação, relação e processo sociais, a fim de buscar as contradições sociais ali implícitas e, assim, questionar: Que espaços públicos são produzidos em São Paulo pela mediação dessa sociedade da rua? E o que o modo de produção de espaço urbano que lhes subjaz revela, por sua vez, como mediação que é, sobre a urbanização contemporânea?

A primeira hipótese é de que tem como se evidenciar, por tais mediações, uma cidade ainda pouco explorada pela sociologia contemporânea, quando o assunto é a urbanização na atualidade. Um espaço urbano fora dos muros das instituições e de possíveis certezas conceituais. É, ademais – eis a segunda hipótese -, uma cidade em que as relações corporais nos espaços públicos são mediadas, entre outros, por regras de cunho estamental, historicamente próprias de um tempo histórico outro, no mínimo oitocentista, e que, transformadas, aparecem em plena atividade na rua paulistana atual, no bojo das desigualdades sociais do capitalismo contemporâneo. Uma sub-hipótese nesse sentido é de que a historicidade das transformações mais recentes nesses padrões pode ser aferida empiricamente quando se acompanha, em termos documentais, modos de representar textual e fotograficamente os usos corporais de lugares públicos definidos entre as décadas de 1950 e de 2010. Trata-se de um intervalo temporal que permite definir de maneira mais precisa o que é “antes” e “depois”, por referência aos fundamentos sociais das características socioespaciais que as ruas e praças do centro histórico assumem a partir dos anos 1970.

No intuito de apreender empiricamente as regras de conduta corporal que subsidiam, em termos fenomênicos, essa sociedade da rua, a proposta metodológica passou a ser recorrer a pesquisa etnográfica baseada tanto em observação participante quanto em entrevistas semiestruturadas em profundidade, cujos protagonistas são os não-transeuntes do Pátio do Colégio e das praças da Sé, do Patriarca, do Viaduto do Chá e da Praça Ramos de Azevedo no horário comercial dos chamados dias úteis. Isso em busca de indícios de padrões de conduta corporal dos não-transeuntes em tais lugares públicos – ou de padrões de uso (lefebvriano) corporal (goffmaniano) de tais lugares. O que, em termos operacionais, equivale a buscar regularidades relativas respectivamente ao idioma corporal (goffmaniano) dos não-transeuntes, tanto em suas interações não verbais quanto verbais entre si e com transeuntes ali, e regras relativas às imagens (lefebvrianas) que eles (re)produzem acerca dos mesmos lugares públicos.

¹⁷ Cf. Fernando H. Cardoso e Octavio Ianni, “Introdução”, em Cardoso e Ianni (orgs.), *Homem e Sociedade*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1973, pp. 18-19.

Já o objetivo de aferir a historicidade de tais padrões em termos regressivo-progressivos, acarretou realizar contrapontisticamente pesquisa documental em notícias, crônicas, cartas de leitores, editoriais e fotografias do jornal *O Estado de S. Paulo* entre as décadas de 1950 e 2010. Isso em prol de representações textuais e visuais sobre padrões de uso corporal dos mesmos lugares públicos rastreados etnograficamente.

Enquanto a maioria de meus orientandos de iniciação científica realizou, ao longo dos últimos anos, o levantamento do material documental relativo a quatro anos de cada uma das sete décadas do intervalo entre as décadas de 1950 e 2010, e uma aluna etnografou não-transeuntes nos logradouros em foco entre dezembro de 2011 e abril de 2013, eu mesma previ o início de minha imersão etnográfica aprofundada em campo para fevereiro de 2013. De fato, com o retorno ao Brasil a pesquisa individual voltou a obedecer aos ritmos dos compromissos docentes, acadêmicos e de publicações então em andamento. Mas não mais por muito tempo, foi a minha decisão. Quase um mês de observação participante e de entrevistas na Praça da Sé em 2012, para os fins do estudo comparativo que integra a segunda coletânea da Rede Brasil-Portugal, foi o máximo de tempo que consegui dedicar ao trabalho de campo antes que minha agenda profissional me permitisse alçá-lo a prioridade máxima.

E assim tenho como arrematar enfim o argumento sobre o papel do trabalho de campo no rol de experiências acadêmicas ligadas ao âmbito investigativo que repercutiram de modo significativo em minha trajetória intelectual. Os catorze meses de observação participante e de entrevistas durante as tardes (14-18h) de segundas e sextas-feiras “úteis” transcorreram primeiro e principalmente na Praça da Sé a partir do início de fevereiro de 2013, e depois, contrapontisticamente, no Pátio do Colégio, na Praça do Patriarca, no Viaduto do Chá e na Praça Ramos de Azevedo até o final de março de 2014. Parti então para Berlim a fim de assumir a Cátedra “Sérgio Buarque de Holanda”.

Não cabe em palavras a densidade da experiência humana de passar tardes a fio convivendo de maneira física e afetivamente muito próxima com autodenominados moradores e moradoras de rua, com engraxates e sapateiros, pregadores e pregadoras pentecostais, com muitos camelôs, jogadores de cartas, inflamados debatedores de temas religiosos, aposentados e aposentadas, desempregados e desempregadas das mais diversas idades, credos e cores, condições sociais, origens e condições socioespaciais. E tudo isso enquanto o Brasil ainda vivia, ao menos aparentemente, o *boom* simultaneamente econômico e de políticas de distribuição de renda que marcou o início do século XXI. Amparada pela perspectiva etnográfica, foi possível abrir-me a toda a inventividade e delicadeza humanas que se escondem por trás dos corpos

maltratados pela pobreza material, pela fuligem dos carros e pela “selva de pedra” da rua – como alguns desses pedestres gostavam de sintetizar. Em alguns momentos, também fui chamada a intervir politicamente, como quando a ausência de “R.G.” acarretou o risco de que uma de minhas entrevistadas, moradora de rua que morreu na Praça da Sé em meio ao frio do inverno, à indiferença humana e ao ânimo dos ratos, fosse enterrada como indigente. Recorrendo à entrevista então recente, engajei-me, em conjunto com outros, em prol de um enterro digno, e isso de fato teve como ocorrer - quase dez dias mais tarde.

Vale ressaltar ainda que, instigada pela constatação de que referências socioculturais ligadas, em termos socioespaciais, ao mundo rural brasileiro pautavam vigorosamente o dia a dia desses não-transeuntes diversos nos lugares públicos inquiridos, fui reconduzida a anotações e à bibliografia da disciplina de graduação “Sociologia dos Movimentos Camponeses”, e mesmo a buscar na prática mais contato com realidades rurais do país. Esse último ímpeto teve desde então como encontrar abrigo nas oficinas de cultura popular promovidas pelo antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, da UNICAMP, em seu sítio “Rosa dos Ventos”, em Pocinhos do Rio Verde (Minas Gerais), por ocasião das anuais folias de reis.

Por tudo isso e muito mais, o trabalho de campo levou-me a experimentar em novos termos fronteiras que integravam e integram, virtualmente desde sempre, a minha vida cotidiana e prática profissional na cidade. Penso em primeiro lugar na fronteira “interclasses”, por assim dizer, limite de natureza socioeconômica com inevitáveis implicações sociais e culturais, que me separava dessa plêiade de não-transeuntes no dia a dia da pesquisa. No cotidiano bem pouco cotidiano de nossa convivência de dois dias por semana ali, entretanto, essa fronteira passou a abrigar também intensas e afetivas trocas verbais não verbais (apertos de mão, às vezes abraços e mesmo beijos). Tudo isso, evidentemente, mediado por desafios metodológicos que tive de equacionar a fim de assegurar, naquela sociedade da rua, um lugar ético para a minha *persona* de “professora de sociologia da USP que estuda o dia a dia das pessoas que ficam aqui”. Tais vivências me levaram a refletir em novos termos sobre os próprios resultados interpretativos da prática etnográfica – como o capítulo 11 do texto de sistematização crítica evidencia.

Uma segunda fronteira que gostaria aqui de mencionar é justamente aquela disciplinar entre a antropologia e a sociologia. A questão de natureza sociológica não me impediu de imergir, graças à perspectiva etnográfica, nas querelas e mazelas existenciais do trabalho de campo de natureza etnográfica. E vice-versa: de fato, o retorno a preocupações sociológicas foi sempre possível, graças às orientações teóricas que subjazem à investigação. Incentivada, pela contundência existencial da experiência

de campo, a retomar sobre novas bases – etnográficas, e não mais só de pesquisa documental - reflexões do doutorado e do período na FESPSP, tive como compartilhá-las publicamente em um minicurso e em palestras sobre a “etnografia na sociologia” que realizei na esteira do trabalho de campo.

Enfim, também a fronteira entre pesquisa documental e etnográfica tive como revisitar sobre novas bases. Tão logo iniciei o trabalho de campo, dissipou-se completamente a sensação de familiaridade que, em princípio, imaginara que sentiria em relação a um campo investigativo que finalmente voltava a situar-se no presente etnográfico, e em lugares públicos que conheço e estudo “desde o século XIX”. Graças à perspectiva etnográfica, a minha alteridade em relação a esse tempo e espaço, fisicamente tão próximo, teve como ocupar o primeiro plano da observação. Acabei assim por reencontrar impressões investigativas advindas justamente dos resultados da pesquisa documental em relação ao passado oitocentista naquele mesmo perímetro espacial. De alguma forma – que só ficará plenamente clara para mim quando concluir o processo de análise do material etnográfico, em conjugação com a documentação jornalística -, passado e presente parecem menos separados do que à primeira vista, quando o assunto são as regras de conduta corporal dos pedestres nos lugares públicos do centro de São Paulo; ou, por outra, seus padrões de uso de tais espaços... Os capítulos 11 a 14 do texto de sistematização crítica atestam notadamente como avançou minha reflexão sobre tal espaço de encontro entre o etnográfico e o documental até o momento em que dei início ao processo de elaboração de minha candidatura à livre-docência.

Por fomentar o meu trânsito intelectual por no mínimo essas três fronteiras, o trabalho de campo etnográfico acabou por marcar a minha trajetória intelectual de uma quarta e última maneira que cabe aqui frisar. Reconheci que uma nova reorganização de prioridades profissionais seria imperativa, a fim de que eu pudesse me aprofundar analiticamente, com o vagar almejado, nos 79 relatos de campo e nas 52 entrevistas – sem mencionar o material jornalístico relativo a 26 anos das últimas quase sete décadas. Tudo, para fazer jus ao impacto existencial que a experiência teve sobre a minha maneira de pensar a questão teórica do projeto investigativo que norteia o meu projeto intelectual mais abrangente.

Porém, “no meio do caminho tinha uma livre-docência”, à qual, já quando ingressei na USP, estava decidida a me dedicar com exclusividade no máximo a partir do momento em que se completasse uma década de meu ingresso na instituição. De volta ao Departamento de Sociologia após o semestre junto à Cátedra “Sérgio Buarque de Holanda”, compromissos de docência, mas também de pesquisa para iniciativas de publicações a que fui convidada mais recentemente, voltaram a dificultar uma imersão

analítica intensiva nas informações empíricas colhidas. E eis que setembro de 2016 chegou, e como ele, a vontade de submeter-me, enfim, a esse ritual que carrega no nome o desafio simbólico que lega a seus candidatos: expressar da maneira mais multifacetada possível o grau de liberdade que, até o momento do concurso, conseguiram galgar como docentes universitários.

Adveio daí este memorial, advieram seus tempos e espaços. E adveio também o texto de sistematização crítica de parte de minha obra, justamente aquela posterior ao doutorado. Seu formato narrativo de “percurso diante de um espelho” tem como refletir com a maior transparência possível, em meio a sua simultânea (e evidente) opacidade, onde e quando me encontro aqui e agora, em meu projeto intelectual como docente e pesquisadora em regime de dedicação integral na USP.

PARTE II: DE TUDO UM POUCO

Curriculum vitae**I. DADOS PESSOAIS**

Nome: *Fraya Frehse*

Local e Data de Nascimento: São Paulo, 28 de setembro de 1971

Nacionalidade: brasileira

Filiação: Karin Frehse e Gerd Frehse

Estado Civil: solteira

II. FORMAÇÃO ESCOLAR E UNIVERSITÁRIA

- 1) 1978-1989 Primeiro e segundo grau no Colégio Visconde de Porto Seguro, São Paulo (São Paulo)
- 2) 1990-1991 Obtenção da “deutsche allgemeine Hochschulreife” (“ABITUR” - habilitação para a graduação em universidades na Alemanha) no Colégio Visconde de Porto Seguro, São Paulo (São Paulo)
- 3) 1992-1993 Início do curso de bacharelado em Ciências Sociais com ênfase em Economia na Universität zu Köln, Colônia (Alemanha)
- 4) 1993-1996 Continuação e conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo (São Paulo)
- 5) 1994-1996, 2001 Curso de licenciatura em Ciências Sociais na Faculdade de Educação (FE) da USP, São Paulo (São Paulo)
- 6) 1997-1999 Mestrado em Antropologia Social na FFLCH-USP
- 7) 2000-2005 Doutorado em Antropologia Social na FFLCH-USP
- 8) 2010 Pós-doutorado em sociologia (da cidade) na Humboldt-Universität zu Berlin e na Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha)

III. IDIOMAS

- 1) Alemão fala, lê e escreve bem
- 2) Inglês fala, lê e escreve bem
- 3) Francês fala, lê e escreve bem

- 4) Italiano fala, lê e escreve bem
- 5) Espanhol fala e lê bem, escreve pouco

IV. TÍTULOS E DISTINÇÕES ACADÊMICOS

- 1) 10 jan. 1997 Bacharel em Ciências Sociais pela FFLCH-USP [Maleta 1, Pasta 1, Doc 1]
- 2) 16 dez. 1999 Mestre em Antropologia Social pela FFLCH-USP com a dissertação intitulada *Entre o Passado e o Presente, entre a Casa e a Rua: Tempos e espaços na cidade de São Paulo de fins do Império*. Banca examinadora: Prof^a. Dr^a. Lilia Moritz Schwarcz (orientadora), Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Montes, Prof. Dr. José de Souza Martins. Aprovada com distinção. [Maleta 1, Pasta 1, Doc 2]
- 3) 18 dez. 2001 Licenciada em Ciências Sociais pela FE-USP [Maleta 1, Pasta 1, Doc 3]
- 4) 28 mar. 2005 Doutora em Antropologia Social pela FFLCH-USP, com a tese intitulada *Vir a ser Transeunte: Civilidade e modernidade nas ruas da cidade de São Paulo (entre o início do século XIX e o início do século XX)*. Banca examinadora: Prof^a. Dr^a. Lilia Moritz Schwarcz (orientadora), Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani, Prof. Dr. José de Souza Martins, Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Duarte Lanna, Prof. Dr. Roberto DaMatta. Aprovada com distinção e louvor. [Maleta 1, Pasta 1, Doc 4]
- 5) 2010 Distinguida com uma bolsa de pesquisa de pós-doutorado (“Georg Forster Research Fellowship for postdoctoral researchers”) da Alexander von Humboldt Foundation, Bonn (Alemanha) [Maleta 1, Pasta 1, Doc 5]
- 6) 31 dez. 2010 Pós-doutora em sociologia (da cidade) na Humboldt-Universität zu Berlin e na Freie Universität Berlin pela Alexander von Humboldt Foundation, com o projeto de pesquisa intitulado “Zur Konzeptualisierung der brasilianischen Großstädte: Beiträge der deutschen Stadtsoziologie“, Berlim (Alemanha) [Maleta 1, Pasta 1, Doc 6]
- 7) abr.-jul. 2014 Indicada como titular da Cátedra “Sérgio Buarque de Holanda” de Estudos Brasileiros no Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha) [Maleta 1, Pasta 1, Doc 7]

V. POSIÇÕES ACADÊMICAS

- 1) mar. 2004-fev. 2006 Professora horista da Escola da Cidade, São Paulo (São Paulo) [Maleta 1, Pasta 2, Doc 1]

- 2) ago. 2004-set. 2006 Professora horista da Escola de Sociologia e Política (ESP) da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), São Paulo (São Paulo) [*Maleta 1, Pasta 2, Doc 2*]
- 3) desde set. 2006 Professora doutora do Departamento de Sociologia da USP, São Paulo (São Paulo)
- 4) 1-14 fev. 2009 Pesquisadora visitante do Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha) [*Maleta 1, Pasta 2, Doc 3*]
- 5) 15 jan.-15 jun. 2010 Pesquisadora visitante do Georg Simmel-Zentrum für Metropolenforschung do Instituto de Sociologia Urbana e Regional da Humboldt-Universität zu Berlin, Berlim (Alemanha) [*Maleta 1, Pasta 1, Doc 7*]
- 6) 28 abr.-14 mai. 2010 Pesquisadora visitante do LOEWE-Schwerpunkt "Eigenlogik der Städte" [Linha de Pesquisa „Lógica Intrínseca das Cidades“] do Centre of Research Excellence Urban Research da Technische Universität Darmstadt, Darmstadt (Alemanha) [*Maleta 1, Pasta 2, Doc 4*]
- 7) 15 jun.-23 dez. 2010 Pesquisadora visitante do Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha) [*Maleta 1, Pasta 1, Doc 7*]
- 8) 19-30 mar. 2012 Professora-visitante do Doctorado en Ciencias Sociales da Universidad de Cuyo, Mendoza (Argentina) [*Maleta 1, Pasta 2, Doc 5*]
- 9) abr. – jul. 2014 Professora-titular da Cátedra "Sérgio Buarque de Holanda" de Estudos Brasileiros no Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha) [*Maleta 1, Pasta 2, Doc 6*]

VI. ATIVIDADES DE PESQUISA INSTITUCIONALIZADAS

- 1) ago. 1993-jan. 1995 Auxiliar de pesquisa do Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da USP no âmbito do projeto temático "Continuidade autoritária e construção da democracia", São Paulo (São Paulo). Financiamento: FAPESP
- 2) out. 1993-nov. 1993 Auxiliar de pesquisa da Prof^a. Dr^a. Maria Hermínia Tavares de Almeida em projeto junto ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), São Paulo (São Paulo) Financiamento: IPEA
- 3) jan. 1994-jan. 1995 Iniciação científica com o projeto de pesquisa intitulado "Imprensa e Violência" sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Nancy das Graças Cardia, no âmbito do projeto temático "Continuidade autoritária e construção da democracia", do NEV-USP. Financiamento: FAPESP

- 4) mar. 1994-ago. 1994 Auxiliar de pesquisa do subprojeto de pesquisa intitulado "Interação entre o campo das relações familiares e o campo cultural: Educação, consumo cultural de lazer" sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Zeila de Brito Fabri Demartini, no âmbito do projeto de pesquisa "Família em São Paulo: As especificidades estruturais e conjunturais da mediação indivíduo e sociedade" do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), São Paulo (São Paulo). Financiamento: CERU
- 5) mar. 1995-mai. 1996 Iniciação científica com o projeto de pesquisa intitulado "'Classiline', 'Disqueamizade', 'Encontre': Sociabilidade ou a sua negação? Um estudo dos padrões de sociabilidade através da mídia em São Paulo", sob a orientação do Prof. Dr. Orlando Pinto de Miranda, junto ao Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: FAPESP
- 6) mar. 1996-dez. 1996 Pesquisadora do Laboratório de Análises de Sociabilidade Contemporânea do Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: Departamento de Sociologia da USP
- 7) mar. 1997-dez. 1999 Projeto de pesquisa de mestrado intitulado "Entre a taipa e o tijolo... Tempos e espaços na São Paulo da virada do século XX", sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Lilia Katri Moritz Schwarcz, junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAS) da USP. Financiamento: FAPESP
- 8) mar. 1998-fev. 2012 Pesquisadora do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) do Departamento de Antropologia da USP. Financiamento: Departamento de Antropologia da USP
- 9) mar. 2000-dez. 2004 Projeto de pesquisa de doutorado intitulado "Do transeunte à multidão em tempos de transição: Sociabilidade de rua na cidade de São Paulo na virada do século XX", sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Lilia Katri Moritz Schwarcz, junto ao PPGAS-USP. Financiamento: FAPESP
- 10) set. 2002-abr. 2003 Projeto de pesquisa de doutorado-sanduiche intitulado "Em busca de precisão metodológica e conceptual: Sociabilidade de rua em grandes cidades europeias do século XIX", sob a co-orientação do Prof. Dr. Leslie Bethell junto ao Centre for Brazilian Studies da University of Oxford, Oxford (Reino Unido). Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
- 11) set. 2002-mar. 2003 "Recognised student" do Centre for Brazilian Studies da University of Oxford. Financiamento: CAPES [*Maleta 1, Pasta 3, Doc 1*]
- 12) mar. 2003 Estada de pesquisa no Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain da École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (França). Financiamento: CAPES [*Maleta 1, Pasta 3, Doc 2*]
- 13) abr. 2003 Estada de pesquisa no Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin. Financiamento: CAPES [*Maleta 1, Pasta 3, Doc 3*]

- 14) abr. 2005-abr. 2007 Coordenadora do projeto de pesquisa de título “Laboratório Social – Mooca”, do Núcleo de Pesquisas da FESPSP. Financiamento: FESPSP [*Maleta 1, Pasta 3, Doc 4*]
- 15) jul. 2006-ago. 2011 Projeto de pesquisa intitulado “A metrópole dos usuários das ruas do centro de São Paulo” junto ao Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: Recursos próprios
- 16) fev. 2008-set. 2013 Pesquisadora colaboradora da Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos, Aracaju (Sergipe)-Coimbra (Portugal). Financiamento: Cooperação científica internacional [*Maleta 1, Pasta 3, Doc 5*]
- 17) mai.-ago. 2008 Grupo de Trabalho da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) para a Elaboração da Proposta Curricular de Sociologia para o Ensino Médio do Estado de São Paulo, com a participação de Tom Dwyer (Presidente da SBS), Heloisa Teixeira de Souza Martins (Vice-Presidente da SBS), Amaury Cesar Moraes (Educação - USP), Maria Aparecida Neri de Souza (Educação - Unicamp), Fernando Lourenço (Educação - Unicamp) [*Maleta 1, Pasta 3, Doc 6*]
- 18) 17-24 nov. 2008 Pesquisadora visitante do Centre for Latin American Research and Documentation (CEDLA), Amsterdam (Holanda). Financiamento: Recursos próprios [*Maleta 1, Pasta 3, Doc 7*]
- 19) 1 jan.-31. dez. 2010 Projeto de pesquisa de pós-doutorado intitulado “Zur Konzeptualisierung der brasilianischen Großstädte: Beiträge der deutschen Stadtsoziologie”, realizado no Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin e no Instituto de Sociologia Urbana e Regional da Humboldt-Universität zu Berlin, Berlim (Alemanha). Financiamento: Bolsa Georg Forster de Pós-Doutorado da Alexander von Humboldt Foundation [*Maleta 1, Pasta 1, Doc 6*]
- 20) jul. 2010-set. 2012 Pesquisadora colaboradora do Grupo de Trabalho Transnacional “Espacio y ciudad en/desde América Latina” do Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin. Financiamento: Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin [*Maleta 1, Pasta 3, Doc 8*]
- 21) jan. 2011-dez.2014 Pesquisadora colaboradora do projeto de pesquisa intitulado “Sociétés, mobilités et déplacements: les territoires de l’attente. Le cas des mondes américains (d’hier à aujourd’hui)”, La Rochelle (França). Financiamento: Agence Nationale de Recherche (ANR) [*Maleta 1, Pasta 3, Doc 9*]
- 22) desde ago. 2011 Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Espaço (NEPSE) no Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: Recursos próprios
- 23) desde ago. 2011 Projeto de pesquisa intitulado “A sociedade da rua em São Paulo: a cidade fora dos muros” junto ao Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: Recursos próprios + Departamento de Sociologia + Núcleo de Apoio à Pesquisa “São Paulo: Cidade, Espaço, Memória” (NAPSP)

- 24) jul. 2012-out. 2016 Pesquisadora colaboradora do NAPSP, São Paulo (São Paulo). Financiamento: Pró-Reitoria de Pesquisa da USP
- 25) desde nov. 2014 Pesquisadora colaboradora do grupo de trabalho "Spatio-Temporal Studies Erfurt" da Universität Erfurt, Erfurt (Alemanha). Financiamento: Universität Erfurt) [Maleta 1, Pasta 3, Doc 10]
- 26) desde jan. 2015 Pesquisadora colaboradora do projeto de pesquisa intitulado "Transition métropolitaine et centralité dans les villes brésiliennes dans la première moitié du 20e siècle", Paris (França)-São Paulo (São Paulo). Financiamento: + USP + Université Sorbonne Paris Cité) [Maleta 1, Pasta 3, Doc 11]

VII. ATIVIDADES DOCENTES

a) Escola da Cidade (São Paulo)

a-1) Disciplinas de graduação

- 1) 1º sem. 2004 História da Cidade II ("Tantas cidades: Uma história de São Paulo") [Maleta 1, Pasta 4, Doc 1]
- 2) 2º sem. 2004 História da Cidade III ("Através da casa, uma história das cidades brasileiras") [Maleta 1, Pasta 4, Doc 2]
- 3) 1º sem. 2005 História da Cidade II ("Uma história das histórias de São Paulo") [Maleta 1, Pasta 4, Doc 3]
- 4) 2º sem. 2005 História da Cidade III ("Da casa às cidades, na história do Brasil") [Maleta 1, Pasta 4, Doc 4]

b) Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (São Paulo)

b-1) Disciplinas de graduação

- 1) 2º sem. 2004 Antropologia IV (Debates recentes em Antropologia) [Maleta 1, Pasta 5, Doc 1]
- 2) 1º sem. 2005, 1º sem. 2006 Antropologia VII (Antropologia Urbana) [Maleta 1, Pasta 5, Doc 2, Doc 3]
- 3) 2º sem. 2005, ago-set. 2006 Antropologia VIII (Antropologia Urbana) [Maleta 1, Pasta 5, Doc 4]
- 4) 1º sem. 2006 Métodos Qualitativos [Maleta 1, Pasta 5, Doc 5]

b-2) Disciplina de pós-graduação *lato sensu*

- 1º sem. 2005 Antropologia (para o curso de pós-graduação lato sensu "Globalização e Cultura") [Maleta 1, Pasta 5, Doc 6]

b-3) Minicurso

- 8 out.-3 dez. 2005 "Tópicos Especiais em Ciências Sociais (Antropologia e Sociologia)" para o curso de graduação em Sociologia e Política [Maleta 1, Pasta 5, Doc 7]

c) Universidade de São Paulo

c-1) Disciplinas de graduação

- 1) 2º sem. 2006, 2º sem. 2007 Introdução à Sociologia (para a Faculdade de Direito) [Maleta 1, Pasta 6, Doc 1, Doc 2]
- 2) 1º sem. 2007, 1º sem. 2016 Introdução à Sociologia para Psicologia [Maleta 1, Pasta 6, Doc 3, Doc 4]
- 3) 2º sem. 2007, 2º sem. 2009 A Sociologia e a Cidade [Maleta 1, Pasta 6, Doc 5, Doc 6]
- 4) 1º sem. 2008, 2009, 2011, 2012 Introdução às Ciências Sociais (Sociologia I) [Maleta 1, Pasta 6, Doc 7, Doc 8, Doc 9, Doc 10]
- 5) 2º sem. 2008, 2º sem. 2009, 2º sem. 2013, 2º sem. 2014, 2º sem. 2015 Métodos e Técnicas de Pesquisa II [Maleta 1, Pasta 6, Doc 11, Doc 12, Doc 13, Doc 14, Doc 15]
- 6) 2º sem. 2012 A Sociologia e a Cidade (O espaço em foco) [Maleta 1, Pasta 6, Doc 16]
- 7) 2º sem. 2016 A Sociologia e a Cidade (em São Paulo) [Maleta 1, Pasta 6, Doc 17]
- 8) 1º sem. 2017 Sociologia III [Maleta 1, Pasta 6, Doc 18]

c-2) Disciplinas de pós-graduação

- 1) 1º sem. 2009, 2º sem. 2011 Sociologia da Cidade [Maleta 1, Pasta 7, Doc 1, Doc 2]
- 2) 1º sem. 2013 Sociologia do Espaço [Maleta 1, Pasta 7, Doc 3, Doc 4]
- 3) 2º sem. 2017 A Sociologia e a Vida Cotidiana [Maleta 1, Pasta 7, Doc 5]

c-3) Minicursos e aulas

- 1) 9-10 set. 2009 Minicurso “Quando o campo é a rua na metrópole (brasileira)” para o VIII Graduação em Campo – Seminário de Antropologia Urbana do NAU do Departamento de Antropologia da USP [Maleta 1, Pasta 7, Doc 6]
- 2) 11-20 mar. 2014 Minicurso “Etnografia na sociologia: Fundamentos e potencialidades” para o Laboratório de Pesquisa Social (LAPS) do Departamento de Sociologia da USP [Maleta 1, Pasta 7, Doc 7]
- 3) 7 out. 2014 Aula “O espaço nos estudos sociológicos” para os alunos da disciplina de pós-graduação “A virada topográfica e espacial nos estudos literários e culturais” do Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP, São Paulo (São Paulo) [Maleta 1, Pasta 7, Doc 8]
- 4) 2 dez. 2016 Aula “O que a rua em São Paulo revela sobre o Brasil”, no Curso “Aspectos da Cultura Brasileira” da Comissão de Cooperação Internacional da FFLCH-USP [Maleta 1, Pasta 7, Doc 9]

d) Universidad Nacional de Cuyo (Mendoza, Argentina)

d-1) Disciplina de pós-graduação no Doctorado en Ciencias Sociales

19-30 mar. 2012 Sociologia de la Ciudad [Maleta 1, Pasta 7, Doc 10]

e) Freie Universität Berlin (Berlim, Alemanha)

e-1) Disciplina de graduação em Brazilian Studies

16 abr.-17 jul. 2014 Sociologia da Cidade no Brasil - Stadtsoziologie in Brasilien [Maleta 1, Pasta 7, Doc 11]

e-2) Disciplinas de pós-graduação em Latin American Studies

- 1) 15 abr.-15 jul. 2014 (em conjunto com Barbara Fritz e Dirk Ehnts) Lateinamerika als Labor der Moderne [Maleta 1, Pasta 7, Doc 12]
- 2) 17 abr.-17 jul. 2014 Historische Konstituierung der Städte in Brasilien (im Lichte der Haus-Straßen-Dyade) [Maleta 1, Pasta 7, Doc 13]
- 3) 29 abr.-15 jul. 2014 Forschungskolloquium "Brasilien in Stadtfilmen" [Maleta 1, Pasta 7, Doc 14]

VIII. PRODUÇÃO CIENTÍFICA

a) Livros

- 1) 2005 *O Tempo das Ruas na São Paulo de Fins do Império*, São Paulo, Edusp, 272 p. [Caixa 1, Doc 1]
- 2) 2011 *Ô da Rua! O Transeunte e o Advento da Modernidade em São Paulo*, São Paulo, Edusp, 632 p. [Caixa 1, Doc 2]

b) Antologias

- 1) 2011 (em colaboração com Samuel Titan Jr. organização de) *Roger Bastide: Impressões do Brasil*, São Paulo, Imprensa Oficial, 167 p. [Caixa 1, Doc 3]
- 2) 2012 (em colaboração com Rubens Fernandes Jr., Heloisa Barbuy, José Henrique Siqueira) *Militão Augusto de Azevedo*, São Paulo, Cosac Naify, 220 p. [Caixa 1, Doc 4]
- 3) 2016 (em colaboração com Ana Rosas Mantecón organização de) *Vivir y Pensar São Paulo y la Ciudad de México: Trayectorias de investigación en diálogo*, Cidade do México, Universidad Autónoma Metropolitana/Juan Pablos Editorial, 185 p. [Caixa 1, Doc 5]
- 4) em preparação "A Sociologia Enraizada de José de Souza Martins" (título provisório; coletânea resultante da Jornada Internacional "A sociologia enraizada de José de Souza Martins", 2013)

c) Organização de dossiês

- 1) 2009 (em colaboração com Samuel Titan Jr.) "Fac-Símile", *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, 65, pp. 38-70 [Caixa 1, Doc 6]

- 2) 2012 “Urban Studies in/on Latin America in the 21st Century: Current State of Play and Future Perspectives”, *Iberoamericana. América Latina – España – Portugal*, 45, pp. 81-153 [Caixa 1, Doc 7]
- 3) 2013 “O Espaço na Vida Social”, *Estudos Avançados*, 27 (79), pp. 67-144 [Caixa 1, Doc 8]
- 4) 2013 “As ciências sociais e o espaço”, *Tempo Social. Revista do Departamento de Sociologia da USP*, 25 (2), pp. 8-97 [Caixa 1, Doc 9]
- 5) 2016 (em colaboração com Ana Rosas Mantecón) “Viver e pensar São Paulo e Cidade do México: Trajetórias de pesquisa em diálogo”, *Ponto Urbe* (Online), 2016, <http://pontourbe.revues.org/2974>, 105 p. [Maleta 2, Pasta 1, Doc 1]
- 6) em preparação (em colaboração com Julia O’Donnell) “Pensar a cidade (no Brasil): Tempos e/ou espaços”, *Tempo Social*, 1º sem. 2019

d) Dissertação de mestrado

- 1999 *Entre o Passado e o Presente, Entre a Casa e a Rua: Tempos e espaços na cidade de São Paulo de fins do Império*, dissertação de mestrado em Antropologia Social, São Paulo, FFLCH-USP, 198 p. [Caixa 1, Doc 10]

e) Tese de doutorado

- 2005 *Vir a ser Transeunte. Civilidade e modernidade nas ruas da cidade de São Paulo (entre o início do século XIX e o início do XX)*, tese de doutorado em Antropologia Social, São Paulo, FFLCH-USP, 625 p. [Caixa 1, Doc 11]

f) Capítulos de livros

- 1) 1996 “Onde estamos? Entendendo os ‘não-lugares’ da ‘supermodernidade’ de Marc Augé”, in Laboratório de Análises de Sociabilidade Contemporânea (org.), *Sociabilidades*, São Paulo, Departamento de Sociologia da USP, pp. 87-91 [Caixa 2, Doc 1]
- 2) 1996 “‘Classiline’: Diversão ou solução? Reflexões sobre a sociabilidade a partir do jornal em São Paulo”, in Laboratório de Análises de Sociabilidade Contemporânea (org.), *Sociabilidades*, São Paulo, Departamento de Sociologia da USP, pp. 105-130 [Caixa 2, Doc 1]
- 3) 1996 (em colaboração com Larissa Barbosa da Costa, Maria Cecília Turatti e Valéria Macedo) “O estranho do sonho: Entre o imediato e o possível”, in José de Souza Martins (org.), *(Des)figurações. A Vida Cotidiana no Imaginário Onírico da Metrópole*, São Paulo, Hucitec, pp. 73-100 [Caixa 2, Doc 2]
- 4) 2002 “São Paulo”, in Melvin Ember & Carol R. Ember (eds.), *Encyclopedia of Urban Cultures. Cities and cultures around the world*, vol. 4, Danbury (Connecticut), Scholastic/Grolier, pp. 143-153 [Caixa 2, Doc 3]

- 5) 2005 “Eine erbärmliche Komödie, wie sie nur in Brasilien möglich sein kann’: Transeuntes e ruas de São Paulo nos *faits divers* do jornal *Germania* 1890-1900”, in Ulrich J. Beil, Claudia S. Dornbusch e Masa Nomura (orgs.), *Blickwechsel: Akten des XI. Lateinamerikanischen Germanistenkongresses, São Paulo/Paraty/Petrópolis, 2003*, vol. 2, São Paulo, Edusp/Monferrer Produções, 2005, pp. 437-443 [Caixa 2, Doc 4]
- 6) 2005 “Antropologia do encontro e do desencontro: Fotógrafos e fotografados nas ruas de São Paulo (1880-1910)”, in José de Souza Martins, Cornelia Eckert e Sylvia Caiuby Novaes (orgs.), *O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais*, Bauru, Edusc, pp. 185-223 [Caixa 2, Doc 5]
- 7) 2006 “Do impacto da modernidade sobre a civilidade das elites nas ruas de São Paulo no século XIX”, in Heitor Frúgoli Júnior, Luciana Teixeira de Andrade e Fernanda Arêas Peixoto (orgs.), *As Cidades e Seus Agentes: Práticas e representações*, São Paulo/Belo Horizonte, Edusp/PUC-Minas, pp. 198-227 [Caixa 2, Doc 6]
- 8) 2007 “A importância da materialidade das imagens e da memória para as ciências sociais”, in Silke Weber e Thomas Leithäuser (orgs.), *Métodos Qualitativos nas Ciências Sociais e na Prática Social*, Recife, Editora Universitária da UFPE, pp. 206-236 [Caixa 2, Doc 7]
- 9) 2007 “¿Las interacciones de los transeúntes como patrimonio de las calles latinoamericanas? El comercio ambulante de São Paulo como ejemplo”, in Deni Ramirez Losada (org.), *Espacio Público, Patrimonio e Identidad(es) en América Latina*, Puebla, ICSI, pp. 163-193 [Caixa 2, Doc 8]
- 10) 2009 “Usos da rua”, in Carlos Fortuna e Rogerio Proença Leite (orgs.), *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Coimbra, CES/Editora Almedina, pp. 151-170 [Caixa 2, Doc 9]
- 11) 2010 “Discurso de saudação”, in FFLCH-USP (org.), *Cerimônia de Outorga do Título de Professor Emérito – Prof. Dr. José de Souza Martins*, São Paulo, Serviços de Artes Gráficas – FFLCH/USP, pp. 13-21 [Caixa 2, Doc 10]
- 12) 2010 “Tão longe, tão perto: Percepções das ruas do centro de São Paulo em fins do Império”, in Ana Maria de Almeida Camargo (org.), *São Paulo: Metrópole em Mosaico*, São Paulo, Centro de Integração Empresa-Escola, pp. 91-116 [Caixa 2, Doc 11]
- 13) 2010 “Zwischen Soziologie und Architektur/Städtebau: die Straßen und öffentlichen Plätze der Innenstadt São Paulos”, in Sabrina Lampe e Johannes N. Müller (orgs.), *Architektur und Baukultur: Reflexionen aus Praxis und Wissenschaft*, Berlin, DOM Publishers, pp. 354-361 [Caixa 2, Doc 12]
- 14) 2010 (em colaboração com Rogerio Proença Leite) “Espaço urbano no Brasil”, in Heloisa T. de Souza Martins (org.), *Horizontes das Ciências Sociais (Sociologia)*, São Paulo, Barcarolla/ANPOCS, pp. 203-251 [Caixa 2, Doc 13]

- 15) 2012 “Die Besonderheiten des Einbruchs der Moderne in Brasilien im Spiegel der Straßenmobilität”, in Hans-Georg Soeffner (org.), *Transnationale Vergesellschaftungen*, vol. 2, CD-ROM [Arquivo “Frehse.pdf” da subpasta “Adh_27 Mobilisierte Subjekte” da pasta “Manuskripte”], Wiesbaden, Springer VS [Caixa 2, Doc 14]
- 16) 2012 “O começo do fim da São Paulo caipira”, in Rubens Fernandes Jr., Heloisa Barbuy, Fraya Frehse e José Henrique Siqueira, *Militão Augusto de Azevedo*, São Paulo, Cosac Naify, pp. 50-73 [Caixa 1, Doc 4]
- 17) 2013 “Os tempos (diferentes) do uso das praças da Sé em Lisboa e em São Paulo”, in Carlos Fortuna e Rogerio Proença Leite (orgs.), *Diálogos Urbanos: Territórios, culturas, patrimônios*, Coimbra, Almedina, pp. 127-173 [Caixa 3, Doc 1]
- 18) 2013 “Zeiten im Körper: Das Potenzial der Lefebvre’schen Methode für die (lateinamerikanische) Stadtforschung”, in Anne Huffs Schmid e Kathrin Wildner (orgs.), *Stadtforschung aus Lateinamerika*, Bielefeld, Transcript, pp. 145-169. [Caixa 3, Doc 2] [VERSÃO BRASILEIRA REVISTA, intitulada “Tempos no corpo: Contribuições do método lefebvriano para a pesquisa urbana (latino-americana)”, trad. F. Frehse, *Estudos de Sociologia*, 1 (21), pp. 73-119] [Maleta 2, Pasta 2, Doc 1]
- 19) 2014 “For Difference ‘in and through’ São Paulo: The Regressive-Progressive Method”, in Lukasz Stanek, Christian Schmid e Ákos Moravánsky (orgs.), *Urban Revolution Now*, Farnham Surrey/Birlington, Ashgate, pp. 243-262 [Caixa 3, Doc 3]
- 20) 2015 “La rue comme territoire de l’attente”, in Laurent Vidal e Alain Musset (orgs.), *Les territoires de l’attente. Migrations et mobilités dans les Amériques (XIX^e – XXI^e siècle)*, Rennes, Presses universitaires de Rennes, pp. 118-121 [Caixa 3, Doc 4]
- 21) 2015 (em colaboração com Dominique Vidal) “Les territoires de l’attente comme territoires moraux”, in Laurent Vidal e Alain Musset (orgs.), *Les territoires de l’attente. Migrations et mobilités dans les Amériques (XIX^e – XXI^e siècle)*, Rennes, Presses universitaires de Rennes, pp. 173-193 [Caixa 3, Doc 4] [VERSÃO INGLESA REVISTA, intitulada “Waiting Territories Understood as Moral Territories”, trad. M. Rigaud e I. Wasenaar, in Laurent Vidal e Alain Musset (orgs.), *Waiting Territories in the Americas*, Newcastle upon Tyne, Cambridge Scholars Publishing, 2016, pp. 193-219] [Maleta 2, Pasta 3, Doc 1]
- 22) 2016 “Desigualdades no uso corporal dos espaços públicos urbanos na América Latina”, *desiguALdades.net Working Paper*, 95, 35 p. [Maleta 2, Pasta 4, Doc 1]
- 23) 2016 “A rua no Brasil em questão (etnográfica)”, in Lúcio Kowarick e Heitor Frúgoli Jr. (orgs.), *Pluralidade Urbana em São Paulo: Vulnerabilidade, marginalidade, ativismos*, São Paulo, Editora 34, pp. 197-223 [Caixa 3, Doc 5]

- 24) 2016 “The Street Understood as a Waiting Territory”, in Laurent Vidal e Alain Musset (orgs.), *Waiting Territories in the Americas*, trad. M. Rigaud e I. Wasenaar, Newcastle upon Tyne, Cambridge Scholars Publishing, 2016, pp. 126-129 [Maleta 2, Pasta 3, Doc 1]
- 25) 2016 “Waiting Territories Understood as Moral Territories”, in Laurent Vidal & Alain Musset (orgs.), *Waiting Territories in the Americas*, trad. M. Rigaud e I. Wasenaar, Newcastle upon Tyne, Cambridge Scholars Publishing, 2016, pp. 191-216 [Maleta 2, Pasta 3, Doc 1]
- 26) 2016 “En busca del tiempo en las calles y plazas de São Paulo”, in Ana Rosas Mantecón e Fraya Frehse (orgs.), *Vivir y Pensar São Paulo y la Ciudad de México: Trayectorias de investigación en diálogo*, Cidade do México, Universidad Autónoma Metropolitana/Juan Pablos Editorial, pp. 109-133 [Caixa 1, Doc 5]
- 27) 2017 “Memória e espaço”, in Renato Cymbalista, Sarah Feldman e Beatriz Kühl (orgs.), *Patrimônio Cultural: Memória e Intervenções Urbanas*, São Paulo, Annablume, 2017, pp. 237-243 [Caixa 3, Doc 6]
- 28) no prelo “On the Everyday History of Pedestrians’ Bodies in São Paulo’s Downtown amidst Metropolization (1950-2000)”, in Bianca Freire-Medeiros e Julia O’Donnell (orgs.), *Urban Latin America: Words, Images and the Built Environment*, London/New York, Routledge [Maleta 2, Pasta 5, Doc 1]
- 29) em preparação “A sociologia da margem e suas inovações”, in Fraya Frehse (org.), “A Sociologia Enraizada de José de Souza Martins” (título provisório; coletânea resultante da Jornada Internacional “A sociologia enraizada de José de Souza Martins”, 2013)

g) Artigos em revistas especializadas

- 1) 1997 “Entre Largo e Praça, Matriz e Catedral: A Sé dos cartões postais paulistanos”, *Cadernos de Campo. Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de São Paulo*, 5 (5-6), pp. 117-155 [Caixa 3, Doc 7]
- 2) 2000 “Cartões postais paulistanos da virada do século XX: Problematizando a São Paulo ‘moderna’”, *Horizontes Antropológicos*, 13, pp. 127-154 [Caixa 3, Doc 8]
- 3) 2000 “Notas sobre os tempos de um tempo: Um certo ‘Sr. Segismundo’ na São Paulo do início dos anos 1870”, *Sexta Feira*, 5, pp. 98-109 [Caixa 3, Doc 9]
- 4) 2001 “Continuidade, ruptura ou o quê? Repensando interpretações sobre a urbanização paulistana de fins do XIX”, *Plural. Revista do Curso de Pós-Graduação em Sociologia*, 8, pp. 87-119 [Caixa 3, Doc 10]
- 5) 2001 “Potencialidades do método regressivo-progressivo: Pensar a cidade, pensar a história”, *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, 13 (2), pp. 169-184 [Caixa 3, Doc 11]

- 6) 2002 “Através da fotografia de rua, uma antropologia da rua - no ‘Album Comparativo da Cidade de São Paulo, 1862-1887’, de Militão de Azevedo”, *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 14, Rio de Janeiro, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, pp. 35-62 [Caixa 3, Doc 12]
- 7) 2003 “On Modernity in the Streets of São Paulo c. 1900: What Can Postcards Tell Us?”, *Anuario Americanista Europeo (Escribir la ciudad latinoamericana. Miradas cruzadas)*, 1, pp. 59-85 [Caixa 3, Doc 13]
- 8) 2005 “Os informantes que jornais e fotografias revelam - para uma etnografia da civilidade nas ruas do passado”, *Estudos Históricos*, 36, pp. 131-156 [Caixa 3, Doc 14]
- 9) 2007 “Potencialidades de uma etnografia das ruas do passado”, *Cadernos de Campo*, 15 (14-15), pp. 299-317 [Caixa 3, Doc 15]
- 10) 2008 “Erving Goffman, sociólogo do espaço”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 23 (68), pp. 155-166 [Caixa 3, Doc 16]
- 11) 2012 “A Recent Sociological Utopia of Urban Space in Brazil”, *Iberoamericana. América Latina – España – Portugal*, 45, pp. 103-117 [Caixa 1, Doc 7]
- 12) 2012 “U-topias (urbanas) do pensamento sociológico”, *Estudos Avançados. Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP*, 26 (75), pp. 191-206 [Caixa 3, Doc 17]
- 13) 2013 “A rua no Brasil em questão (etnográfica)”, *Anuário Antropológico/2012*, 38 (2), pp. 99-129 [Caixa 3, Doc 18]
- 14) 2014 “Debatten um die ‘Eigenlogik’ der Städte: Ein vergleichender Blick auf den aktuellen ‘Aufruhr’ in der deutschen Stadtsoziologie”, *Neue Politische Literatur*, 59 (3), pp. 399-407 [Maleta 2, Pasta 6, Doc 1]
- 15) 2015 “Tempos no corpo: Contribuições do método lefebvriano para a pesquisa urbana (latino-americana)”, trad. F. Frehse, *Estudos de Sociologia*, 1 (21), pp. 73-119 [Maleta 2, Pasta 2, Doc 1] [CAPÍTULO ORIGINAL ALEMÃO, intitulado “Zeiten im Körper: Das Potenzial der Lefebvreschen Methode für die (lateinamerikanische) Stadtforschung”, in Anne Huffs Schmid Kathrin Wildner (orgs.), “Stadtforschung aus Lateinamerika”, Bielefeld, Transcript, 2013, pp. 145-169] [Caixa 3, Doc 2]
- 16) 2016 “Da desigualdade social nos espaços públicos centrais brasileiros”, *Sociologia & Antropologia*, 6 (1), pp. 129-158 [Maleta 2, Pasta 7, Doc 1]
- 17) 2016 “Quando os ritmos corporais dos pedestres nos espaços públicos urbanos revelam ritmos da urbanização”, *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, 16 (1), pp. 100-118 [Caixa 3, Doc 19]
- 18) 2016 “Em busca do tempo nas ruas e praças de São Paulo”, *Ponto Urbe* (Online), 18, disponível em <<https://pontourbe.revues.org/3103>>, acesso em 28.07.2017 [Maleta 2, Pasta 1, Doc 1]
- 19) 2016 “Erving Goffmans Soziologie des Raums”, *Sozialraum.de* (Online), 8, disponível em <<http://sozialraum.de/erving-goffmans-soziologie-des-raums.php>>, acesso em 12.10.2016 [Maleta 2, Pasta 8, Doc 1]

- 20) 2017 “Relational Space through Historically Relational Time – in the Bodies of São Paulo’s Pedestrians”, *Current Sociology*, 65 (2), Monograph 2, disponível em <http://journals.sagepub.com/eprint/pZr5UAfMpp9EQYPs5xmP/full>, acesso em 17.04.2017. [versão impressa em *Current Sociology Monograph*, 65 (4), 2017, pp. 511-532] [Maleta 2, Pasta 9, Doc 1]

h) Artigos em magazines/jornais

- 1) 2006 “Dificuldades da antropologia com a antropologia histórica”, *Informe On-Line da Comunidade Virtual de Antropologia*, 31, disponível em http://www.antropologia.com.br/res/res_atual.htm, acesso em 17.08.2006 [Maleta 2, Pasta 10, Doc 1]
- 2) 2007 “Tantas cidades em Lisboa”, *Ponto Urbe*, 1, julho 2007, disponível em <http://www.n-a-u.org/pontourbe01/Frehse.html>, acesso em 7.07.2007 [Maleta 2, Pasta 10, Doc 2]
- 3) 2009 “A São Paulo da escadaria da Sé”, *O São Paulo. Semanário da Arquidiocese de São Paulo*, 25 de janeiro de 2009, p. 8 [Maleta 2, Pasta 10, Doc 3]
- 4) 2010 “Soziologische Stadtforschung in Brasilien”/“Sociological Urban Studies in Brazil”, *Newsletter des Georg-Simmel-Zentrums für Metropolenforschung März 2010*, disponível via e-mail de 11.03.2010 de GSZ-News@no-reply.de para gsz@lists.hu-berlin.de [Maleta 2, Pasta 10, Doc 4]
- 5) 2011 “Ergänzung zum Workshop ‚Eine spezifisch ‚deutsche‘ Stadtsoziologie‘“, *März-Newsletter des Georg-Simmel-Zentrums für Metropolenforschung – 2011*, disponível via e-mail de 2.03.2011 de GSZ-News@no-reply.de para gsz@lists.hu-berlin.de [Maleta 2, Pasta 10, Doc 5]
- 6) 2013 “O silêncio de Meire”, *O Trecheiro*, 218, julho de 2013, p. 2 [Maleta 2, Pasta 10, Doc 6]
- 7) 2015 “Medo da rua”, *O Estado de S. Paulo* [Caderno “Aliás”], 25 de outubro de 2015, p. E2 [Maleta 2, Pasta 10, Doc 7]
- 8) 2016 “No limbo: Memórias de um coreto”, *O Estado de S. Paulo* [Caderno “Aliás”], 24 de janeiro de 2016, p. E5 [Maleta 2, Pasta 10, Doc 8]
- 9) 2016 “A história rueira de Paulo Bomfim”, *O Estado de S. Paulo* [Caderno “Aliás”], 25 de setembro de 2015, p. E4 [Maleta 2, Pasta 10, Doc 9]

i) Textos de apresentação

- 1) 2008 “De antropologia, história e também teoria social”, in Marshall Sahlins, *Metáforas Históricas e Realidades Míticas. Estrutura nos primórdios da história do reino das Ilhas Sandwich*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp. 9-15 [Caixa 3, Doc 20]
- 2) 2009 (em colaboração com Samuel Titan Jr.) “Escritos de época”, *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, 65, pp. 39-41 [Caixa 1, Doc 6]
- 3) 2010 “Apresentação”, in São Paulo Turismo e Secretaria Municipal da Cultura da Prefeitura de São Paulo (orgs.), *São Paulo 1870-193* [22 cartões postais], São Paulo, São Paulo Turismo/Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo [Caixa 1, Doc 12]

- 4) 2011 (em colaboração com Samuel Titan Jr.) “Prefácio”, in Fraya Frehse e Samuel Titan Jr. (orgs.), *Roger Bastide: Impressões do Brasil*, São Paulo, Imprensa Oficial, pp. 6-14 [Caixa 1, Doc 3]
- 5) 2012 “Introduction” ao “Dossier: Urban Studies in/on Latin America in the 21st Century: Current State of Play and Future Perspectives”, *Iberoamericana. América Latina – España – Portugal*, 45, pp. 83-86 [Caixa 1, Doc 7]
- 6) 2013 “O espaço na vida social: uma introdução”, *Estudos Avançados*, 27 (79), pp. 69-74 [Caixa 1, Doc 8]
- 7) 2013 “Apresentação” ao dossiê “As ciências sociais e o espaço”, *Tempo Social*, 25 (2), pp. 9-16 [Caixa 1, Doc 9]
- 8) 2015 (em colaboração com Dominique Vidal) “‘Introduction’ à la Quatrieme Partie ‘Des identités en question dans les territoires de l’attente’”, in Laurent Vidal e Alain Musset (orgs.), *Les territoires de l’attente*, Rennes, Presses universitaires de Rennes, pp. 171-172. [Caixa 3, Doc 4] [VERSÃO INGLESA REVISTA, intitulada “Waiting Territories and the Challenges to Identity”, trad. M. Rigaud e I. Wasenaar, in Laurent Vidal e Alain Musset (orgs.), *Waiting Territories in the Americas*, Newcastle upon Tyne, Cambridge Scholars Publishing, 2016, pp. 191-192] [Maleta 2, Pasta 3, Doc 1]
- 9) 2016 (em colaboração com Ana Rosas Mantecón) “Viver e pensar São Paulo e Cidade do México: Uma introdução”, *Ponto Urbe*, 18, disponível em <https://pontourbe.revues.org/3052>, acesso em 28.07.2017 [Maleta 2, Pasta 1, Doc 1]
- 10) 2016 (em colaboração com Ana Rosas Mantecón) “Vivir y pensar la Ciudad de México y São Paulo: Una introducción”, in Ana Rosas Mantecón & Fraya Frehse (orgs.), *Vivir y Pensar São Paulo y la Ciudad de México: Trayectorias de investigación en diálogo*, Cidade do México, Universidad Autónoma Metropolitana/Juan Pablos Editorial, pp. 9-16 [Caixa 1, Doc 5]

j) Notas/legendas explicativas

- 1) 1998 Notas explicativas de Roberto Pompeu de Toledo, *O Presidente segundo o Sociólogo: Entrevista de Fernando Henrique Cardoso a Roberto Pompeu de Toledo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998 [Caixa 1, Doc 13]
- 2) 2010 Legendas explicativas dos 22 cartões postais de São Paulo Turismo e Secretaria Municipal da Cultura da Prefeitura de São Paulo (orgs.), *São Paulo 1870-1930* [22 cartões postais], São Paulo, São Paulo Turismo/Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo [Caixa 1, Doc 12]

k) Resenhas em revistas especializadas

- 1) 1997 Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural* (São Paulo, Hucitec, 1997, 208 pp.), *Revista de Antropologia*, 40 (2), pp. 235-245 [Maleta 3, Doc 1]
- 2) 1998 Clifford Geertz, *O Saber Local - Novos ensaios em antropologia interpretativa* (Rio de Janeiro, Vozes, 1998, 366 pp.), *Revista de Antropologia*, 41 (2), pp. 235-243 [Maleta 3, Doc 2]

- 3) 2000 Carlos A. C. Lemos, *Casa Paulista: História das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café* (São Paulo, Edusp, 1999, 264 pp.), in *Revista de Antropologia*, 43 (1), pp. 291-300 [Maleta 3, Doc 3]
- 4) 2000 Comissão de Patrimônio Cultural da USP, *A Casa de Dona Yayá* (São Paulo, Edusp, 1999, 176 pp.), *Revista de Antropologia*, 43, (2), pp. 259-269 [Maleta 3, Doc 4]
- 5) 2002 Eduardo Yázigi, *O Mundo das Calçadas* (São Paulo, Imprensa Oficial/Humanitas, 2000, 548 pp.), *Cadernos de Campo*, 11 (10), pp. 147-152 [Maleta 3, Doc 5]
- 6) 2002 “Onde touradas, antropologia e arte se encontram [Resenha sobre Michel Leiris, *Espelho da Tauromaquia* (Trad. Samuel Titan Jr., São Paulo, Cosac & Naify, 2001, 80 pp.)], *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 (49), pp. 153-156 [Maleta 3, Doc 6]
- 7) 2005 Benedito Lima de Toledo, *São Paulo: Três Cidades em um Século* (São Paulo, Cosac & Naify/Duas Cidades, 2004, 192 pp.), *Novos Estudos Cebrap*, 71, pp. 221-227 [Maleta 3, Doc 7]
- 8) 2005 “Fotografias da São Paulo do passado em seus 450 anos: encontro de imaginários” [Resenha sobre João Luiz Musa; Evandro Carlos Jardim & Ricardo Mendes, *São Paulo, Anos 20: Andar, vagar, perder-se*, Ed. bilíngüe (português-inglês), texto em inglês Terêncio Hill, São Paulo, Melhoramentos de São Paulo Livrarias, 2003, 144 pp.; José Alfredo Vidigal Pontes & Rui Mesquita Filho, *São Paulo de Piratininga: De pouso de tropas a metrópole*, São Paulo, O Estado de S. Paulo/Editora Terceiro Nome, 2003, 256 pp.; Fernando Portela, *São Paulo, 1860-1960: A paisagem humana*, São Paulo/Louveira, Editora Terceiro Nome/Albatroz Editora e Produtora, 2004., 256 pp.], *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 21 (2), pp. 183-193 [Maleta 3, Doc 8]
- 9) 2006 “As realidades que as ‘tribos urbanas’ criam” [Resenha sobre José Machado Pais & Leila Maria da Silva Blass (orgs.), *Tribos urbanas: Produção artística e identidades* (São Paulo, Annablume, 2004, 234 pp.)], *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 21 (60), pp. 171-174 [Maleta 3, Doc 9]
- 10) 2007 “A São Paulo das tramas” [Resenha sobre Vera da Silva Telles & Robert Cabanes (orgs.), *Nas Tramas da Cidade. Trajetórias urbanas e seus territórios* (São Paulo, Associação Editorial Humanitas, 2006, 442 pp.)], *Novos Estudos Cebrap*, 78, pp. 209-218 [Maleta 3, Doc 10]
- 11) 2008 “Comunhão com o homem comum” [Resenha sobre José de Souza Martins, *A Sociabilidade do Homem Simples* (2ª ed. rev. e ampl., São Paulo, Contexto, 2008) e Ivan Vilela, “Dez Cordas” (CD-ROM)], *Estudos Avançados*, 22 (63), pp. 315-318 [Maleta 3, Doc 11]

I) Trabalhos completos em anais

- 1) 2000 “Continuidade, ruptura ou o quê? Repensando interpretações sobre a urbanização paulistana de fins do XIX”, in Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) (org.), *XXIV Encontro Anual da ANPOCS 2000. Grupo de Trabalho 10 (Pensamento social no Brasil)*, Disquete, Petrópolis, ANPOCS [Maleta 4, Pasta 1, Doc 1]

- 2) 2001 "Fotografias de rua para a antropologia: O 'Album Comparativo da Cidade de São Paulo, 1862-1887', de Militão Augusto de Azevedo", in ANPOCS (org.), *XXV Encontro Anual da ANPOCS 2001. Seminário Temático 24 (Os usos da imagem nas ciências sociais)*, Disquete, Caxambu, ANPOCS [Maleta 4, Pasta 1, Doc 2]
- 3) 2003 "As ruas da fotografia de rua paulistana da virada do século XX – nas coleções do carioca Militão de Azevedo, do paulistano Affonso de Freitas e do pugliese Vincenzo Pastore", in Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR) (org.), *X Encontro Nacional da ANPUR 'Encruzilhadas do Planejamento. Repensando teorias e práticas'*, CD-ROM, Belo Horizonte, ANPUR [Maleta 4, Pasta 1, Doc 3]
- 4) 2003 "Da modernidade nas ruas dos cartões postais paulistanos em 1900", in ANPOCS (org.), *XXVII Encontro Anual da ANPOCS 2003*, CD-ROM, Caxambu, ANPOCS [Maleta 4, Pasta 1, Doc 4]
- 5) 2005 "Eine erbärmliche Komödie, wie sie nur in Brasilien möglich sein kann': Transeuntes e ruas de São Paulo nos *faits divers* do jornal *Germania* 1890-1900", in Lateinamerikanischer Germanistenkongress (ALEG) (org.), *Blickwechsel: Akten des XI. Lateinamerikanischen Germanistenkongresses, São Paulo/Paraty/Petrópolis, 2003*, vol. 2, São Paulo, Edusp/Monferrer Produções, 2005, pp. 437-443 [Caixa 2, Doc 4]
- 6) 2005 "Por uma etnografia das ruas do passado: Fundamentos metodológicos, limitações e potencialidades teóricas", in Congreso Internacional de Etnohistoria (org.), *Actas del VI Congreso Internacional de Etnohistoria*, CD-ROM, Buenos Aires, Congreso Internacional de Etnohistoria [Maleta 4, Pasta 1, Doc 5]
- 7) 2007 "O transeunte e a invenção social da rua como lugar público na São Paulo pós-escravista", in First International Conference of Young Urban Researchers (org.), "Presenters, Abstracts, and Papers", Lisboa (Portugal), disponível em <https://conferencias.iscte.pt/viewabstract.php?id=206&cf=3>, acesso em 7.07.2007
- 8) 2008 "Usos da rua", in Seminário da Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos (org.), "Textos Provisórios", CD-ROM [arquivo "Fraya Frehse.pdf"], Coimbra, CES [Maleta 4, Pasta 1, Doc 6]
- 9) 2009 "Perspectivas teóricas contemporâneas da sociologia brasileira sobre a cidade", in ANPOCS (org.), *Anais do 33º Encontro da ANPOCS, de 26 a 30 de outubro de 2009, em Caxambu/MG*, disponível em http://sec.adevento.com.br/anpocs/admin/pro_lista_programa.asp?eveld=1&strConsultar=S [arquivo TBR0910-1], acesso em 30.10.2009
- 10) 2010 "The São Paulo Challenges for the 'Intrinsic Logic of the City'", in European Urban Research Association (EURA) Conference (org.), "Understanding City Dynamics", Darmstadt (Alemanha), disponível em <http://www.politikwissenschaft.tu-darmstadt.de/index.php?id=2940>, acesso [restrito] em 26.09.2010
- 11) 2011 "Semelhantes na diferença: Os usos não cotidianos da Praça da Sé (São Paulo) e do Largo da Sé (Lisboa)", in Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos (org.), *Diálogos Urbanos – Livro de Textos (Documento Interno)*, Coimbra, CES, pp. 71-92

- 12) 2011 “Em busca de diferenças no urbano hoje, regras de uso dos lugares públicos centrais”, in ANPOCS (org.), *Anais do 35º Encontro da ANPOCS, de 24 a 28 de outubro de 2011, em Caxambu/MG*, disponível em <http://www.anpocs.org.br/portal/index.php?option=com_wrapper&Itemid=94> [arquivo FrayaFrehse.pdf], acesso em 28.10.2011
- 13) 2012 “Die Besonderheiten des Einbruchs der Moderne in Brasilien im Spiegel der Straßenmobilität”, in Hans-Georg Soeffner (org.), *Transnationale Vergesellschaftungen. Verhandlungen des 35. Kongresses der Deutschen Gesellschaft für Soziologie in Frankfurt am Main 2010*, vol. 2, CD-ROM [Arquivo “Frehse.pdf” da subpasta “Adh_27 Mobilisierte Subjekte” da pasta “Manuskripte”], Wiesbaden, Springer VS [Caixa 2, Doc 14]
- 14) 2012 “A contribuição dos tempos históricos no espaço para a pesquisa urbana no Brasil”, in ANPOCS (org.), *Anais do 36º Encontro da ANPOCS, de 21 a 25 de outubro de 2012, em Águas de Lindoia/SP*, disponível em <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=505%3Aanais-do-encontro-sps-mrs-e-gts-&catid=161%3A36o-encontro-anual-da-anpocs&Itemid=76> [arquivo FrayaFrehse_a_contribuicao.pdf], acesso em 25.10.2012

m) Trabalhos resumidos em anais

- 1) 1994 “Sem-teto: Uma realidade exclusiva do ‘Terceiro Mundo’? A problemática dos sem-teto na Estação Ferroviária Central de Colônia”, in Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) (org.), *46ª Reunião Anual SBPC (Comunicações)*, Vitória, SBPC, p. 212 [Caixa 4, Doc 1]
- 2) 1995 “‘Classiline’, ‘Disqueamizade’, ‘Encontre’: Sociabilidade ou sua negação? Um estudo dos padrões de sociabilidade através da mídia em São Paulo”, in Simpósio de Iniciação Científica da USP (SIICUSP) (org.), *3º Simpósio de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo, Ciências Biológicas, Ciências Humanas e Humanidades, Agropecuária*, São Paulo, SIICUSP, p. 309 [Caixa 4, Doc 2]
- 3) 1996 “‘Classiline’: diversão ou solução? Um estudo dos padrões de sociabilidade a partir da mídia impressa em São Paulo”, in SBPC (org.), *48ª Reunião Anual da SBPC*, CD-ROM, São Paulo, SBPC [Maleta 4, Pasta 2, Doc 1]
- 4) 1997 “Entre Largo e Praça, Matriz e Catedral: a Sé dos cartões postais paulistanos”, in Reunión de Antropología del Mercosur (RAM) (org.), *II Reunión de Antropología del Mercosur. Fronteras Culturales y Ciudadanía. Libro de Resúmenes*, Piriápolis, RAM, p. 65 [Caixa 4, Doc 3]
- 5) 1998 “Em meio a trilhos e freios, acidentes e pingentes: o bonde nos cartões postais paulistanos da virada do século XX”, in Associação Brasileira de Antropologia (ABA) (org.), *21ª Reunião Brasileira de Antropologia. Século 21. Programa e Resumos*, Vitória, ABA, pp. 167-168 [Caixa 4, Doc 4]
- 6) 1999 “‘Quem fica parado é poste’: São Paulo, ruas e transeuntes nas fotografias do *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo, 1862-1887*, de Militão Augusto de Azevedo”, in SBPC (org.), *51ª Encontro Anual da SBPC – 1999. Mercosul: A Quebra de Fronteiras*, CD-ROM, Porto Alegre, SBPC [Maleta 4, Pasta 2, Doc 2]

- 7) 1999 “Novas velhas ruas. Da convivência entre pessoas e bondes num espaço urbano em transformação. São Paulo, fins do século XIX”, in RAM (org.), *III Reunión de Antropología del Mercosur. Nuevos Escenarios Regionales e Internacionales. Resúmenes*, Posadas, Programa de Postgrado en Antropología Social de la Universidad Nacional de Misiones, p. 33 [Maleta 4, Pasta 2, Doc 3]
- 8) 2000 “Sobre tempos e espaços na cidade de São Paulo de fins do Império”, in Associação Nacional de História (ANPUH) (org.), *XV Encontro Regional de História. História no Ano 2000: Perspectiva. Programa e Resumos*, São Paulo, ANPUH, p. 145 [Caixa 4, Doc 5]
- 9) 2000 “Continuidade, ruptura ou o quê? Repensando interpretações sobre o processo de urbanização na cidade de São Paulo de fins do XIX”, in ANPOCS (org.), *XXIV Encontro Anual da ANPOCS. Programa e Resumos*, Petrópolis, ANPOCS, p. 78 [Caixa 4, Doc 6]
- 10) 2001 “Das ruas de um fotógrafo aos tempos de uma cidade: Uma proposta de interpretação para o *Album Comparativo da Cidade de São Paulo, 1862-1887*, de Militão Augusto de Azevedo” in Encuentro Internacional “Memoria Iconográfica de un Siglo”, Havana (Cuba), disponível em <<http://www.cult.cu/casa/index.html>>, acesso em 09.03.2001 [Maleta 4, Pasta 2, Doc 4]
- 11) 2001 “Potencialidades do método regressivo-progressivo: Pensar a cidade do passado – São Paulo, fins do século XIX”, in ANPUR (org.), *IX Encontro Nacional da ANPUR “Ética, Planejamento e Construção Democrática do Espaço”*. Programação, Rio de Janeiro, ANPUR [Maleta 4, Pasta 2, Doc 5]
- 12) 2001 “Vicissitudes teórico-metodológicas do trabalho antropológico com fontes históricas: Uma leitura de ‘Negara’, de Clifford Geertz”, in Simpósio da Associação Nacional de História (ANPUH) (org.), *XXI Simpósio Nacional de História no Novo Milênio: Entre o Individual e o Coletivo. Livro de Resumos*. Niterói, ANPUH, 2001, p. 355 [Caixa 4, Doc 7]
- 13) 2001 “Fotografias de rua para a antropologia: O ‘Album Comparativo da Cidade de São Paulo, 1862-1887’, de Militão Augusto de Azevedo”, in ANPOCS (org.), *XXV Encontro Anual da ANPOCS 2001. Programa e Resumos*, Caxambu, ANPOCS, p. 72 [Caixa 4, Doc 8]
- 14) 2001 “Notas para uma antropologia histórica da cidade: Através do documento, uma etnografia da São Paulo de fins do XIX”, in RAM (org.), *IV Reunión de Antropología do Mercosul. Etnografía e Antropología. Programas e Resumos*, Curitiba, ABA, pp. 101-102 [Caixa 4, Doc 9]
- 15) 2002 “A cidade dos ‘transeuntes’: As ruas da opinião pública paulistana de fins do século XIX”, in ABA (org.), *23ª Reunião Brasileira de Antropologia*, CD-ROM, Gramado, ABA, 2002 [Maleta 4, Pasta 2, Doc 6]
- 16) 2003 “Street Photography in São Paulo at the Beginning of the 20th Century: Three ‘Photographic Imaginations’ on Public Life – Many Histories, Different Modernities”, in Postgraduates in Latin American Studies (PILAS) (org.), *Programme of the 6th Annual Postgraduates in Latin American Studies (PILAS) Conference*, Coventry, Society for Latin American Studies (SLAS), pp. 2-3 [Maleta 4, Pasta 2, Doc 7]

- 17) 2003 “Everyday Life in São Paulo: Brazilian Street Photography, 1887-1912” [sic], in SLAS (org.), *SLAS 2003 Annual Meeting and Conference*, Manchester (Reino Unido), SLAS, pp. 38-39 [Maleta 4, Pasta 2, Doc 8] [a versão correta do título da comunicação, “About the Originality of Brazilian Modernity: Everyday Life in the Streets of São Paulo Street Photography at the Turn of the 20th Century”, aparece em declaração do Prof. Dr. Peter Wade de 28.04. 2003] [Maleta 4, Pasta 2, Doc 9]
- 18) 2003 “As ruas da fotografia de rua paulistana da virada do século XX – nas coleções do carioca Militão de Azevedo, do paulistano Affonso de Freitas e do pugliese Vincenzo Pastore”, in ANPUR (org.), *X Encontro Nacional da ANPUR ‘Encruzilhadas do Planejamento. Repensando teorias e práticas’. Programação*, Belo Horizonte, ANPUR, p. 118 [Caixa 4, Doc 10]
- 19) 2003 “As interações entre transeuntes nas ruas como patrimônio dos espaços públicos latino-americanos: São Paulo, virada do século XX”, in Congreso Internacional de Americanistas (org.), *Actas del 51º Congreso Internacional de Americanistas*, CD-ROM, Santiago, Universidad de Chile [Maleta 4, Pasta 2, Doc 10]
- 20) 2003 “‘Eine erbärmliche Komödie, wie sie nur in Brasilien möglich sein kann’: Transeuntes e ruas de São Paulo nos *faits divers* do jornal *Germania* 1890-1900”, in ALEG (org.), *Blickwechsel. XI. ALEG-Kongress. Programm & Abstracts*, São Paulo, ALEG, p. 91 [Caixa 4, Doc 11]
- 21) 2003 “Da modernidade nas ruas dos cartões postais paulistanos em 1900”, in ANPOCS (org.), *XXVII Encontro Anual da ANPOCS 2003. Programação e Resumos*, Caxambu, ANPOCS, p. 28 [Declaração - Errata] [Caixa 4, Doc 12]
- 22) 2004 “Do impacto das intervenções urbanas modernizadoras sobre os padrões de civilidade nas ruas da cidade: São Paulo na Primeira República como pretexto”, in ABA (org.), *24ª Reunião Brasileira de Antropologia “Nação e Cidadania”. Programa e Resumos*, Olinda, ABA, pp. 142-143 [Caixa 4, Doc 13]
- 23) 2004 “Quando a fotografia fala de antropologia e de história - nas ruas de São Paulo (1880-1910)”, in ANPOCS (org.), *XXVIII Encontro Anual da ANPOCS 2004. Programação e Resumos*, Caxambu, ANPOCS, pp. 104-105 [Caixa 4, Doc 14]
- 24) 2004 “Os ‘informantes’ que notícias e crônicas de jornal revelam – para uma etnografia das ruas do passado”, in Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV-RJ)/Laboratório de Antropologia e História (orgs.), *Seminário “Quando o Campo é o Arquivo”. Etnografias, histórias e outras memórias guardadas*, Rio de Janeiro, CPDOC-FGV-RJ/Laboratório de Antropologia e História, p. 4 [Maleta 4, Pasta 2, Doc 11]
- 25) 2005 “O transeunte, uma ‘forma elementar’ das especificidades da modernidade nas ruas paulistanas no século XIX”, in Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) (org.), *XII Congresso Brasileiro de Sociologia. Programa e Resumos*, Belo Horizonte, SBS, pp. 153-154 [Caixa 4, Doc 15]
- 26) 2005 “A historicidade que o transeunte revela – nas ruas de São Paulo entre as décadas de 1880 e 1910”, in ANPUH (org.), *23º Simpósio Nacional de História. Programas e Resumos*, Londrina, ANPUH, p. 222 [Caixa 4, Doc 16]

- 27) 2006 "Imagens visuais produzidas por terceiros como 'campo' da antropologia visual no Brasil", in ABA (org.), *25ª Reunião Brasileira de Antropologia*, CD-ROM, Goiânia, ABA [Maleta 4, Pasta 3, Doc 1, Doc 2]
- 28) 2006 "Há ócios e ócios – nas ruas centrais da cidade de São Paulo na segunda metade do século XIX", in ANPOCS (org.), *30º Encontro Anual da ANPOCS 2006. Programação e Resumos*, Caxambu, ANPOCS, p. 158 [Caixa 4, Doc 17]
- 29) 2006 "A importância da materialidade das imagens e da memória para as Ciências Sociais", in Simpósio Internacional "Métodos Qualitativos na Pesquisa Social e na Prática Social", *Simpósio Internacional "Métodos Qualitativos nas Ciências Sociais e na Prática Social"*, CD-ROM, Recife/Bremen, UFPE/Universität Bremen [Maleta 4, Pasta 3, Doc 3]
- 30) 2007 "Primeiras notas sobre a cultura corporal dos usuários das ruas do centro de São Paulo da atualidade", in SBS (org.), *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Programação e Resumos*, Recife, SBS, p. 147 [Caixa 4, Doc 18]
- 31) 2007 "Velhos novos usuários das praças 'requalificadas' do centro de São Paulo", in SBS (org.), *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Programa e Resumos*, Recife, SBS, p. 147 [Caixa 4, Doc 18]
- 32) 2007 "O transeunte e a invenção social da rua como lugar público na São Paulo pós-escravista", in First International Conference of Young Urban Researchers (org.), "Presenters, Abstracts, and Papers", disponível em <<https://conferencias.iscte.pt/viewabstract.php?id=206&cf=3>>, acesso em 07.07.2007 [Maleta 4, Pasta 3, Doc 4]
- 33) 2007 "A sociologia brasileira sobre a cidade (de São Paulo): Um balanço crítico", in ANPOCS (org.), *31º Encontro Anual da ANPOCS 2007. Programa e Resumos*, Caxambu, ANPOCS, p. 155 [Caixa 4, Doc 19]
- 34) 2008 "Usos da rua no Brasil: muita pesquisa, qual teoria?", ANPOCS (org.), *32º Encontro Anual da ANPOCS 2008. Programa e Resumos*, Caxambu, ANPOCS, pp. 174-175 [Caixa 5, Doc 1]
- 35) 2008 "Lefebvre's Use of Space in the Public Places of Contemporary Downtown São Paulo", in Chairs of Architecture Theory of the Delft University of Technology (TU Delft) and of the Eidgenössische Technische Hochschule (ETH) Zürich (orgs.), *Rethinking Theory, Space, and Production: Henri Lefebvre Today*, Delft, TU Delft, p. s/n [Maleta 4, Pasta 3, Doc 5]
- 36) 2006 "New Old Conflicts in the Public Places of Contemporary Downtown São Paulo", in Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin (org.), "Taller de discusión 'Ciudadanía, Derecho(s) y Espacio en América Latina: Nuevas Líneas de Conflicto - Resúmenes", Berlin, Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, p. 11 [Maleta 4, Pasta 3, Doc 6]
- 37) 2009 "A vida cotidiana na metrópole contemporânea como um problema da sociologia", in SBS (org.), *XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Programação e Resumos*, Rio de Janeiro, SBS, pp. 45-46 [Caixa 5, Doc 2]
- 38) 2009 "Quando o campo é a rua na metrópole (brasileira)", in *VIII Graduação em Campo - Caderno de Resumos*, São Paulo, Núcleo de Antropologia Urbana, pp. 18-19 [Caixa 5, Doc 3]

- 39) (em colaboração com Rogerio Proença Leite) “Perspectivas teóricas contemporâneas da sociologia brasileira sobre a cidade”, in ANPOCS (org.), *Programa e Resumos – 33º Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu, ANPOCS, pp. 225-226 [Caixa 5, Doc 4]
- 2009
- 40) “In Search of Difference amid Global Urbanization: The Possibilities of Lefebvre’s Regressive-Progressive Method for Conceptualizing Present São Paulo”, in Chairs of Architecture Theory of the Delft University of Technology and of the Eidgenössische Technische Hochschule (ETH) Zürich (orgs.), *“Urban Research and Architecture: Beyond Henri Lefebvre” International Conference - Program and Abstracts*, Zurich (Suíça), ETH Zurich, p. 11 [Maleta 4, Pasta 3, Doc 7]
- 2009
- 41) “The São Paulo Challenges for the “Intrinsic Logic of the City”, in EURA (org.), *Book of Abstracts “Understanding City Dynamics”*, Darmstadt, EURA, pp. 5-6 [Caixa 5, Doc 5]
- 2010
- 42) “Besonderheiten des Einbruchs der Moderne in Brasilien im Spiegel der Straßenmobilität”, in Deutsche Gesellschaft für Soziologie (DGS) (org.), *Abstractband “Transnationale Vergesellschaftungen”. 1910-2010 Jubiläumskongress der DGS*, Frankfurt am Main, DGS, p. 135 [Caixa 5, Doc 6]
- 2010
- 43) “Zur Konzeptualisierung der brasilianischen Großstädte: Beiträge der deutschen Stadtsoziologie”, in Alexander von Humboldt Foundation (org.), *Tagungsband Netzwerktagung Freiberg (Sachsen)*, Bonn, Alexander von Humboldt Foundation, pp. 24-25 [Caixa 5, Doc 7]
- 2010
- 44) “Pensar a cidade no Brasil através de documentos da vida cotidiana: Desafios metodológicos”, in SBS (org.), *XV Congresso Brasileiro de Sociologia. Programação e Resumos*, Curitiba, SBS
- 2011
- 45) “O patrimônio histórico como mercadoria - nos usos não cotidianos dos largos públicos centrais de matriz histórica portuguesa (a Sé de São Paulo e de Lisboa)”, in Congresso Luso-Afro-Brasileiro (CONLAB) (org.), *XI Congresso Luso Afro Brasileiro – Programa e Resumos*, Salvador, CONLAB
- 2011
- 46) “Em busca de diferenças no urbano hoje, regras de uso dos lugares públicos centrais”, in ANPOCS (org.), *35º Encontro Anual da ANPOCS - Programa e Resumos*, Caxambu, ANPOCS, pp. 188-189 [Caixa 5, Doc 8]
- 2011
- 47) “A contribuição dos tempos históricos no espaço para a pesquisa urbana no Brasil”, in ANPOCS (org.), *36º Encontro Anual da ANPOCS - Programa e Resumos*, Águas de Lindoia, ANPOCS, p. 208 [Caixa 5, Doc 9]
- 2012
- 48) “Modulações teórico-metodológicas da díade casa-rua no pensamento social brasileiro”, in ANPOCS (org.), *37º Encontro Anual da ANPOCS - Programa e Resumos*, Águas de Lindoia, ANPOCS, p. 250 [Caixa 5, Doc 10]
- 2013
- 49) (em colaboração com Dominique Vidal) “Dire l’attente, se dire dans l’attente, transformer l’attente en espoir”, in ANR Terriat (org.), “Livre de synthèse – Cahier de Résumés V1e journée d’études ANR Terriat”, La Rochelle, ANR Terriat [Maleta 4, Pasta 4, Doc 1]
- 2013
- 50) (em colaboração com Julia O’Donnell) “De cidades à cidade no Brasil: Tempos e/ou espaços”, in ANPOCS (org.), *38º Encontro Anual da ANPOCS - Programa*, Caxambu, ANPOCS, pp. 111-112 [Caixa 5, Doc 11]
- 2014

- 51) (em colaboração com Julia O'Donnell) "De cidades à cidade no Brasil: Tempos e/ou espaços", in ANPOCS (org.), *39º Encontro Anual da ANPOCS - Programa*, Caxambu, ANPOCS, pp. 78-79 [Caixa 5, Doc 12]
- 2015
- 52) (em colaboração com Julia O'Donnell) "Para pensar a cidade no Brasil: Limitações, potencialidades, perspectivas", in ANPOCS (org.), *40º Encontro Anual da ANPOCS – Programa*, Caxambu, ANPOCS, p.117 [Caixa 5, Doc 13]
- 2016

n) Traduções

n-1) Livro (do inglês para o português)

- 2008 Marshall Sahlins, *Metáforas Históricas e Realidades Míticas. Estrutura nos primórdios da história do reino das Ilhas Sandwich*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor [Caixa 3, Doc 20]

n-2) Artigos em revistas especializadas (do alemão para o português)

- 1) 1995 Textos de Ferdinand Tönnies, in Orlando Miranda (org.), *Vida e Obra de Ferdinand Tönnies. Série Bibliografia*, São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP (PPGS-USP) [Caixa 5, Doc 14]
- 2) 1995 Ferdinand Tönnies, [trechos de] *Gemeinschaft und Gesellschaft*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1991 [texto a partir da 8ª edição, de 1935; tradução e cotejamento da versão francesa com o original alemão], in Orlando Pinto de Miranda, *Para Ler Ferdinand Tönnies*, São Paulo, Edusp, pp. 231-352 [Caixa 5, Doc 15]
- 3) 1995 Listagem de referências bibliográficas de obras de Karl Marx e de Karl Marx em conjunto com Friedrich Engels [in *Marx-Engels Werke*, 42 vols., Berlin, Dietz, 1956], in Emir Sader (org.), *Karl Marx. Série Bibliografia*, São Paulo, PPGS-USP [Caixa 5, Doc 16]
- 4) 2013 (em colaboração com Rainer Domschke) Georg Simmel, "Sociologia do Espaço", *Estudos Avançados*, 27 (79), pp. 75-112 [Caixa 1, Doc 8]
- 5) 2013 (em colaboração com Rainer Domschke) Martina Löw, "O *spatial turn*: Para uma sociologia do espaço", *Tempo Social*, 25 (2), pp. 17-34 [Caixa 1, Doc 9]
- 6) 2015 Fraya Frehse, "Tempos no corpo: Contribuições do método lefebvriano para a pesquisa urbana (latino-americana)", *Estudos de Sociologia*, 1 (21), pp. 73-119 [Maleta 2, Pasta 2, Doc 1]

n-3) Capítulo em coletânea (do português para o alemão)

- 1997 Helena Singer, "Freie Schulen durch die Welt" ["Escolas Livres pelo Mundo"], in Peter Ludwig (org.) *Freie Erziehung: gescheitert oder bewährt? 25 Jahre Erfahrungen mit antiautoritärer Pädagogik*, Weinheim/Basel, Beltz Verlag [Maleta 4, Pasta 5, Doc 1]

n-4) Artigos em revistas especializadas (do inglês para o português)

- 1) 1995 (Em colaboração com Maria Helena Oliva Augusto) Agnes Heller e Ferenc Fehér, "O pêndulo da modernidade" [1994], *Tempo Social*, 6 (1-2), pp. 47-82 [Caixa 5, Doc 17]
- 2) 1998 Clifford Geertz, "Estar lá: A Antropologia e o cenário da escrita" [1988], *Cadernos de Campo*, 8 (7), pp. 205-220 e 233-234 [Caixa 5, Doc 18]

- 3) 1998 Clifford Geertz, "Estar aqui: De cuja vida se trata, afinal?", *Cadernos de Campo*, 8 (7), pp. 220-235 [Caixa 5, Doc 18]
- 4) 2000 Marshall Sahlins, "Introdução [de *Historical Metaphors and Mythical Realities*, Ann Arbor, Michigan University Press, 1981]", *Cadernos de Campo*, 10 (9), pp. 135-139 [Caixa 5, Doc 19]
- 5) 2000 Marshall Sahlins, "Conclusão [de *Historical Metaphors and Mythical Realities*, Ann Arbor, Michigan University Press, 1981]", *Cadernos de Campo*, 10 (9), pp. 135-144 [Caixa 5, Doc 19]
- 6) 2002 Nigel Rapport, "Em louvor do cosmopolita irônico: Nacionalismo, o 'judeu errante' e a cidade pós-nacional", *Revista de Antropologia*, 45 (1), pp. 89-130 [Caixa 5, Doc 20]

n-5) Resumos de artigos acadêmicos dos seguintes autores (do português para o inglês)

- 1) 1995 Agnes Heller e Ferenc Féher; Maria Isaura Pereira de Queiroz em *Tempo Social*, 6(1-2) [Maleta 4, Pasta 5, Doc 2]
- 2) 1995 Jurandir Freire Costa; Margareth Rago; Katia Muricy; Renato Janine Ribeiro; Irene de Arruda Ribeiro Cardoso; Michel Senellart e Frederic Gros em *Tempo Social*, 7 (1-2) [Maleta 4, Pasta 5, Doc 3]
- 3) 1996 José Machado Pais; Octavio Ianni; Alice Itani em *Tempo Social*, 8 (1-2) [Maleta 4, Pasta 5, Doc 4]
- 4) 1996 Yves Schwartz; Irene de Arruda Ribeiro Cardoso; José de Souza Martins; Michelle Perrot em *Tempo Social*, 9 (1) [Maleta 4, Pasta 5, Doc 5]
- 5) 1997 Maria Arminda do Nascimento Arruda; Fernando Haddad; Renato Ortiz; Paulo Menezes em *Tempo Social*, 9 (2) [Maleta 4, Pasta 5, Doc 6]
- 6) 1998 Irene Cardoso; Sérgio Adorno; Leopoldo Waizbord; José de Souza Martins; Alfredo Bosi; Roberto Grün; Álvaro Gullo em *Tempo Social*, 10 (1) [Maleta 4, Pasta 5, Doc 7]
- 7) 2000 Frank Lestringant em *Revista de Antropologia*, 43 (2) [Maleta 4, Pasta 5, Doc 8]

n-6) Artigos em jornais (do inglês para o português)

- 1) 1998 Timothy Garton-Ash, "O dossiê Romeu", *Folha de S. Paulo* [Caderno "Mais!"], 4 de janeiro de 1998, pp. 3-6 [Maleta 4, Pasta 5, Doc 9]
- 2) 1998 Peter Burke, "O descobrimento do tempo", *Folha de S. Paulo* [Caderno "Mais!"], 25 de janeiro de 1998, p. 3 [Maleta 4, Pasta 5, Doc 10]
- 3) 1998 Mitchell Cohen, "Um crítico da utopia", *Folha de S. Paulo* [Caderno "Mais!"], 1 de março de 1998, p. 10 [Maleta 4, Pasta 5, Doc 11]
- 4) 1998 Alain de Botton, "Em busca da forma ideal de governo", *Folha de S. Paulo* [Caderno "Mais!"], 8 de março de 1998, p. 3 [Maleta 4, Pasta 5, Doc 12]
- 5) 1998 David K. Jackson, "Loucura à moda tropical", *Folha de S. Paulo* [Caderno "Mais!"], 15 de março de 1998, p. 9 [Maleta 4, Pasta 5, Doc 13]
- 6) 1998 Peter Burke, "Estilos culturais", *Folha de S. Paulo* [Caderno "Mais!"], 29 de março de 1998, p. 3 [Maleta 4, Pasta 5, Doc 14]
- 7) 1998 Peter Burke, "A Disneylândia gótica de Gaudí", *Folha de S. Paulo* [Caderno "Mais!"], 24 de maio de 1998, p. 3 [Maleta 4, Pasta 5, Doc 15]

- 8) 1998 Tony Kushner “Visões da Utopia [1]”, *Folha de S. Paulo* [Caderno “Mais!”], 21 de junho de 1998, p. 5 [*Maleta 4, Pasta 5, Doc 16*]
- 9) 1998 Richard Foreman, “Visões da Utopia [2]”, *Folha de S. Paulo* [Caderno “Mais!”], 21 de junho de 1998, p. 5 [*Maleta 4, Pasta 5, Doc 16*]
- 10) 1998 Alain de Botton, “O enigma maior da existência”, *Folha de S. Paulo* [Caderno “Mais!”], 28 de junho de 1998, p. 3 [*Maleta 4, Pasta 5, Doc 17*]
- 11) 1998 Peter Burke, “A performance da arte”, *Folha de S. Paulo* [Caderno “Mais!”], 5 de julho de 1998, p. 3 [*Maleta 4, Pasta 5, Doc 18*]
- 12) 1998 Isaiah Berlin, “Meu percurso intelectual”, *Folha de S. Paulo* [Caderno “Mais!”], 5 de julho de 1998, p. 4 [*Maleta 4, Pasta 5, Doc 18-verso*]
- 13) 1998 Daniel Bell, “Depois do turbilhão”, *Folha de S. Paulo* [Caderno “Mais!”], 12 de julho de 1998, p. 6 [*Maleta 4, Pasta 5, Doc 19*]
- 14) 1998 Alexander Star, “ETs e a crise epistemológica”, *Folha de S. Paulo* [Caderno “Mais!”], 16 de agosto de 1998, p. 11 [*Maleta 4, Pasta 5, Doc 20*]
- 15) 1998 Glyn Vincent, “A fanática mitologia da nação alien”, *Folha de S. Paulo* [Caderno “Mais!”], 16 de agosto de 1998, p. 6 [*Maleta 4, Pasta 5, Doc 20*]
- 16) 1998 Alain de Botton, “Para que serve a arte?”, *Folha de S. Paulo* [Caderno “Mais!”], 23 de agosto de 1998, p. 3 [*Maleta 4, Pasta 5, Doc 21*]
- 17) 1998 Peter Burke, “A hierarquia da nobreza”, *Folha de S. Paulo* [Caderno “Mais!”], 27 de setembro de 1998, p. 3 [*Maleta 4, Pasta 5, Doc 22*]
- 18) 1998 Vincent Katz, “O país negativo”, *Folha de S. Paulo* [Caderno “Mais!”], 29 de novembro de 1998, p. 8 [*Maleta 4, Pasta 5, Doc 23*]
- 19) 1999 Alain de Botton, “Lições de amor para iniciantes”, *Folha de S. Paulo* [Caderno “Mais!”], 14 de fevereiro de 1999, p. 3 [*Maleta 4, Pasta 5, Doc 24*]
- 20) 1999 Richard Rorty, “O túmulo no ar”, *Folha de S. Paulo* [Caderno “Mais!”], 28 de fevereiro de 1999, p. 5 [*Maleta 4, Pasta 5, Doc 25*]
- 21) 1999 John Updike, “O exílio em fragmentos”, *Folha de S. Paulo* [Caderno “Mais!”], 18 de abril de 1999, p. 8 [*Maleta 4, Pasta 5, Doc 26*]
- 22) 2000 Gore Vidal, “O grande herói americano”, *Folha de S. Paulo* [Caderno “Mais!”], 17 de setembro de 2000, pp. 5-13 [*Maleta 4, Pasta 5, Doc 27*]

o) Revisões técnicas de traduções (do francês para o português)

- 1) 2013 Michel Foucault, “De espaços outros”, trad. A. C. A. Nasser, *Estudos Avançados*, 27 (79), pp. 113-122 [*Caixa 1, Doc 8*]
- 2) 2013 Henri Lefebvre, “Prefácio – A produção do espaço”, trad. A. C. A. Nasser, *Estudos Avançados*, 27 (79), pp. 123-132 [*Caixa 1, Doc 8*]
- 3) 2013 Pierre Bourdieu, “Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado”, trad. A. C. A. Nasser, *Estudos Avançados*, 27 (79), pp. 123-144 [*Caixa 1, Doc 8*]

p) Entrevistas

- 1) 1998 (em colaboração com Alessandra El Far, Carlos Machado Dias Jr., Edgar Teodoro da Cunha e Ronaldo R. M. de Almeida) "Entrevista com Ruth Cardoso", *Cadernos de Campo*, 8 (7), pp. 149-166 [Caixa 5, Doc 18]
- 2) 1999 (em colaboração com Alessandra El Far, Ana Paula Mendes de Miranda, Edgar Teodoro da Cunha, Melvina Afra Mendes de Araújo e Ronaldo R. M. de Almeida) "Entrevista com Alba Zaluar", *Cadernos de Campo*, 9 (8), pp. 125-145 [Caixa 5, Doc 21]
- 3) 2000 (em colaboração com Alecsandro J. P. Ratts, Janine Helfst Leicht Collaço e Melvina Afra Mendes de Araújo) "Entrevista com Lux Vidal", *Cadernos de Campo*, 10 (9), pp. 103-122 [Caixa 5, Doc 19]

q) Vídeo

- 2011 (em colaboração com Samir Cheida e Nadya Araújo Guimarães) "Vídeo Didático 'Para que fazer pesquisa de campo? Dos fatos empíricos às ideias sociológicas' - de Dominique Vidal (Université Paris 7)", in *Série Vídeos Didáticos em Métodos e Técnicas de Pesquisa*, São Paulo, CAPES/PROEX/PPGS-USP, disponível em <<http://www.fflch.usp.br/ds/pos-graduacao/videos/05/>>, acesso em 27.07. 2017 [Caixa 5, Doc 22]

IX. PARTICIPAÇÃO EM REUNIÕES CIENTÍFICAS

a) Como organizadora

- 1) 22-27 jul. 2001 Comunicação Coordenada "Antropologia e história: uma convergência, suas potencialidades e limitações" no XXI Simpósio Nacional de História "A História no Novo Milênio: Entre o individual e o coletivo", Niterói (Rio de Janeiro) [Maleta 5, Pasta 1, Doc 1]
- 2) 6 set. 2005 Palestra "Os nomes da cidade: o espaço urbano e seus conceitos" de José de Souza Martins (USP) na FESPSP, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 1, Doc 2]
- 3) 13 set. 2005 Palestra "Centralidades e periferias em São Paulo: Desafios para pesquisa", de Heitor Frúgoli Jr. (USP) na FESPSP, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 1, Doc 3]
- 4) 11-14 jun. 2006 (em colaboração com Rogerio Proença Leite) Grupo de Trabalho "A cidade e seus lugares: práticas e representações" na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, Goiânia (Goiás) [Maleta 5, Pasta 1, Doc 4]
- 5) out. 2006-dez. 2008 (em colaboração com Maria Helena Oliva Augusto) Seminário Interno de Sociologia no Departamento de Sociologia da USP, São Paulo (São Paulo)
- 6) 31 jul. 2009 Mesa-Redonda "A vida cotidiana na metrópole contemporânea como um problema da sociologia" no 14º Congresso Brasileiro de Sociologia, Rio de Janeiro (Rio de Janeiro) [Maleta 5, Pasta 1, Doc 5]

- 7) 21 ago. 2009 Palestra "Para que fazer pesquisa de campo? Dos fatos empíricos às ideias sociológicas" de Dominique Vidal (Université Paris Diderot), na disciplina "Métodos e Técnicas de Pesquisa II" do curso de graduação em Ciências Sociais da FFLCH-USP, São Paulo (São Paulo)
- 8) 22 out. 2009 (em colaboração com Leopoldo Waizbort e Rainer Schmidt) Conferência "The Intrinsic Logic of Cities", de Martina Löw (Technische Universität Darmstadt) no PPGS-USP, São Paulo (São Paulo)
- 9) 27 out. 2009 Mesa-Redonda "A diferença entre cidades como problema das ciências sociais" no Simpósio "Versões de Cidade" do 33º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu (Minas Gerais) [Maleta 5, Pasta 1, Doc 6]
- 10) 21 out. 2010 International Workshop "German-Ibero-Latin-American Sociologies on the City in the 21st Century" no Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha) [Maleta 5, Pasta 1, Doc 7]
- 11) 9 dez. 2010 Colóquio "Blickwechsel: Zur deutschen Stadtsoziologie aus brasilianischer Perspektive" no Centro Georg Simmel de Pesquisa Metropolitana da Humboldt-Universität zu Berlin, Berlim (Alemanha) [Maleta 5, Pasta 1, Doc 8]
- 12) 18-21 out. 2011 (em colaboração com José de Souza Martins) "Seminário Internacional sobre Sociologia e Esperança" no Departamento de Sociologia da USP [Maleta 5, Pasta 1, Doc 9]
- 13) 26 out. 2011 Mesa-Redonda "O espaço como objeto de conhecimento das ciências sociais", no 35º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [Maleta 5, Pasta 1, Doc 10]
- 14) 12 nov. 2012 (em colaboração com Laurindo Dias Minhoto) Seminário Nacional "O Ensino de Sociologia na Universidade" no Departamento de Sociologia da USP [Maleta 5, Pasta 1, Doc 11]
- 15) 22-23 nov. 2012 (em colaboração com Ana Rosas Mantecón) Simpósio Internacional "São Paulo encuentra a la Ciudad de México: Estudios urbanos en diálogo" na Universidad Autónoma de México – Iztapalapa, Cidade do México (México) [Maleta 5, Pasta 1, Doc 12]
- 16) 19 mar. 2013 Conferência "Henri Lefebvre on Space", de Lukasz Stanek (University of Manchester) junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Espaço (NEPSE) e ao PPGS-USP, no Departamento de Sociologia da USP [Maleta 5, Pasta 1, Doc 13]
- 17) 28-30 ago. 2013 (em colaboração com o Núcleo de Apoio à Pesquisa "São Paulo: Cidade, Espaço, Memória") Conferência Internacional "Patrimônio Cultural: Memória e Intervenções Urbanas" do Núcleo de Apoio à Pesquisa "São Paulo: Cidade, Espaço, Memória", Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP (FAU-USP) [Maleta 5, Pasta 1, Doc 14]

- 18) 30 ago. 2013 Conferência “Entre a etnografia e a história, a cidade”, de Graça Índias Cordeiro (Instituto Universitário de Lisboa) junto ao NEPSE e ao Laboratório de Pesquisa Social (LAPS), do Departamento de Sociologia da USP, no Departamento de Sociologia da USP [Maleta 5, Pasta 1, Doc 15]
- 19) 24 set. 2013 (em colaboração com Maurício Dias da Costa) Simpósio de Pesquisa Pós-Graduada “De cidades à cidade nas ciências sociais brasileiras” no 37º Encontro Anual da ANPOCS, Águas de Lindóia (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 1, Doc 16]
- 20) 19 nov. 2013 Jornada Internacional “A atualidade da ‘sociologia enraizada’ de José de Souza Martins” no Departamento de Sociologia da USP [Maleta 5, Pasta 1, Doc 17]
- 21) 21 nov. 2013 Conferência “Enredos sexuais luso-brasileiros”, de José Machado Pais (Universidade de Lisboa) junto ao NEPSE e ao LAPS no Departamento de Sociologia da USP [Maleta 5, Pasta 1, Doc 18]
- 22) 22 nov. 2013 Conferência “Cronologias históricas e diacronias interiores nas histórias de vida”, de Chiara Vangelista (Università degli Studi di Genova), junto ao NEPSE e ao LAPS, no Departamento de Sociologia da USP [Maleta 5, Pasta 1, Doc 19]
- 23) 23 set. 2014 Conferência “O valor da pobreza no mercado turístico: Slums/Favelas/Townships”, de Bianca Freire-Medeiros (FGV-RJ), junto ao NEPSE e ao LAPS, no Departamento de Sociologia da USP [Maleta 5, Pasta 1, Doc 20]
- 24) 7 out., 11 nov., 18 nov., 2 dez. 2014 (em colaboração com Adrian Gurza Lavalle) Ciclo de Reflexões “Dilemas Atuais do Debate no Espaço Público” na FFLCH-USP, no Departamento de Sociologia da USP [Maleta 5, Pasta 1, Doc 21]
- 25) 28-29 out. 2014 (em colaboração com Julia O’Donnell) Grupo de Trabalho “De cidades à Ccidade no Brasil: Tempos e/ou espaços” no 38º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [Maleta 5, Pasta 1, Doc 22]
- 26) 27-28 out. 2015 (em colaboração com Julia O’Donnell) Grupo de Trabalho “De cidades à cidade no Brasil: Tempos e/ou espaços” no 39º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [Maleta 5, Pasta 1, Doc 23]
- 27) 25-27 out. 2016 (em colaboração com Julia O’Donnell) Seminário de Trabalho “Pensar a cidade no Brasil: Limitações, potencialidades e perspectivas” no 40º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [Maleta 5, Pasta 1, Doc 24]

b) Como conferencista

- 1) 19 jul. 2011 “A São Paulo do século XVIII no imaginário fotográfico do início do século XX” no Ciclo de Conferências “São Paulo no século XVIII: de vila a cidade” da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 2, Doc 1]

- 2) 19 out. 2011 “As u-topias do pensamento sociológico” no Seminário Internacional sobre Sociologia e Esperança do Departamento de Sociologia da USP [*Maleta 5, Pasta 1, Doc 9*]
- 3) 13 jun. 2013 “A rua como território da espera”, conferência no Colóquio Internacional “Sociedades, Mobilidades e Deslocamentos: Os territórios da espera” nos departamentos de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal de Viçosa, Rio de Janeiro (Rio de Janeiro) e Viçosa (Minas Gerais) [*Maleta 5, Pasta 2, Doc 2*]
- 4) 18 jul. 2014 “Beiträge des Lefebvreschen Werks für die gegenwärtige Stadtsoziologie”, no Workshop “Lefebvre lesen. Plurale Zugänge zu einem vernachlässigten Raumdenker des 20. Jahrhunderts” da Unidade de Pesquisa Erfurter RaumZeit Forschung e do Programa de Pós-Graduação “Dynamiken von Raum und Geschlecht” das universidades de Erfurt e de Kassel, Erfurt (Alemanha) [*Maleta 5, Pasta 2, Doc 3*]
- 5) 19 ago. 2014 “Possibilidades da etnografia para a sociologia da cidade no Brasil”, no III Seminário de Pesquisa Integrada em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, Londrina (Paraná) [*Maleta 5, Pasta 2, Doc 4*]
- 6) 3 nov. 2014 “Etnografia na sociologia” (aula Inaugural do 2º Semestre de 2014) no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife (Pernambuco) [*Maleta 5, Pasta 2, Doc 5*]
- 7) 4 nov. 2014 “Desvendando os silêncios da fotografia de rua do Brasil oitocentista” (conferência de abertura) no VI Theória “Brasil: Imagens Nômades. Perspectivas sobre uma terra em trânsito”, do Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco, Recife (Pernambuco) [*Maleta 5, Pasta 2, Doc 6*]
- 8) 10 ago. 2015 “Das cidades que dificultam a historiografia urbana do Brasil oitocentista”, no IV Encontro “Cidades Latino-Americanas do Século XVI ao Século XIX” do Grupo de Estudos do Território e de História Urbana do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR), Rio de Janeiro [*Maleta 5, Pasta 2, Doc 7*]
- 9) 19 nov. 2015 “Theoretical Challenges Implicit in Two Empirical Traits of Brazilian Cities” no Workshop “Multiple Urbanisms: Urban Theory and the Global South” do Global South Studies Center da Universität zu Köln e do Instituto de Geografia da Universität Bayreuth, Colônia (Alemanha) [*Maleta 5, Pasta 2, Doc 8*]
- 10) 20 nov. 2015 “On Comparison in Urban Research on Brazilian Cities” no Workshop “Multiple Urbanisms: Urban Theory and the Global South” do Global South Studies Center da Universität zu Köln e do Instituto de Geografia da Universität Bayreuth, Colônia [*Maleta 5, Pasta 2, Doc 8*]
- 11) 29 jun. 2017 “On the Everyday History of Pedestrians’ Bodies in São Paulo’s Downown amid Metropolization (1950-2000)” na 3ª Escola de Verão da Escola Internacional de Graduados “Entre Espacios”, Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha) [*Maleta 5, Pasta 2, Doc 9*]

c) Como expositora em mesas-redondas

- 1) 28 mai.-1 jun. 2001 "Potencialidades do método regressivo-progressivo: Pensar a cidade do passado – São Paulo, fins do século XIX" na Sessão Livre "Estudos lefebvrianos" do 9º Encontro Nacional da ANPUR, Rio de Janeiro (Rio de Janeiro) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 1*]
- 2) 7 fev. 2006 Apresentação na mesa-redonda "As Ciências Sociais e seus campos" na Semana de Abertura das Atividades Acadêmicas da FESPSP, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 2*]
- 3) 15 nov. 2006 "A importância da materialidade das imagens e da memória para as Ciências Sociais" na mesa-redonda "Imagens e memória na pesquisa social" do Simpósio Internacional "Métodos Qualitativos na Pesquisa Social e na Prática Social", Recife (Pernambuco) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 3*]
- 4) 30 mai. 2007 "Velhos novos usuários das praças 'requalificadas' do centro de São Paulo" na mesa-redonda "As Políticas de Enobrecimento Urbano e a Construção Narrativa das Cidades" do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia da SBS, Recife [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 4*]
- 5) 23 out. 2007 "Erving Goffman, sociólogo do espaço" na mesa-redonda "Erving Goffman e as Ciências Sociais: Uma homenagem aos 25 anos do seu desaparecimento" do 31º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 5*]
- 6) 26 abr. 2008 "As ruas do centro como lugares de construção de cidadania em cidades multiculturais", na mesa-redonda "Construção de Cidadania em Cidades Multiculturais" do X Congresso Internacional de Cidades Educadoras, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 6*]
- 7) 15 mai. 2008 "Henri Lefebvre e os estudos urbanos em 1968" na mesa-redonda "Estudos Urbanos e Conflito Social" da IV Semana de Ciências Sociais "68: 40 anos" promovida pelo Centro Acadêmico de Ciências Sociais da FFLCH-USP, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 7*]
- 8) 11 jun. 2008 "Irmãos de berço: A sociologia, a antropologia e a educação em São Paulo" na mesa-redonda "Antropologia, Sociologia e Educação: Um campo teórico em desenvolvimento" do Seminário Internacional "Diálogos Cruzados: Antropologia, sociologia e educação" promovido pelo Departamento de Ciências Sociais na Educação e pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diferenciação Sócio-Cultural da Unicamp, Campinas (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 8*]
- 9) 28 out. 2008 "A atualidade do passado - no debate sobre a introdução da sociologia no Ensino Médio" na mesa-redonda "Ciência e Ideologia na Prática dos Professores de Sociologia no Ensino Médio" do 32º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 9*]

- 10) 7 abr. 2009 “A segunda metade do século XIX como marco na relação homem-moradia no Brasil (urbano)” na mesa-redonda “Território e Relação Homem-Moradia” do Seminário “A Efetivação do Direito à Moradia” promovido pelo Serviço de Assessoria Jurídica Universitária e pelo Departamento Jurídico XI de Agosto da Faculdade de Direito (FD) da USP, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 3, Doc 10]
- 11) 31 jul. 2009 “Apresentação da mesa-redonda ‘A Vida Cotidiana na Metrópole Contemporânea como um Problema da Sociologia’” no 14º Congresso Brasileiro de Sociologia da SBS, Rio de Janeiro (Rio de Janeiro) [Maleta 5, Pasta 3, Doc 11]
- 12) 27 out. 2009 “Apresentação da sessão ‘A diferença entre cidades como problema das ciências sociais’” no Simpósio “Versões de Cidade” do 33º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [Maleta 5, Pasta 3, Doc 12]
- 13) 23 mai. 2011 “O papel de São Paulo nas ciências sociais dedicadas a “desenvolvimento urbano, desigualdades e conflitos” na Sessão de Abertura intitulada “Desenvolvimento urbano, desigualdades de e conflitos” da VII Semana de Ciências Sociais “68: 40 anos” promovida pelo Centro Acadêmico de Ciências Sociais da FFLCH-USP, São Paulo [Maleta 5, Pasta 3, Doc 13]
- 14) 26 out. 2011 “Um dilema teórico-metodológico da sociologia brasileira quando o assunto é espaço” na mesa-redonda “O Espaço como Objeto de Conhecimento das Ciências Sociais” do 35º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [Maleta 5, Pasta 3, Doc 14]
- 16) 27 out. 2011 “O espaço dialético de Henri Lefebvre: as possibilidades de uma inovação teórica” na mesa-redonda “Vinte Anos sem Henri Lefebvre” do 35º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [Maleta 5, Pasta 3, Doc 15]
- 17) 18 abr. 2012 “A Semana de Arte Moderna nas ruas de São Paulo” na mesa-redonda “Cidade Natureza Ciência” do Seminário “90 Anos da Semana de Arte Moderna: debates” do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 3, Doc 16]
- 18) 28 jun. 2012 Apresentação na mesa-redonda “Research Areas in the Context of Urban Transformation – A Journey Around the World” no Webinar (Seminário Online) da Alexander von Humboldt Foundation no site “Alumniportal Deutschland”, disponível em <<http://www.alumniportal-deutschland.org>>, acesso em 28.06.2012 [Maleta 5, Pasta 3, Doc 17]
- 19) 13 set. 2012 “Times in the Body: Possibilities of the Lefebvorean Method for (Latin American) Urban Studies” na mesa-redonda “Entangling Histories and Urban Spaces: Conceptual Challenges” do Workshop “Decentering Urban Studies in and from Latin America: Mapping practices and imaginaries in urban everyday spaces”, Berlim (Alemanha) [Maleta 5, Pasta 3, Doc 18]

- 20) 22 set. 2012 “Transformações no público” na mesa-redonda “Cenários de Transformação: Público, privado, íntimo” da 8ª Jornada Paulista de Gestalt 2012 do Instituto Gestalt de São Paulo/Departamento de Gestalt-Terapia/Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 19*]
- 21) 1 nov. 2012 “Relações entre memória e espaço físico na São Paulo do presente” na mesa-redonda “Memória e Espaço Urbano” da Semana de Valorização do Patrimônio Histórico e Cultural da Cidade de São Paulo do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 20*]
- 22) 12 nov. 2012 “O papel da sociologia na formação do estudante de ciências sociais nos dias de hoje” na mesa-redonda “Aspectos Conceituais do Ensino Universitário de Sociologia no Brasil” do Seminário Nacional “O Ensino de Sociologia na Universidade” do Departamento de Sociologia da USP, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 21*]
- 23) 22 nov. 2012 “En busca del tiempo en las calles y plazas de São Paulo” na mesa-redonda “Usos de las Calles y Plazas Públicas: Centros y periferias II” do Simpósio Internacional “São Paulo encuentra a la Ciudad de México: Estudios urbanos en diálogo” da Embaixada do Brasil no México e da Universidad Autónoma Metropolitana – Iztapalapa, Cidade do México (México) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 22*]
- 24) 7 ago. 2013 “Tempos do corpo, tempos da rua, tempos da cidade” na mesa-redonda “A Cidade em Múltiplos tempos” da 1ª Oficina de Estudos Urbanos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro (Rio de Janeiro) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 23*]
- 25) 19 nov. 2013 “A sociologia da margem e suas inovações” na Jornada Internacional “A Atualidade da ‘Sociologia Enraizada’ de José de Souza Martins” no Departamento de Sociologia da USP [*Maleta 5, Pasta 1, Doc 17*]
- 26) 7 abr. 2014 “Sozialräumliche Auswirkungen des Militärregimes (1964-1985) auf die brasilianischen Grossstädte der Gegenwart” na Jornada „Nunca Mais! Brasilien 50 Jahre nach dem Militärputsch“ do Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 24*]
- 27) 23 mai. 2014 “Globalization and Local Heritage in São Paulo” no Simpósio “Globalization and Local Heritage in Cities” do Instituto de Ciências para Ásia e África da Humboldt-Universität zu Berlin, Berlim (Alemanha) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 25*]
- 28) 10 set. 2014 “Em busca do cotidiano nas ruas brasileiras: Dilemas e potencialidades” no 13º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Brasília (Distrito Federal) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 26*]

- 29) 10 jun. 2015 “Dilemas e possibilidades de uma sociologia da vida cotidiana nas cidades brasileiras” na Antissemana de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica – São Paulo (PUC-SP), São Paulo (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 27*]
- 30) 19 mai. 2016 “A crítica do fenômeno urbano como crítica da vida cotidiana” no III Colóquio “Cidades: Experimentações Sociais e Criatividade Política” do Centro Cultural Mariantonia, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 28*]
- 31) 20 set. 2016 Apresentação na mesa-redonda “How to Get Started! Discussing postdoc experiences in Germany” no Seminário “Postdoc at Freie Universität Berlin, Technische Universität München, University of Münster and University Alliance Ruhr: How to follow your research career at German top universities” no Instituto Goethe, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 3, Doc 29*]

d) Como expositora em seminários temáticos ou grupos de trabalho

- 1) 17-22 jul. 1994 “Sem-teto: Uma realidade exclusiva do ‘Terceiro Mundo’? A problemática dos sem-teto na Estação Ferroviária Central de Colônia” na 46ª Reunião Anual da SBPC, Vitória (Espírito Santo)
- 2) 30 nov.-2 dez. 1994 (em colaboração com Larissa Barbosa da Costa, Paula Miraglia, Stélio Marras) “De sujeito a objeto, do ritual à festa: A mediação sensorial no candomblé” no Seminário “Graduação in Campo” do Departamento de Antropologia da USP, São Paulo (São Paulo)
- 3) 13-14 nov. 1995 “‘Classiline’, ‘Disqueamizade’, ‘Encontre’: Sociabilidade ou sua negação? Um estudo dos padrões de sociabilidade através da mídia em São Paulo” no 3º Simpósio de Iniciação Científica da USP, São Paulo (São Paulo)
- 4) 7-13 jul. 1996 “‘Classiline’: Diversão ou Solução? Um estudo dos padrões de sociabilidade a partir da mídia impressa em São Paulo” na 48ª Reunião Anual da SBPC, São Paulo (São Paulo)
- 5) 11-14 nov. 1997 “Entre Largo e Praça, Matriz e Catedral: Reflexões sobre a Sé dos cartões postais paulistanos” no Grupo de Trabalho “Ciudades, patrimonio y ciudadanía cultural” da 2ª RAM, Piriápolis (Uruguai) [*Maleta 5, Pasta 4, Doc 1*]
- 6) 5-9 abr. 1998 “Em meio a trilhos e freios, acidentes e pingentes: o bonde nos cartões postais paulistanos da virada do século XX” no Grupo de Trabalho “Antropologia e Imagem” da 21ª Reunião Brasileira de Antropologia, Vitória (Espírito Santo) [*Maleta 5, Pasta 4, Doc 2*]

- 7) 15-16, 22-23 jun. 1999 "Comunicação sobre projeto de pesquisa de mestrado intitulado 'Entre a taipa e o tijolo... Tempos e espaços na cidade de São Paulo da virada do século XX'" no 2º Encontro de Pós-Graduandos em Antropologia da USP, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 4, Doc 3]
- 8) 11-16 julho 1999 "“Quem fica parado é poste’: São Paulo, ruas e transeuntes nas fotografias do *Album Comparativo da Cidade de São Paulo, 1862-1887*, de Militão Augusto de Azevedo" (painel) na 51ª Reunião Anual da SBPC, Porto Alegre (Rio Grande do Sul) [Maleta 5, Pasta 4, Doc 4]
- 9) 24-26 mai. 2000 "Reflexões sobre tempos e espaços na cidade de São Paulo de fins do Império" no 27º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos do CERU, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 4, Doc 5]
- 10) 4-8 set. 2000 "Sobre tempos e espaços na cidade de São Paulo de fins do Império" no 25º Encontro Regional de História da ANPUH, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 4, Doc 6]
- 11) 12 - 14 set. 2000 "Comunicação sobre projeto de pesquisa de doutorado intitulado 'Do transeunte à multidão em tempos de transição: sociabilidade de rua na cidade de São Paulo na virada do século XX'" no 3º Encontro de Pós-Graduandos em Antropologia da USP, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 4, Doc 7]
- 12) 29-30 set. 2000 "Sociabilidade de rua na cidade de São Paulo na virada do século XX" no Workshop "Antropologia Histórica" coordenado pelo Prof. Dr. Robert Rowland (ISCTE - Lisboa), São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 4, Doc 8]
- 13) 23-27 out. 2000 "Continuidade, ruptura ou o quê? Repensando interpretações sobre o processo de urbanização na cidade de São Paulo de fins do XIX" no Grupo de Trabalho "Pensamento Social no Brasil" do 24º Encontro Anual da ANPOCS, Petrópolis (Rio de Janeiro) [Maleta 5, Pasta 4, Doc 9]
- 14) 5-9 mar. 2001 "De las calles de un fotógrafo a los tempos de una ciudad: una propuesta de interpretación para el *Album Comparativo da Cidade de São Paulo, 1862-1887*, de Militão Augusto de Azevedo" no Encuentro Internacional "Memoria Iconográfica de un Siglo" da Casa de Las Américas, Havana (Cuba) [Maleta 5, Pasta 4, Doc 10]
- 15) 22-27 jul. 2001 "Vicissitudes teórico-metodológicas do trabalho antropológico com fontes históricas: Uma leitura de 'Negara', de Clifford Geertz" na Comunicação Coordenada "Antropologia e História: Uma convergência, suas potencialidades e limitações" do 21º Simpósio Nacional de História, Niterói (Rio de Janeiro) [Maleta 5, Pasta 4, Doc 11]

- 16) 16-20 out. 2001 "Fotografias de rua para a antropologia: O 'Album comparativo da cidade de São Paulo, 1862-1887', de Militão Augusto de Azevedo" no Seminário Temático "Os Usos da Imagem nas Ciências Sociais" do 25º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [Maleta 5, Pasta 4, Doc 12]
- 17) 11-14 nov. 2001 "Notas para uma antropologia histórica da cidade: Através do documento, uma etnografia da São Paulo de fins do XIX" no Fórum de Pesquisa "Desafios Contemporâneos da Antropologia Urbana" da 4ª RAM, Curitiba (Paraná) [Maleta 5, Pasta 4, Doc 13]
- 18) 15-17 abr. 2002 "An Approach to the Originality of Brazilian Modernity: São Paulo Street Sociability at the Turn of the 20th Century" na sessão "Discussion of Projects in Progress" da Conferência Internacional "Democracy and Recognition: a North-South Debate" do Instituto Ibero-Americano, Berlim (Alemanha) [Maleta 5, Pasta 4, Doc 14]
- 19) 16-19 jun. 2002 "A cidade dos 'transeuntes': As ruas da opinião pública paulistana de fins do século XIX" no Fórum de Pesquisa "Cidades, Representações e Experiência Social" da 23ª Reunião Brasileira de Antropologia, Gramado (Rio Grande do Sul) [Maleta 5, Pasta 4, Doc 15]
- 20) 25 jan. 2003 "Street Photography in São Paulo at the Beginning of the 20th Century: Three 'Photographic Imaginations' on Public Life – Many Histories, Different Modernities" na 6ª Conferência Anual de Postgraduates in Latin American Studies, Coventry (Reino Unido) [Maleta 4, Pasta 2, Doc 7]
- 21) 11-13 abr. 2003 "About the Originality of Brazilian Modernity: São Paulo Street Photography at the Turn of the 20th Century" no Grupo de Trabalho "Photography and the Latin American Imaginary" da Conferência Anual da Society of Latin American Studies 2003, Manchester (Reino Unido) [Maleta 4, Pasta 2, Doc 9]
- 22) 26-30 mai. 2003 "As ruas da fotografia de rua paulistana da virada do século XX – nas coleções do carioca Militão de Azevedo, do paulistano Affonso de Freitas e do pugliese Vincenzo Pastore" no 10º Encontro Nacional da ANPUR, Belo Horizonte (Minas Gerais) [Maleta 5, Pasta 5, Doc 1]
- 23) 14-18 jul. 2003 "As interações entre transeuntes nas ruas como patrimônio dos espaços públicos latino-americanos: São Paulo, virada do século XX", no Simpósio "Espacio Público, Patrimonio y Identidad en América Latina" do 51º Congreso Internacional de Americanistas, Santiago (Chile) [Maleta 5, Pasta 5, Doc 2]
- 24) 27 set.-3 out. 2003 "Eine erbärmliche Komödie, wie sie nur in Brasilien möglich sein kann": Transeuntes e ruas de São Paulo nos *faits divers* do jornal *Germania* 1890-1900" no Grupo de Trabalho "Großstadtdiskurse" do 11º ALEG-Kongress (São Paulo – Rio de Janeiro), São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 5, Doc 3]

- 25) 21-25 out. 2003 “Da modernidade nas ruas dos cartões postais paulistanos em 1900” no Grupo de Trabalho “A Produção, Leitura-Recepção e os Usos da Imagem em Ciências Sociais” do 27º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [Maleta 5, Pasta 5, Doc 4]
- 26) 13-15 jun. 2004 “Do impacto das intervenções urbanas modernizadoras sobre os padrões de civilidade nas ruas da cidade: São Paulo na Primeira República como pretexto” no Fórum de Pesquisa “As Múltiplas Faces da Cidade e do Urbano” da 24ª Reunião Brasileira de Antropologia, Olinda (Pernambuco) [Maleta 5, Pasta 5, Doc 5]
- 27) 26-30 out. 2004 “Quando a fotografia fala de antropologia e de história – nas ruas de São Paulo (1880-1910)” no Seminário Temático “Ciências Sociais em outras Linguagens” do 28º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [Maleta 5, Pasta 5, Doc 6]
- 28) 25-26 nov. 2004 “Os ‘informantes’ que notícias e crônicas de jornal revelam – para uma etnografia das ruas do passado” no Seminário “Quando o Campo é o Arquivo. Etnografias, histórias e outras memórias guardadas” do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro (Rio de Janeiro) [Maleta 5, Pasta 5, Doc 7]
- 29) 31 mai.-3 jun. 2005 “O transeunte, uma ‘forma elementar’ das especificidades da modernidade nas ruas paulistanas no século XIX” no Grupo de Trabalho “Sociologia da Cultura” do 12º Congresso Brasileiro de Sociologia, Belo Horizonte (Minas Gerais) [Maleta 5, Pasta 5, Doc 8]
- 30) 22-25 nov. 2005 “Por uma etnografia das ruas do passado: fundamentos metodológicos, limitações e potencialidades teóricas” no Simpósio “Sociedad, Población y Economía” do 6º Congreso Internacional de Etnohistoria, Buenos Aires (Argentina) [Maleta 5, Pasta 5, Doc 9]
- 31) 25 out. 2006 “Há ócios e ócios – nas ruas centrais da cidade de São Paulo na segunda metade do século XIX” no Seminário Temático “Cultura e Entretenimento” do 30º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [Maleta 5, Pasta 5, Doc 10]
- 32) 12 mar. 2007 “Fundamentos teóricos e metodológicos da publicação *A metrópole no bairro, São Paulo na Mooca*” no 1º Seminário do Projeto de Publicação do Laboratório Social – Mooca pela FESPSP, São Paulo [Maleta 5, Pasta 5, Doc 11]
- 33) 12 mar. 2007 “Tempos e espaços na Mooca Baixa” no 1º Seminário do Projeto de Publicação do Laboratório Social – Mooca pela FESPSP, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 5, Doc 12]

- 34) 1 jun. 2007 “Primeiras notas sobre a cultura corporal dos usuários das ruas do centro de São Paulo da atualidade” no Seminário Temático “Sociologia da Cultura” do 13º Congresso Brasileiro de Sociologia, Recife (Pernambuco) *[Maleta 5, Pasta 5, Doc 13]*
- 35) 12 jun. 2007 “O transeunte e a invenção social da rua como lugar público na São Paulo pós-escravista” na Sessão “The City from the Street” do “First International Conference of Young Urban Researchers”, Lisboa (Portugal) *[Maleta 5, Pasta 5, Doc 14]*
- 36) 25 out. 2007 “A sociologia brasileira sobre a cidade (de São Paulo): um balanço crítico” no Seminário Temático “Cidades: Perspectivas e Interlocações nas Ciências Sociais” do 31º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu *[Maleta 5, Pasta 5, Doc 15]*
- 37) 17 jun. 2008 “Usos da rua” no 3º Seminário da Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos, Coimbra (Portugal) *[Maleta 5, Pasta 6, Doc 1]*
- 38) 30 out. 2008 “Usos da rua no Brasil: muita pesquisa, qual teoria?” no Grupo de Trabalho “A Cidade nas Ciências Sociais: Teoria, pesquisa e contexto” do 32º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu *[Maleta 5, Pasta 6, Doc 2]*
- 39) 13 nov. 2008 “Lefebvre’s Use of Space in the Public Places of Contemporary Downtown São Paulo” na Conferência Internacional “Rethinking Theory, Space and Production: Henri Lefebvre Today”, Delft (Holanda), *[Maleta 5, Pasta 6, Doc 3]*
- 40) 9 fev. 2009 “New Old Conflicts in the Public Places of Contemporary Downtown São Paulo” no Workshop “Ciudadanía, Derecho(s) y Espacio en América Latina: Nuevas Líneas de Conflicto” do Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha) *[Maleta 5, Pasta 6, Doc 4 ou Maleta 1, Pasta 2, Doc 3]*
- 41) 27 out. 2009 “Perspectivas teóricas contemporâneas da sociologia brasileira sobre a cidade” no Grupo de Trabalho “A Cidade nas Ciências Sociais: Teoria, pesquisa e contexto” do 33º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu *[Maleta 5, Pasta 6, Doc 5]*
- 42) 25 nov. 2009 “In Search of Difference amid Global Urbanization: The Possibilities of Lefebvre’s Regressive-Progressive Method for Conceptualizing Present São Paulo” na Conferência Internacional “Urban Research and Architecture: Beyond Henri Lefebvre”, Zurique (Suíça) *[Maleta 5, Pasta 6, Doc 6]*
- 43) 29 jan. 2010 “Vorurteile und soziale Ungleichheiten im Straßenalltag São Paulos” no Simpósio Internacional “Vorurteile und soziale Ungleichheiten”, Bremen (Alemanha) *[Maleta 5, Pasta 6, Doc 7]*

- 44) 25 set. 2010 “The São Paulo Challenges for the ‘Intrinsic Logic of the City’” Na Sessão “The Intrinsic Logic of the City” da Conferência da European Urban Research Association (EURA) 2010, Darmstadt (Alemanha) [*Maleta 5, Pasta 6, Doc 8*]
- 45) 13 out. 2010 “Besonderheiten des Einbruchs der Moderne in São Paulo im Spiegel der Straßenmobilität” na Sessão Ad-hoc “Mobilisierter Subjekte” do 35º Congresso da Deutsche Gesellschaft für Soziologie, Frankfurt am Main (Alemanha) [*Maleta 5, Pasta 6, Doc 9*]
- 46) 21 out. 2010 “Sociological Utopias of Urban Space in Brazil” no Workshop Internacional “German-Ibero-Latin-American Sociologies on the City in the 21st Century” do Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha) [*Maleta 5, Pasta 1, Doc 7*]
- 47) 24 nov. 2010 “Zur Konzeptualisierung der brasilianischen Großstädte: Beiträge der deutschen Stadtsoziologie” na “Netzwerktagung” da Alexander von Humboldt Foundation em Freiberg (Sachsen), Freiberg (Alemanha) [*Caixa 5, Doc 7*]
- 48) 9 dez. 2010 “Blickwechsel: Zur deutschen Stadtsoziologie aus brasilianischer Perspektive” no Colóquio de mesmo título no Centro Georg Simmel de Pesquisa Metropolitana da Humboldt-Universität zu Berlin, Berlim (Alemanha) [*Maleta 5, Pasta 1, Doc 8*]
- 49) 11 mai. 2011 “Semelhantes na diferença: Os usos não cotidianos da Praça da Sé (São Paulo) e do Largo da Sé (Lisboa)” no 5º Seminário Internacional da Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos, Coimbra (Portugal) [*Maleta 5, Pasta 6, Doc 10*]
- 50) 16 jun. 2011 “Cities in the (Imagined) Body” na Conferência Internacional “The Distinctiveness of Cities – Modes of Re-Production”, Darmstadt (Alemanha) [*Maleta 5, Pasta 6, Doc 11*]
- 51) 25 out. 2011 “Em busca de diferenças no urbano hoje, regras de uso dos lugares públicos centrais” no Grupo de Trabalho “Dimensões do Urbano: Tempos e escalas em composição” do 35º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [*Maleta 5, Pasta 6, Doc 12*]
- 52) 3 jul. 2012 “A etnografia como método nos estudos sobre São Paulo: potencialidades e limitações” no Grupo de Trabalho “Etnografias Urbanas: Fronteiras e diversidades” da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 6, Doc 13*]
- 53) 23 out. 2012 “A contribuição dos tempos históricos no espaço para a pesquisa urbana no Brasil” no Grupo de Trabalho “Dimensões do Urbano: Tempos e escalas em composição” do 36º Encontro Anual da ANPOCS, Águas de Lindoia (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 6, Doc 14*]

- 54) 11 set. 2013 “Os diferentes tempos do uso das praças: Lisboa e São Paulo” no Fórum “Diálogos Urbanos” do 16º Congresso Brasileiro de Sociologia, Salvador (Bahia) [*Maleta 5, Pasta 6, Doc 15*]
- 55) 7 nov. 2013 (em colaboração com Dominique Vidal) “S’exprimer dans l’attente : des mots et des silences [Quarta parte da obra coletiva do projeto ANR Terriat]” na 6ª “Journée d’études do Programme de Recherche International ANR Terriat”, La Rochelle (França) [*Maleta 5, Pasta 6, Doc 16*]
- 56) 28 out. 2014 (em colaboração com Julia O’Donnell) “Introduzindo ‘De cidades à cidade no Brasil: Tempos e/ou espaços’” no Grupo de Trabalho “De Cidades à Cidade no Brasil: Tempos e/ou espaços” do 38º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [*Maleta 5, Pasta 6, Doc 17*]
- 57) 19 mar. 2015 “When Pedestrians’ Body Rhythms Disclose Rhythms of Urbanization” no Panel “Shaping Life and Life Forms” da Conferência “Technospaces. Persistence – Practices – Procedures – Power” do Escola Internacional de Graduados da Technische Universität Darmstadt, Darmstadt (Alemanha) [*Maleta 5, Pasta 6, Doc 18*]
- 58) 27 out. 2015 “Revendo tempos, espaços e a cidade no Brasil” no Grupo de Trabalho “De Cidades à Cidade no Brasil: Tempos e/ou espaços” do 39º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [*Maleta 5, Pasta 6, Doc 19*]
- 59) 25 out. 2016 “Para começar a pensar a cidade no Brasil: limitações, potencialidades, perspectivas” no Seminário Temático “Para Pensar a Cidade no Brasil: Limitações, potencialidades, perspectivas” do 40º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [*Maleta 5, Pasta 6, Doc 20*]

e) Como debatedora

- 1) 23 jul. 2002 Conferência magna “Sociabilidade na região do ABC” de José de Souza Martins no 7º Congresso de História do Grande ABC “Matas, Águas, Trilhas: Caminhos do ABC”, Rio Grande da Serra (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 7, Doc 1*]
- 2) 10 dez. 2004 Sessão “Representações do Brasil: Da viagem moderna às coleções fotográficas” da 1ª Jornada de Estudos do Projeto “Travel Images as Icons of Brazil (1930s-1960s). Art and Visual Conventions in Marcel Gautherot’s Photographic Series”, promovido pelo Getty Grant Program, Los Angeles (Estados Unidos) São Paulo (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 7, Doc 2*]
- 3) 7 nov. 2006 Mesa-Redonda “Modernidade Política e Práticas Culturais” no 14º Simpósio de Iniciação Científica da USP, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 7, Doc 3*]
- 4) 23 nov. 2006 Mesa-Redonda “Modernidade e Experiência Urbana”, no 1º Encontro de Pós-Graduandos da FFLCH, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 5, Pasta 7, Doc 4*]

- 5) 23 nov. 2006 (em colaboração com Heitor Frúgoli Jr., Silvana Rubino e Maria Celeste Mira), debate sobre o livro *As Cidades e Seus Agentes: Práticas e Representações*, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 7, Doc 5]
- 6) 22 nov. 2007 Mesa-Redonda “Movimentos Sociais: Acesso à moradia e à terra”, no 15º Simpósio de Iniciação Científica da USP, Guarulhos (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 7, Doc 6]
- 7) 26 nov. 2007 Mesa-Redonda “Moradores da Cidade de São Paulo: Do centro aos bairros”, no 2º Encontro de Pós-Graduandos da FFLCH, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 7, Doc 7]
- 8) 3 jun. 2008 Trabalho Integrado do módulo “Recursos Hídricos sob a Bacia Urbana do Cabuçu de Baixo”, no curso superior de Tecnologia em Gestão Ambiental das Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 7, Doc 8]
- 9) 18 jun. 2008 (em colaboração com Silvana Rubino e Paulo Peixoto) debate “Práticas culturais e cultura visual” no 3º Seminário da Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos, Coimbra (Portugal) [Maleta 5, Pasta 6, Doc 1]
- 10) 3 nov. 2008 Mesa-Redonda “Centros Históricos de Cidades Paulistas” no 16º Simpósio de Iniciação Científica da USP, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 7, Doc 9]
- 11) 2 fev. 2009 Discussão interna do projeto de implantação, no Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, da Escola Internacional de Graduados “Entre Espacios” (International Research Center “Between Spaces. Actors, Movements and Representations of Globalization”), Berlim (Alemanha) [Maleta 1, Pasta 2, Doc 3]
- 12) 12 mai. 2009 Paper “A experiência da procura de trabalho. Estudo sobre uma situação de procura e sobre a construção da conduta do demandante de emprego”, da mestranda Priscila Faria Vieira no Seminário de Orientação da Prof^ª. Dr^ª. Nadya Araujo Guimarães, no PPGS-USP [Maleta 5, Pasta 7, Doc 10]
- 13) 29 jul. 2009 Sessão “Cultura urbana e identidades” no Grupo de Trabalho “Sociologia da Cultura” do 14º Congresso Brasileiro de Sociologia, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 7, Doc 11]
- 14) 22 nov. 2012 Mesa-redonda “Usos de las Calles y Plazas Públicas: Centros y periferias I” no Simpósio Internacional “São Paulo encuentra a la Ciudad de México: Estudios urbanos en diálogo”, Cidade do México (México) [Maleta 5, Pasta 7, Doc 12]
- 15) 22 nov. 2012 Mesa-redonda “Consumos Culturales, Sociabilidad y Espacio Urbano” no Simpósio Internacional “São Paulo encuentra a la Ciudad de México: Estudios urbanos en diálogo”, Cidade do México (México) [Maleta 5, Pasta 7, Doc 13]
- 16) 28 ago. 2013 Mesa-redonda “Mobilizações da Memória: Relações entre materialidade e imaterialidade” na Conferência Internacional “Patrimônio Cultural: Memória e Intervenções Urbanas” do Núcleo de Apoio à Pesquisa “São Paulo: Cidade, Espaço, Memória”, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 7, Doc 14]

- 17) 24 set. 2013 Sessão do Simpósio de Pesquisa Pós-Graduada “De Cidades à Cidade nas Ciências Sociais Brasileiras” no 37º Encontro Anual da ANPOCS, Águas de Lindóia (São Paulo) *[Maleta 5, Pasta 7, Doc 15]*
- 18) 21 jun. 2014 Apresentações orais discentes no âmbito do Seminário “Urbanes Labor II” do curso de graduação Kultur der Metropole, da Hafencity Universität Hamburg, Hamburgo (Alemanha) *[Maleta 5, Pasta 8, Doc 1]*
- 19) 16 set. 2014 Mesa-redonda “A Cidade para além dos Binarismos” na II Oficina de Estudos Urbanos do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (USP), do NaMargem (Centro de Estudos da Metrópole/UFSCar) e do Laboratório de Estudos Urbanos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro, na FFLCH-USP *[Maleta 5, Pasta 8, Doc 2]*
- 20) 9 out. 2014 Mesa-redonda “Universidade, Memória e Consciência” na Jornada “Lugares de Memória e Consciência em São Paulo” do Grupo de pesquisa “Lugares de Memória e Consciência” (CNPq/FAU-USP/FFLCH-USP) e do Centro de Preservação Cultural da USP, São Paulo (São Paulo) *[Maleta 5, Pasta 8, Doc 3]*
- 21) 29 out. 2014 Sessão de “Painéis ‘Cidades em meio a intervenções estatais e lugares diversos’” no Grupo de Trabalho “De Cidades à Cidade no Brasil: Tempos e/ou espaços” do 38º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu *[Maleta 5, Pasta 8, Doc 4]*
- 22) 10 dez. 2014 Mesa-redonda “Pauvreté urbaine et territoires de l’attente” no Colóquio Internacional “Sociétés, mobilités, déplacements: les territoires de l’attente d’hier à aujourd’hui (le cas des mondes américains, XIX^e-XXI^e siècle)” do projeto ANR Terriat (“Sociétés, mobilités, déplacements: les territoires de l’attente”, 2011-2014), La Rochelle (França) *[Maleta 5, Pasta 8, Doc 5]*
- 23) 26-28 fev. 2015 Mesa-redonda “Staatsmodernisierung (Philosophie, Sozialwissenschaften, Jura)”, no Colóquio Humboldt “Research Excellence in a Globalised World – Experiences and Challenges from a Brazilian-German Perspective” da Alexander von Humboldt Foundation, São Paulo (São Paulo) *[Maleta 5, Pasta 8, Doc 6]*
- 24) 20 ago. 2016 Exposição “Apagamentos”, de Thiago Navas (na Caixa Cultural, São Paulo), promovida pela Organização Não Governamental (ONG) “Hey Sampa”, São Paulo (São Paulo) *[Maleta 5, Pasta 8, Doc 7]*
- 25) 25 out. 2016 Sessão “Limitações” no Seminário Temático “Pensar a Cidade no Brasil: Limitações, potencialidades, perspectivas” do 40º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu *[Maleta 5, Pasta 8, Doc 8]*

- 26) 30 jun. 2017 Paper e apresentação oral “Entanglements in the French-Brazilian Borderland: A Preliminary Sketch”, de Fabio Heupel Santos, na 3ª Escola de Verão da Escola Internacional de Graduados “Entre Espacios” do Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, da Universidad Nacional de México e do Colegio de México, Berlim (Alemanha) *[Maleta 5, Pasta 2, Doc 9]*
- 27) 01 jul. 2017 Apresentações orais discentes no âmbito do Workshop “Intersections: Anthropological perspectives on an urban situation” do curso de graduação “Kultur der Metropole” da Hafencity Universität Hamburg, Hamburgo (Alemanha) *[Maleta 5, Pasta 8, Doc 9]*

f) Sem apresentação de trabalhos

- 1) 25-27 abr. 1995 Simpósio “Foucault: Um pensamento desconcertante” promovido pelo Departamento de Sociologia da USP, São Paulo (São Paulo)
- 2) 16-18 dez. 1996 Simpósio Interdisciplinar “Paisagens Urbanas: Espaço e poder nas grandes metrópoles” promovido pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Projetos “Construindo a Democracia: cidadania, nação e experiência urbana contemporânea” e “Paisagens Históricas em Cidades Globais” – da UNICAMP, Campinas (São Paulo)
- 3) 6-8 nov. 2000 Seminário “Diante da Imagem”, ministrado pelo Prof. Dr. Philippe Dubois (Université Paris 3), promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP, Campinas *[Maleta 5, Pasta 9, Doc 1]*
- 4) 27 abr. 2002 5º Encontro de Pesquisadores promovido pelo Museu de Santo André, Santo André (São Paulo) *[Maleta 5, Pasta 9, Doc 2]*
- 5) 18 out.-6 dez. 2002 Seminários semanais do Centre for Brazilian Studies da University of Oxford, Oxford (Reino Unido) *[Maleta 5, Pasta 9, Doc 3]*
- 6) 29 nov. 2002 Workshop “Lévy-Bruhl between France and Great Britain” promovido pela University of East London, Londres (Reino Unido) *[Maleta 5, Pasta 9, Doc 4]*
- 7) 30 nov.-1 dez 2002 Colóquio “Evans-Pritchard’s anthropology: English contexts, French perspectives, African realities” promovido pela University of Oxford, Oxford (Reino Unido) *[Maleta 5, Pasta 9, Doc 5]*
- 8) 20-24 jul. 2004 8º Congresso de História do Grande ABC, promovido pela Prefeitura de Santo André e pelo Consórcio Intermunicipal de Santo André, Paranapiacaba - Santo André (São Paulo) *[Maleta 5, Pasta 9, Doc 6]*
- 9) 8-10 jun. 2005 Colóquio “Direito Autoral, de Imagem, Som e Produção de Conhecimento” promovido pelo Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da FFLCH-USP, São Paulo (São Paulo) *[Maleta 5, Pasta 9, Doc 7]*

- 10) 25-29 out. 2005 29º Encontro Nacional da ANPOCS promovido pela ANPOCS, Caxambu [Maleta 5, Pasta 9, Doc 8]
- 11) 1-3 mar. 2007 1º Seminário Nacional sobre Ensino de Sociologia no Nível Médio promovido por FE-USP, FFLCH-USP e SBS, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 9, Doc 9]
- 12) 1 nov. 2008 Encontro “Morrer em São Paulo” promovido pelo Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 9, Doc 10]
- 13) 3-5 dez. 2008 Conferência Sul-Americana “Urban Age” promovido pela London School of Economics and Political Science e pela Alfred Herrhausen Society, São Paulo (São Paulo) [Maleta 5, Pasta 9, Doc 11]
- 14) 21-23 jan. 2010 3ª “Netzwerktagung für Thyssen-Humboldt-Kurzzeitstipendiaten/-innen aus Lateinamerika” promovida pela Alexander von Humboldt Foundation, Berlim (Alemanha) [Maleta 5, Pasta 9, Doc 12]
- 15) 4-6 fev. 2010 Conferência de Abertura do Centro de Pesquisas Brasileiras no Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, promovida pelo Centro de Pesquisas Brasileiras do Instituto Latino-Americano, Berlim (Alemanha) [Maleta 5, Pasta 9, Doc 13]
- 16) 23-24 fev. 2010 Workshop “Stadt und Raum. Theoretische Grundlagen für die Analyse urbaner Gebilde” coordenado pela Profª. Drª. Martina Löw (Technische Universität Darmstadt) e promovido pelo Excellence Cluster Topoi, Berlim (Alemanha) [Maleta 5, Pasta 9, Doc 14]
- 17) 23. abr. 2010 Simpósio “Stadtgesellschaften im Wandel” promovido pela Cátedra de Sociologia do Espaço da Technische Universität Chemnitz, Chemnitz (Alemanha) [Maleta 5, Pasta 9, Doc 15]
- 18) 27 abr.-13 jul. 2010 Colóquio de verão do Instituto de Etnologia Europeia da Humboldt-Universität zu Berlin, Berlim (Alemanha) [Maleta 5, Pasta 9, Doc 16]
- 19) 29-30 abr. 2010 Workshop “Identitätsdenken? Physiognomik-Revival? Postmoderner Heimatschutz? ‚Eigenlogik‘ und ihre Konturen” promovido pelo LOEWE-Schwerpunkt “Eigenlogik der Städte” [Linha de Pesquisa “Lógica Intrínseca das Cidades” do Centre of Research Excellence Urban Research] da Technische Universität Darmstadt em cooperação com a Escola Internacional de Graduados “Topologie der Technik” da Hochschule Darmstadt, Darmstadt (Alemanha) [Maleta 5, Pasta 9, Doc 17]
- 20) 28. mai. 2010 Conferência Internacional “Towards a Communicative Construction of Spaces” promovido pelo Leibniz Institute for Regional Development and Structural Planning, Erkner (Alemanha) [Maleta 5, Pasta 9, Doc 18]
- 21) 26 set. 2010 Workshop Móvel “Waterfront Development in Frankfurt” promovido pela European Urban Research Association (EURA), Frankfurt am Main (Alemanha) [Maleta 5, Pasta 9, Doc 19]

- 22) 16 out. 2010 Workshop “Der Westendcampus der Goethe Universität als öffentlicher Raum“, coordenado pelo Prof. Dr. Wilfried Kaib (Johann Wolfgang Goethe Universität) e promovido pelo Deutscher Soziologiekongress 2010, Frankfurt am Main (Alemanha) *[Maleta 5, Pasta 9, Doc 19]*
- 23) 16 out. 2010 Workshop “Die Bankentürme und das städtische Leben in Frankfurt“, coordenado pelo Prof. Dr. Wilfried Kaib (Johann Wolfgang Goethe Universität) e promovido pelo Deutscher Soziologiekongress 2010, Frankfurt am Main (Alemanha) *[Maleta 5, Pasta 9, Doc 19]*
- 24) 26-27 nov. 2010 Jornada “Der ‚eigenlogische‘ Forschungsansatz in der sozialwissenschaftlichen Stadtforschung: Rekonstruktion – Kritik – Alternativen” promovido pelo Centro de Estudos Metropolitanos da Technische Universität Berlin, Berlim (Alemanha) *[Maleta 5, Pasta 9, Doc 20]*

X. PALESTRAS EM INSTITUIÇÕES ACADÊMICAS

- 1) 21 nov. 1996 “‘Classiline’: Sociabilidades a partir do jornal na cidade de São Paulo”, como parte das atividades do curso extra-curricular “Sociabilidade: Uma discussão contemporânea” do Laboratório de Análises de Sociabilidade Contemporânea do Departamento de Sociologia da USP, São Paulo (São Paulo)
- 2) 21 jan. 2000 “De tempos e espaços na cidade de São Paulo de fins do Império” no Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife (Pernambuco) *[Maleta 6, Pasta 1, Doc 1]*
- 3) 11 jun. 2001 “Is There a ‘Brazilian Culture’? The City of São Paulo as an Example” no Departamento de Sociologia da USP *[Maleta 6, Pasta 1, Doc 2]*
- 4) 22 jan. 2003 “Street Photography in the City of São Paulo (Brazil) at the Turn of the 20th Century” na “2002-2003 Seminar Series” do Centre for the Study of Brazilian Culture and Society do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros do King’s College London, Londres (Reino Unido) *[Maleta 6, Pasta 1, Doc 3]*
- 5) 17 fev. 2003 “Everyday Life in the Streets of São Paulo: Street Photography at the Turn of the 20th Century” no “Research Seminar in the History and Politics of Latin America” do Latin American Centre da University of Oxford, Oxford (Reino Unido) *[Maleta 6, Pasta 1, Doc 4]*
- 6) 27 fev. 2003 “Modernity in the Streets of São Paulo: Postcards at the Turn of the 20th Century” no “Visual Anthropology Seminar” do Instituto de Antropologia Social e Cultural da University of Oxford, Oxford (Reino Unido) *[Maleta 6, Pasta 1, Doc 5]*

- 7) 14 mar. 2003 “Sur l’originalité de la modernité brésilienne: des passants dans les rues de São Paulo en 1900” no Seminário de Diplôme d’études approfondis (DEA) “Rapport à la ville et pratiques sociales dans les métropoles latino-américaines” do Institut des Hautes Études en Amérique Latine, Paris (França) [Maleta 6, Pasta 1, Doc 6]
- 8) 26 mar. 2003 “Une anthropologie urbaine des villes du passé est-elle possible? Des débuts de l’anthropologie urbaine à São Paulo”, no curso de Licence et Maîtrise de Antropologia da Université Lille 3, Lille (França) [Maleta 6, Pasta 1, Doc 7]
- 9) 9 abr. 2003 “Die Moderne auf den Straßen von São Paulo im Spiegel der Photographie zu Beginn des 20. Jahrhunderts”, como parte dos eventos de abril de 2003 do Instituto Ibero-Americano, Berlim (Alemanha) [Maleta 6, Pasta 1, Doc 8]
- 10) 29 abr. 2003 “Passanten auf den Straßen der Vergangenheit. Eine Fragestellung der Pädagogischen Psychologie? no Instituto de Psicologia e Pesquisa Social da Universität Bremen, Bremen (Alemanha) [Maleta 6, Pasta 1, Doc 9]
- 11) 30 abr. 2003 “Die Moderne auf den Straßen S. Paulos um 1900: Was Postkarten ausdrücken können”, no âmbito do Colóquio “Brasiliens Wege in die Moderne [Caminhos brasileiros rumo à modernidade]” do Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha) [Maleta 6, Pasta 1, Doc 10]
- 12) 3 mai. 2003 “Sobre a originalidade da modernidade brasileira: Transeuntes nas ruas dos cartões postais paulistanos em 1900” no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) de Lisboa, Lisboa (Portugal) [Maleta 6, Pasta 1, Doc 11]
- 13) 27 jun. 2003 “Usar São Paulo, aqui morar, daqui falar, aqui votar: Uma reflexão sobre propostas de curso na rede pública estadual paulista”, na FE-USP, São Paulo (São Paulo) [Maleta 6, Pasta 1, Doc 12]
- 14) 14 nov. 2003 “Modernização urbana no ‘Album Comparativo da Cidade de São Paulo 1862-1887’, de Militão de Azevedo” na disciplina “Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo I” do curso de graduação em Arquitetura e do Urbanismo da FAU-USP, São Paulo (São Paulo) [Maleta 6, Pasta 1, Doc 13]
- 15) 6 out. 2004 “Vincenzo Pastore e os primórdios do retrato de rua em São Paulo” na disciplina “Desenho” do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola da Cidade, São Paulo (São Paulo) [Maleta 6, Pasta 1, Doc 14]
- 16) 23 mai. 2005 “Uma etnografia das ruas da São Paulo do passado” na disciplina “Espaço urbano, segregação e urbanismo na perspectiva antropológica”, ministrada pelo Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr. no curso de graduação em Ciências Sociais da FFLCH-USP, São Paulo (São Paulo) [Maleta 6, Pasta 1, Doc 15]
- 17) 6 jun. 2005 “Notas metodológicas para uma etnografia das ruas do passado” no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife (Pernambuco) [Maleta 6, Pasta 1, Doc 16]

- 18) 2 dez. 2006 "A cidade que a cultura visual do Cemitério da Consolação revela" na disciplina "Antropologia VIII" do curso de graduação em Sociologia e Política da FESPSP, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 6, Pasta 2, Doc 1*]
- 19) 3 out. 2007 "O transeunte e o advento da modernidade nas ruas da cidade de São Paulo" nos Seminários do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília (Distrito Federal) [*Maleta 6, Pasta 2, Doc 2*]
- 20) 23 out. 2008 "Discurso de Saudação", no âmbito da Cerimônia de Outorga do Título de Professor Emérito a José de Souza Martins pela FFLCH-USP, São Paulo (São Paulo) [*Caixa 2, Doc 10*]
- 21) 9 jun. 2009 "Country, City, Metropolis" no Seminar on Cultural Diversity and Social Change in Brazil do "Fulbright Professional Development Program", São Paulo (São Paulo) [*Maleta 6, Pasta 2, Doc 3*]
- 22) 4 mai. 2010 "Die Raumsoziologie Erving Goffmans" no Colóquio de Pesquisa URBANGrad "Space, Place, Power", do Instituto de Sociologia da Technische Universität Darmstadt, Darmstadt (Alemanha) [*Maleta 6, Pasta 2, Doc 4*]
- 23) 6 mai. 2010 "Die Besonderheiten der brasilianischen Straßen: ein Fall von Eigenlogik?", no Colegiado do Centre of Research Excellence Urban Research da Technische Universität Darmstadt, Darmstadt (Alemanha) [*Maleta 6, Pasta 2, Doc 5*]
- 24) 7 jun. 2010 "Zu den Besonderheiten der brasilianischen Großstädte: Beiträge der deutschen Stadtsoziologie" no Colóquio "Think and Drink" do Departamento de Pesquisa Urbana e Regional da Humboldt-Universität zu Berlin e do Centro Georg Simmel de Pesquisa Metropolitana, Berlim (Alemanha) [*Maleta 6, Pasta 2, Doc 6*]
- 25) 8 jun. 2010 "A nova sociologia urbana alemã" no Ciclo de Conferências do Programa de Mestrado e Doutorado em "Cidades e Culturas Urbanas" do Centro de Estudos Sociais (CES), Coimbra (Portugal) [*Maleta 6, Pasta 2, Doc 7*]
- 26) 9 jun. 2010 "Especificidades não-cotidianas das ruas brasileiras" no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa (Portugal) [*Maleta 6, Pasta 2, Doc 8*]
- 27) 14 jun. 2010 "O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo", no ISCTE, Lisboa (Portugal) [*Maleta 6, Pasta 2, Doc 9*]
- 28) 29 jun. 2010 "Lefebvrian Remarks on Latin American Downtown Streets amid Globalisation" no Colégio Internacional de Graduados "Entre Espacios" e no ciclo de conferências "Leituras Brasileiras" do Centro de Pesquisas Brasileiras do Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha) [*Maleta 6, Pasta 2, Doc 10*]
- 29) 8 jul. 2010 "Tiempos y espacios en las calles brasileñas del pasado y del presente: apuntes de investigación" para o Grupo de Trabalho "Making of Urban Space – Stadforschung in Lateinamerika" do Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha) [*Maleta 6, Pasta 2, Doc 11*]

- 30) 10 set. 2010 “Método, cotidiano y espacio en la obra de Henri Lefebvre” para o Grupo de Trabalho “Making of Urban Space – Stadforschung in Lateinamerika” do Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha) *[Maleta 6, Pasta 2, Doc 11]*
- 31) 31 ago. 2011 “Dilemas do passado nas ruas brasileiras do presente” na 5ª Semana de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Presidente Prudente, Presidente Prudente (São Paulo) *[Maleta 6, Pasta 2, Doc 12]*
- 32) 2 set. 2011 “Em busca do urbano no Brasil do presente, uma sociologia da vida cotidiana nas ruas do passado”, na 18ª Semana de História da Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville (Santa Catarina) *[Maleta 6, Pasta 2, Doc 13]*
- 33) 14 set. 2011 “Será mesmo que ‘A rua é nossa... de todos nós?’”, para o curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas Alcântara Machado-Faculdades de Artes Alcântara Machado, São Paulo (São Paulo) *[Maleta 6, Pasta 2, Doc 14]*
- 34) 4 out. 2011 (em colaboração com Carlos Alba Vega) “Los procesos de renovación de los centros históricos de São Paulo y la Ciudad de México frente a los actores locales” para os alunos do Centro de Estudios Internacionales do Colegio de México, Cidade do México (México) *[Maleta 6, Pasta 2, Doc 15]*
- 35) 4 out. 2011 “Usos de la calle: patrimonio urbano” para os alunos da Pós-Graduação e Licenciatura do Departamento de Antropologia da Universidad Autonoma de Iztapalapa, Cidade do México (México) *[Maleta 6, Pasta 2, Doc 16]*
- 36) 8 mai. 2012 “O uso das ruas e praças nas metrópoles brasileiras: Uma trajetória de pesquisa” para os alunos do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (Santa Catarina) *[Maleta 6, Pasta 2, Doc 17]*
- 37) 27 fev. 2013 “O que pés na rua revelam sobre o Brasil” no Seminário Cultura e Realidade Contemporânea da Escola da Cidade, São Paulo (São Paulo) *[Maleta 6, Pasta 2, Doc 18]*
- 38) 11 mar. 2013 “Ô da rua! – Em cidades ocidentais do passado e do presente”, para os alunos do Centro de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, São Luís (Maranhão) *[Maleta 6, Pasta 2, Doc 19]*
- 39) 8 nov. 2013 “L’invention sociale du passant dans le Brésil esclavagiste” para os alunos do Master em História da Université de la Rochelle, La Rochelle (França) *[Maleta 6, Pasta 2, Doc 20]*
- 40) 17 jan. 2014 “O que a rua revela sobre o advento da modernidade em São Paulo?” para os alunos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, Belém (Pará) *[Maleta 6, Pasta 3, Doc 1]*
- 41) 13 mai. 2014 “Unvorhergesehene Facetten der Globalisierung auf den Straßen São Paulos” para os alunos do Instituto de Sociologia da Technische Universität Berlin, Berlim (Alemanha) *[Maleta 6, Pasta 3, Doc 2]*

- 42) 16 jun. 2014 “Stadt, Raum, Zeit, Körper: Reflektionen über das Potential der Lefebvre’schen Methode für die (lateinamerikanische) Stadtforschung” para os alunos do Mestrado em Estudos Latino-Americanos do Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha) *[Maleta 6, Pasta 3, Doc 3]*
- 43) 21 jun. 2014 “Autoethnographische Bemerkungen zu den Straßen São Paulos” no Seminário “Urbanes Labor II” do curso de graduação “Kultur der Metropole” da HafenCity Universität Hamburg, Hamburgo (Alemanha) *[Maleta 5, Pasta 8, Doc 1]*
- 44) 10 jul. 2014 “Die Zeiten der Globalisierung auf den Straßen São Paulos” para os alunos do Instituto para Ciências da Ásia e África da Humboldt-Universität zu Berlin, Berlim (Alemanha) *[Maleta 6, Pasta 3, Doc 4]*
- 45) 3 nov. 2014 “Etnografia na pesquisa” para os alunos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife (Pernambuco) *[Maleta 6, Pasta 3, Doc 5]*
- 46) 12 ago. 2015 “Notas autoetnográficas sobre a sociedade da rua em São Paulo” nos Encontros de Sociologia e Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (Rio de Janeiro) *[Maleta 6, Pasta 3, Doc 6]*
- 47) 17 ago. 2015 “O espaço social de Henri Lefebvre” para os alunos da disciplina “Teoria e crítica contemporânea da arquitetura e do urbanismo” do Programa de Pós-Graduação em História e Fundamentos da FAU-USP, São Paulo (São Paulo) *[Maleta 6, Pasta 3, Doc 7]*
- 48) 2 fev. 2016 “Notas sobre a sociedade da rua na Praça da Sé paulistana” na 2ª Oficina QUAPÁ-SEL da FAU-USP, São Paulo (São Paulo) *[Maleta 6, Pasta 3, Doc 8]*
- 49) 19 mai. 2016 “A crítica do fenômeno urbano como crítica da vida cotidiana”, no âmbito do 2º Colóquio “Cidades: Experimentações sociais e criatividade política” do Grupo de Estética Contemporânea do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, São Paulo (São Paulo) *[Maleta 6, Pasta 3, Doc 9]*
- 50) 4 nov. 2016 “O espaço como objeto de conhecimento sociológico” no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Belo Horizonte (Minas Gerais) *[Maleta 6, Pasta 3, Doc 10]*
- 51) 1 jul. 2017 “Methodologische Anmerkungen zur kulturhistorischen Relevanz der Kreuzungen in brasilianischen Städten” no Workshop “Intersections: Anthropological perspectives on an urban situation” do curso de graduação “Kultur der Metropole” da HafenCity Universität Hamburg, Hamburgo (Alemanha) *[Maleta 5, Pasta 8, Doc 9]*

XI. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO UNIVERSITÁRIA

a) Dissertação de mestrado concluída sob minha orientação

- 2015 Heitor Vianna Moura, "Os outros Rios de Janeiro. Estudo sociológico sobre o imaginário dos arquitetos no contexto de preparação dos Jogos Olímpicos de 2016", no PPGS-USP

b) Pesquisas de pós-graduação de intercambistas internacionais da FFLCH ("alunos de mobilidade") orientadas

- 1) out. 2015 – mar. 2016 Fabio Heupel Santos (doutorado), "Die Überbrückung fließender Grenzen", Escola Internacional de Graduados "Entre Espacios" da Freie Universität Berlin. Financiamento: Studienstiftung des deutschen Volkes
- 2) mar.-jun. 2016 Yohann Lossouarn (mestrado), "Héritage de l'esclavage dans l'urbanisation de São Paulo (1920-1940)", Paris Diderot-CESSMA. Financiamento: Programa MIREs da Sorbonne Paris Cité
- 3) mai.-ago. 2016 Miglena Krasimirova Gerasimova (doutorado), "The City and Its Active Citizens. Sofia the Case", Sofia University "Kliment Ohridski". Financiamento: Programa Erasmus+ da Sofia University

c) Trabalhos de conclusão de curso finalizados sob minha orientação

- 1) 2005 André Lopes de Araújo, "O Minhocão aos domingos: caleidoscópio de 'manchas' e 'pedaços' de lazer e trabalho", em Sociologia e Política pela FESPSP [Maleta 6, Pasta 4, Doc 1]
- 2) 2005 Ligia Helena Micas, "'Querido Diário' X 'Respeitável público' - Intimidade no universo dos *weblogs*", em Sociologia e Política pela FESPSP [Maleta 6, Pasta 4, Doc 2]
- 3) 2006 Delcides Marques, "Igreja na rua: O imaginário religioso dos pregadores pentecostais na Praça da Sé em São Paulo", em Sociologia e Política pela FESPSP [Maleta 6, Pasta 4, Doc 3]

d) Pesquisas de iniciação científica concluídas sob minha orientação

- 1) abr.-nov. 2005 Gislaine da Silva, "Questões imobiliárias da Mooca Baixa" (financiamento: FESPSP), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, "Relatório Final do Projeto de Pesquisa "Laboratório Social – Mooca", São Paulo, FESPSP, nov. 2005 [Maleta 6, Pasta 4, Doc 4]
- 2) abr.-nov. 2005 Roberto Saba, "As histórias da Mooca" (financiamento: Recursos próprios), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, "Relatório Final do Projeto de Pesquisa "Laboratório Social – Mooca", São Paulo, FESPSP, nov. 2005 [Maleta 6, Pasta 4, Doc 4]
- 3) abr.-nov. 2005 Mitsuo Shida, "Segurança na Mooca Baixa" (financiamento: FESPSP), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, "Relatório Final do Projeto de Pesquisa "Laboratório Social – Mooca", São Paulo, FESPSP, nov. 2005 [Maleta 6, Pasta 4, Doc 4]

- 4) abr.-nov. 2005 Susana Chiemi Miura, “Submundo imobiliário da Mooca Baixa” e “Caminhos fotográficos da Mooca Baixa” (financiamento: FESPSP), que resultaram nos relatórios de mesmo título inseridos in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Pesquisa “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, nov. 2005 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 4*]
- 5) fev.-dez. 2006 Delcides Marques, “Igreja na rua: O imaginário religioso dos pregadores pentecostais sobre a Praça da Sé em São Paulo” (financiamento: FAPESP), que resultou no Trabalho de Conclusão de Curso em Sociologia e Política de mesmo título defendido na FESPSP em 12 de dezembro de 2006 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 5, Doc 6*]
- 6) fev. 2006-abr. 2007 Susana Chiemi Miura, “Relações Sociais na Mooca Baixa – quando o bairro e a metrópole se encontram” (financiamento: FESPSP), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Publicação do “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, jul. 2007 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 5*]
- 7) fev. 2006-abr. 2007 Rodrigo Estramanho de Almeida, “De atividades socioeconômicas a relações sociais e socioespaciais: potencialidades sociológicas e antropológicas dos dados econômicos na metrópole” (financiamento: Recursos próprios), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Publicação do “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, jul. 2007 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 5*]
- 8) fev. 2006-abr. 2007 Sérgio da Silva, “De atividades socioeconômicas a relações sociais e socioespaciais: potencialidades sociológicas e antropológicas dos dados econômicos na metrópole” (financiamento: Recursos próprios), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Publicação do “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, jul. 2007 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 5*]
- 9) fev. 2006-abr. 2007 Michelangelo Marques Torres, “De atividades socioeconômicas a relações sociais e socioespaciais: potencialidades sociológicas e antropológicas dos dados econômicos na metrópole” (financiamento: Recursos próprios), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Publicação do “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, jul. 2007 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 5*]
- 10) fev. 2006-abr. 2007 Tabata Milula, “Das insatisfações às reclamações: as relações dos moradores da Mooca Baixa com o poder público” (financiamento: Recursos próprios), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Publicação do “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, mimeo, jul. 2007 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 5*]

- 11) fev. 2006-abr. 2007 Marília Goulart, “Da desordem às ordens: a organização social que a violência revela” (financiamento: Recursos próprios), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Publicação do “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, mimeo, jul. 2007 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 5*]
- 12) ago. 2007-jul. 2008 Luísa Mafei Valente, “O jornal *O Estado de São Paulo* e os usos das ruas do centro de São Paulo”, subprojeto de pesquisa no interior do projeto “O usuário das ruas do centro de São Paulo e o cotidiano da metrópole”, de minha autoria no Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: PIBIC/USP/CNPq.
- 13) ago. 2008-fev. 2009 José Agnello Alves Dias de Andrade, “A emergência textual e imagética de ‘novos’ usos e usuários nas ruas do centro de São Paulo da imprensa dita ‘séria’ a partir de 1990”, subprojeto de pesquisa no interior do projeto “O usuário das ruas do centro de São Paulo e o cotidiano da metrópole”, de minha autoria no Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: PIBIC/USP/CNPq
- 14) mar.-ago. 2009 Cesar Augusto Othero Tiossi, “As representações textuais e visuais de usos e usuários das ruas do centro de São Paulo no jornal *O Estado de S. Paulo* da década de 2000”, subprojeto de pesquisa no interior do projeto “O usuário das ruas do centro de São Paulo e o cotidiano da metrópole”, de minha autoria no Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: PIBIC/USP/CNPq
- 15) set.-dez. 2009 Cesar Augusto Othero Tiossi, “Os usuários das ruas do centro de São Paulo no jornal *O Estado de S. Paulo* durante a chamada ‘redemocratização’ dos anos de 1980” “(subprojeto de pesquisa no interior do projeto “O usuário das ruas do centro de São Paulo e o cotidiano da metrópole”, de minha autoria no Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: Recursos próprios (set. – out. 2009); Reitoria da USP (nov. 2009 – dez. 2009)
- 16) ago. 2011-ago. 2012 Rodrigo Gonçalves Freire, “Os usos da rua do centro histórico paulistano no jornal *O Estado de S. Paulo* da década de 1980”, subprojeto de pesquisa no interior do projeto “A sociedade da rua em São Paulo: A cidade fora dos muros”, de minha autoria no Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: Recursos próprios
- 17) nov. 2011 – jul. 2012 Damaris Monteiro de Faria, “O idioma corporal dos não-transeuntes das ruas centrais de São Paulo”, subprojeto de pesquisa no interior do projeto “A sociedade da rua em São Paulo: A cidade fora dos muros”, de minha autoria no Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: Recursos próprios

- 18) jul. 2011-jul. 2012 André Carlos Tucunduva Romano, “Intervenções urbanísticas e legislação de uso das ruas do centro histórico paulistano a partir de 1970”, subprojeto de pesquisa no interior do projeto “A sociedade da rua em São Paulo: A cidade fora dos muros”, de minha autoria no Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: Reitoria da USP (ago. 2011 – ago. 2012); Recursos próprios (a partir de ago. 2012).
- 19) ago. 2012-out. 2012 Rodrigo Gonçalves Freire, “A imprensa e os usuários da rua do centro histórico paulistano na década de 1980”, subprojeto de pesquisa no interior do projeto “A sociedade da rua em São Paulo: A cidade fora dos muros”, de minha autoria no Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: Reitoria da USP.
- 20) ago. 2012-jul. 2013 Damaris Monteiro de Faria, “O uso que não-transeuntes fazem das ruas centrais de São Paulo”, subprojeto de pesquisa no interior do projeto “A sociedade da rua em São Paulo: A cidade fora dos muros”, de minha autoria no Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: Reitoria da USP
- 21) nov. 2012-jul. 2014 Felipe Nery Alves Pinto, “A década de 1950 nas ruas e praças centrais paulistanas do jornal *O Estado de S. Paulo*”, subprojeto de pesquisa no interior do projeto “A sociedade da rua em São Paulo: A cidade fora dos muros”, de minha autoria no Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: Reitoria da USP
- 22) mai. 2013-jul. 2014 Gabriela Dias Bonfim, “O jornal *O Estado de S. Paulo* e as transformações no uso das ruas e praças do centro de São Paulo durante a década de 1960”, subprojeto de pesquisa no interior do projeto “A sociedade da rua em São Paulo: A cidade fora dos muros”, de minha autoria no Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: Reitoria da USP
- 23) set. 2016–ago. 2017 João Gabriel de Oliveira Moraes, “O comércio de rua na cidade de São Paulo em fins do século XIX”. Financiamento: Programa Unificado de Bolsas da USP

e) Pesquisas de especialização/aperfeiçoamento concluídas sob minha orientação

- 1) abr.-nov. 2005 Carla Regina Mota Alonso Diéguez, “O poder público e a Mooca Baixa” (financiamento: FESPSP), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Pesquisa “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, mimeo, nov. 2005 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 4*]
- 2) abr.-nov. 2005 Edson Kazuhiro Saita, “Atividades socioeconômicas na Mooca Baixa” (financiamento: FESPSP), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Pesquisa “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, mimeo, nov. 2005 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 4*]

- 3) abr.-nov. 2005 Rosemeire Paixão, “Questões imobiliárias da Mooca Baixa” (financiamento: Recursos próprios), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Pesquisa “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, mimeo, nov. 2005 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 4*]
- 4) fev. 2006-abr. 2007 Ligia Helena Micas, “Relações Sociais na Mooca Baixa – quando o bairro e a metrópole se encontram” (financiamento: Recursos próprios), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Publicação do “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, mimeo, jul. 2007 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 5*]
- 5) fev. 2006-abr. 2007 Thaise Macedo, “Relações Sociais na Mooca Baixa – quando o bairro e a metrópole se encontram” (financiamento: Recursos próprios), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Publicação do “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, mimeo, jul. 2007 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 5*]
- 6) fev. 2006-abr. 2007 Sandra Basile, “De atividades socioeconômicas a relações sociais e socioespaciais: potencialidades sociológicas e antropológicas dos dados econômicos na metrópole” (financiamento: Recursos próprios), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Publicação do “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, mimeo, jul. 2007 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 5*]
- 7) fev. 2006-abr. 2007 Gislaine da Silva, “Mooca Baixa: significados do morar” (financiamento: FESPSP), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Publicação do “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, mimeo, jul. 2007 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 5*]
- 8) fev. 2006-abr. 2007 Carla Regina Mota Alonso Diéguez, “Mooca Baixa: significados do morar” (financiamento: FESPSP), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Publicação do “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, mimeo, jul. 2007 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 5*]
- 9) fev. 2006-abr. 2007 Edson Kazuhiro Saita, “Das insatisfações às reclamações: as relações dos moradores da Mooca Baixa com o poder público” (financiamento: FESPSP), que resultou no relatório de mesmo título inserido in Fraya Frehse et alii, “Relatório Final do Projeto de Publicação do “Laboratório Social – Mooca”, São Paulo, FESPSP, mimeo, jul. 2007 [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 5*]

f) Estágio de assistência de pesquisa concluído sob minha supervisão

- 1) jul.-nov. 2010 Kathrin Heim (mestrado), Assistente de pesquisa do projeto de pesquisa “Zur Konzeptualisierung der brasilianischen Großstädte: Beiträge der deutschen Stadtsoziologie” de minha autoria no Instituto Latino-Americano da Freie Universität Berlin, Berlim (Alemanha). Financiamento: Alexander von Humboldt Foundation
- 2) abr. 2013-out. 2014 Maria Clara Guiral Bassi (graduação), Assistente de pesquisa do projeto de pesquisa “A sociedade da rua em São Paulo: A cidade fora dos muros” de minha autoria no Departamento de Sociologia da USP. Financiamento: FFLCH

g) Estágios de aperfeiçoamento de/estímulo ao ensino concluídos sob minha supervisão

- 1) fev.-jun. 2011 Claudia Sciré (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP na disciplina “Introdução às Ciências Sociais (Sociologia I)”. Financiamento: Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP
- 2) fev.-jun. 2012 Isabel Furlan Jorge (graduação), Programa de Estímulo ao Ensino de Graduação da USP, na disciplina “Introdução às Ciências Sociais (Sociologia I)”. Financiamento: Pró-Reitoria de Graduação da USP
- 3) fev.-jun. 2012 Monica Isabel de Moraes (graduação), Programa de Estímulo ao Ensino de Graduação da US, na disciplina “Introdução às Ciências Sociais (Sociologia I)”. Financiamento: Pró-Reitoria de Graduação da USP
- 4) ago.-dez. 2012 Rafael Mantovani (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, na disciplina “A Sociologia e a Cidade.” Financiamento: Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP
- 5) ago.-dez. 2013 Bruna Gisi de Almeida (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, na disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa II”. Financiamento: Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP
- 6) ago.-dez. 2013 Juliana Vinuto Lima (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, na disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa II”. Financiamento: Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP
- 7) ago.-dez. 2014 Heitor Vianna Moura (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, na disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa II”. Financiamento: Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP
- 8) ago.-dez. 2014 Nathália Carneiro Campagnani (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, na disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa II”. Financiamento: Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP
- 9) ago.-dez. 2014 Svetlana Ruseishvili (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, na disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa II”. Financiamento: Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP

- 10) ago.-dez. 2015 Vera Lúcia de Toledo Araújo (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, na disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa II”. Financiamento: Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP
- 11) fev.-ago. 2016 Gustavo Higa (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, na disciplina “Introdução à Sociologia para Psicologia”. Financiamento: Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP
- 12) mar.-jun. 2017 Caio Moraes Reis (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da USP, estágio voluntário na disciplina “Sociologia III”, sob minha supervisão, no curso de graduação em Ciências Sociais da FFLCH-USP
- 13) mar.-jun. 2017 Laura Leal (recém-graduada), estágio voluntário na disciplina “Sociologia III”, sob minha supervisão, no curso de graduação em Ciências Sociais da FFLCH-USP
- 14) mar.-jun. 2017 Edgar Maturana (licenciatura), estágio voluntário na disciplina “Sociologia III”, sob minha supervisão, no curso de graduação em Ciências Sociais da FFLCH-USP
- 15) mar.-jun. 2017 Alexandre Martins (graduação), estágio voluntário na disciplina “Sociologia III”, sob minha supervisão, no curso de graduação em Ciências Sociais da FFLCH-USP

XII. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS EXAMINADORAS

a) Trabalhos de conclusão de curso de graduação

- 1) mai. 2006 Raquel Alves Marcellino, “Salas de cinema em shopping centers: O lugar do cinema do ponto de vista do público freqüentador” (Bacharelado em Sociologia e Política), FESPSP [*Maleta 6, Pasta 5, Doc 1*]
- 2) 12 dez. 2006 Delcides Marques, “Igreja na Rua: O imaginário religioso dos pregadores pentecostais sobre a Praça da Sé em São Paulo” (Bacharelado em Sociologia e Política), FESPSP [*Maleta 6, Pasta 4, Doc 3*]

b) Exames de qualificação de mestrado

- 1) 7 fev. 2007 Gisele Homem de Mello, “A verticalização no espaço urbano da orla praiana de Santos: A muralha da estratificação social” (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP (PPGS-USP) [*Maleta 6, Pasta 5, Doc 2*]
- 2) 27 fev. 2007 Sílvia Eri Hirao, “Ser jovem na Cidade Tiradentes: Estudos das formas e espaços de lazer e sociabilidade” (Mestrado em Sociologia da Educação), FE-USP [*Maleta 6, Pasta 5, Doc 3*]

- 3) 18 jul. 2007 Tiarajú Pablo D'Andrea, "Segregações: trajetórias urbanas de famílias removidas de favelas do quadrante sudoeste para Cidade Tiradentes e Paraisópolis" (Mestrado em Sociologia), PPGS-USP [Maleta 6, Pasta 5, Doc 4]
- 4) 11 set. 2007 Thomas Antônio Burneiko Meira, "... Da força da grana que ergue e destrói coisas belas': Uma etnografia dos circuitos de jovens na cidade de Londrina a partir do bar Valentino" (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP (PPGAS-USP) [Maleta 6, Pasta 5, Doc 5]
- 5) 14 mar. 2008 Hamilton Harley de Carvalho Silva, "A sociabilidade de jovens homossexuais nas ruas de São Paulo: Trajetórias, itinerários e percursos" (Mestrado em Sociologia da Educação) FE-USP [Maleta 6, Pasta 5, Doc 6]
- 6) 27.08.2009 Cristian Carla Barnava, "Encontros fatais: violência e feminino no cinema contemporâneo" (Mestrado em Sociologia), PPGS-USP [Maleta 6, Pasta 5, Doc 7]
- 7) 4 set. 2009 Rafael Adriano Marques, "Formas de apropriação lúdica da cidade: Um estudo antropológico sobre as práticas de Le Parkour em São Paulo" (Mestrado em Antropologia Social), PPGAS-USP [Maleta 6, Pasta 5, Doc 8]
- 8) 9 dez. 2009 Max Eduardo Brunner Souza, "A construção de identidades conservadoras na modernidade brasileira contemporânea: estudo de caso com o Movimento Escoteiro" (Mestrado em Sociologia), PPGS-USP [Maleta 6, Pasta 5, Doc 9]
- 9) 9 ago. 2011 Alexandre Marques Barbosa, "Os elementos urbanos de alto padrão em Goiânia e sua atribuição coletiva de valor: uma dinâmica de segregação social no espaço da cidade" (Mestrado em Sociologia), PPGS-USP [Maleta 6, Pasta 5, Doc 10]
- 10) 24 ago. 2011 Natália Helou Fazzioni, "Da rua ao bairro: questões sobre o espaço e o tempo na Lapa (RJ)" (Mestrado em Antropologia Social), PPGAS-USP [Maleta 6, Pasta 5, Doc 11]
- 11) 2 mar. 2012 Felipe Melo Pissardo, "Produção, apropriação e representação do espaço de lazer noturno na Rua Augusta)" (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), FAU-USP [Maleta 6, Pasta 5, Doc 12]
- 12) 11 abr. 2013 Beatriz Ferraz Diniz, "Os significados da vadiagem: um relato etnográfico na Praça da Sé (SP)" (Mestrado em Psicologia Social), Instituto de Psicologia - USP [Maleta 6, Pasta 5, Doc 13]
- 13) 17 out. 2013 Marília Bilenjean Goulart, "Um Salve em São Paulo – violência e crime em três obras recentes. Possíveis diálogos" (Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais), Escola de Comunicações e Artes – USP [Maleta 6, Pasta 5, Doc 14]
- 14) 24 out. 2013 Marcelo Rocco, "A dialética do 'progresso': Os impactos da Copa do Mundo de 2014 no Distrito de Itaquera por meio da percepção de crianças de famílias em risco e processo de desapropriação", (Mestrado em Ciências Sociais), PUC–SP [Maleta 6, Pasta 5, Doc 15]

- 15) 22 set. 2014 Renan Theodoro de Oliveira, “Por pouco: Estudo sobre conflitos interpessoais a partir de homicídios em São Paulo (1991-1997)”, (Mestrado em Sociologia), PPGS-USP [*Maleta 6, Pasta 5, Doc 16*]
- 16) 23 set. 2014 Nathália Carneiro Campagnani, “Pedalando no Rio: Regras de uso da rua pela mediação da bicicleta na cidade do Rio de Janeiro”, (Mestrado em Sociologia), PPGS-USP [*Maleta 6, Pasta 5, Doc 17*]
- 17) 24 set. 2014 Heitor Vianna Moura, “Cidades (im)possíveis? O Rio de Janeiro dos arquitetos no contexto de preparação dos Jogos Olímpicos de 2016”, (Mestrado em Sociologia), PPGS-USP [*Maleta 6, Pasta 5, Doc 18*]
- 18) 19 abr. 2015 Victor Martins de Aguiar, “Baixios de viadutos como desafio urbanístico: Uma leitura das ‘terras de ninguém’ nos viadutos Alcântara Machado e Glicério”, (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo), FAU-USP [*Maleta 6, Pasta 5, Doc 19*]

c) Exame de qualificação de doutorado

- 1) 5 set. 2008 Alexandre Barbosa Pereira, “Baladas em Cidade Ademar: Jovens e suas formas de sociabilidade e de apropriação do espaço urbano em um distrito da periferia da cidade de São Paulo” (Doutorado em Antropologia Social), PPGAS-USP [*Maleta 6, Pasta 5, Doc 20*]
- 2) 30 jun. 2009 Stella Christina Schrijnemaekers, “Camadas populares e individualização: uma junção possível?” (Doutorado em Sociologia), PPGS-USP [*Maleta 6, Pasta 5, Doc 21*]
- 3) 31 ago. 2012 Marina Rebeca de Oliveira Saraiva, “Territorialidades da infância na metrópole contemporânea: uma etnografia das redes de relações de crianças ricas na cidade de Fortaleza-Ceará” (Doutorado em Antropologia Social), PPGAS-USP [*Maleta 6, Pasta 5, Doc 22*]
- 4) 4 jun. 2013 Rafael Leite Mantovani, “A ciência médica como legitimação nas câmaras municipais (1820-1860)” (Doutorado em Sociologia), PPGS-USP [*Maleta 6, Pasta 5, Doc 23*]

d) Dissertações de mestrado

- 1) 11 abr. 2008 Sílvia Eri Hirao, “Ser Jovem na Cidade Tiradentes: Um estudo exploratório” (Mestrado em Sociologia da Educação), FE-USP [*Maleta 6, Pasta 6, Doc 1*]
- 2) 12 dez. 2008 Elaine Ferreira Lima, “Enobrecimento e Centralidades: A Reinvenção do Centro Histórico de Aracaju” (Mestrado em Sociologia), Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – Universidade Federal de Sergipe [*Maleta 6, Pasta 6, Doc 2*]
- 3) 9 mar. 2009 Hamilton Harley de Carvalho Silva, “Sociabilidades de Jovens Homossexuais nas Ruas de São Paulo: Deslocamentos e fronteiras” (Mestrado em Sociologia da Educação), FE-USP [*Maleta 6, Pasta 6, Doc 3*]

- 4) 8 mai. 2012 Charles Henrique Voos, “Agentes e Estratégias na (Re)Produção da Centralidade de Joinville/SC: A Circulação Intraurbana como Indutora da Segregação Socioespacial” (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade), Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal de Santa Catarina [*Maleta 6, Pasta 6, Doc 4*]
- 5) 11 mar. 2013 Carolina Vasconcelos Pitanga, “Cenas Cotidianas nos Ônibus de São Luís” (Mestrado em Ciências Sociais), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal do Maranhão [*Maleta 6, Pasta 6, Doc 5*]
- 6) 17 jan. 2014 Osimar da Silva Barros, “A ‘Cidade Modelo’: Reforma urbana, conflitos sociais e o discurso de progresso em Castanhal (1960-1987)” (Mestrado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História Social – Universidade Federal do Pará [*Maleta 6, Pasta 6, Doc 6*]
- 7) 24 abr. 2015 Marcelo Rocco, “A Produção do Espaço Urbano pela Perspectiva da Criança: Entre a brincadeira e o conflito na Favela da Paz em São Paulo” (Mestrado em Ciências Sociais), Programa Pós-Graduado em Ciências Sociais – PUC-SP [*Maleta 6, Pasta 6, Doc 7*]
- 8) 5 nov. 2015 Beatriz Rodrigues, “Linguagens urbanas e modernidade na ‘Babel amalucada’: Cartas caipiras em periódicos paulistanos (1900-1926)” (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus de Franca [*Maleta 6, Pasta 6, Doc 8*]
- 9) 3 dez. 2015 Heitor Vianna Moura, “Os outros Rios de Janeiro. Estudo sociológico sobre o imaginário dos arquitetos no contexto de preparação dos Jogos Olímpicos de 2016” (Mestrado em Sociologia), PPGS-USP [*Maleta 6, Pasta 6, Doc 9*]
- 10) 26 jan. 2016 Renan Theodoro de Oliveira, “Banalidades e brigas de bar: Estudo sobre conflitos interpessoais com desfechos fatais (São Paulo 1991-1997)” (Mestrado em Sociologia), PPGS-USP [*Maleta 6, Pasta 6, Doc 10*]

e) Teses de doutorado

- 1) 7 jun. 2011 Stella Christina Schrijnemaekers, “A Casa e os Seus Objetos: Construções da identidade em famílias de camadas populares” (Doutorado em Sociologia), PPGS-USP [*Maleta 6, Pasta 6, Doc 11*]
- 2) 10 jul. 2014 Alexander Araya López, “Public Spaces, Stigmatization and Media Discourses of Graffiti Practices in Latin American Press: Dynamics of Symbolic Exclusion and Inclusion of Urban Youth” (Doutorado em Sociologia), Instituto Latino-Americano – Freie Universität Berlin [*Maleta 6, Pasta 6, Doc 12*]
- 3) 18 set. 2014 Roberta dos Reis Neuhold, “Sociologia do Ensino de Sociologia: Os debates acadêmicos sobre a constituição de uma disciplina escolar” (Doutorado em Educação), FE-USP [*Maleta 6, Pasta 6, Doc 13*]

XIII. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE COMISSÕES JULGADORAS

- 1) 7 out. 2004 Banca de Avaliação dos projetos semestrais de arquitetura e urbanismo idealizados no âmbito da disciplina “Projeto de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo” (Estúdio Vertical), da Escola da Cidade, respectivamente pelos alunos: Felipe Ozores, José Jorge da Costa, Tom Ribeiro, Mariano Câmara Santos (orientação: Arq. Joana Mello Carvalho); Alan Borger, Pedro Henrique Neves dos Santos, Rafael M. C. S. Freitas, Roberto Fakouri, Caê Brettas (orientação: Arq. Paulo de Assis Brazil); Tatiana Reis, Adriana Nogueira, Anita Rodrigues, Tayomara Gama (orientação: Arq. Júlio Artigas) [*Maleta 6, Pasta 7, Doc 1*]
- 2) 15 dez. 2005 Banca de Avaliação do projeto semestral de arquitetura e urbanismo sobre o tema “Lares Periféricos” idealizado no âmbito da disciplina “Projeto de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo” (Estúdio Vertical), da Escola da Cidade, pelos alunos: Valentina Rossi Soares, Marco Artigas Forti, Guilherme Pinheiro Ramalho, Marina Franco Pappa (orientação: Prof. Dr. Antonio Barossi) [*Maleta 6, Pasta 7, Doc 2*]
- 3) 29-30 mai. 2007 Comissão Julgadora dos trabalhos candidatos ao Prêmio “Sociólogos do Futuro” no âmbito do 13º Congresso Brasileiro de Sociologia, Recife [*Maleta 6, Pasta 7, Doc 3*]
- 4) set. 2012 Comissão Julgadora do Concurso “1º Prêmio BNB/ANPOCS de Ciências Sociais Rômulo de Almeida” [*Maleta 6, Pasta 7, Doc 4*]
- 5) 8 set.-22 out. 2012 Banca do Processo de Seleção do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP [*Maleta 6, Pasta 7, Doc 5*]

XIV. PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À COMUNIDADE

a) Aulas/cursos para públicos variados (professores, estudantes, trabalhadores, produtores culturais, gestores públicos etc.)

- 1) 5 mai. 2005 “Tão longe, tão perto: Percepções sobre o cotidiano das ruas na São Paulo de fins do século XIX”, no 3º Curso de História de São Paulo do Centro de Integração Empresa-Escola de São Paulo, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 1*]
- 2) 17 nov.-8 dez. 2016 “Sociologia da Vida Cotidiana (no Brasil)” no Centro de Pesquisa e Formação do Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 2*]

b) Palestras/conferências para públicos variados (professores, estudantes, trabalhadores, produtores culturais, gestores públicos etc.)

- 1) 20 mar. 2007 “Sociedade, cotidiano e educação” no Encontro Técnico para Formação de Instrutores do Programa Curumim do SESC-SP, promovido pelo SESC-SP, Atibaia (São Paulo) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 3*]
- 2) 27 jun. 2007 “Os moradores do centro de São Paulo e o processo de ‘revitalização’” no Seminário de Gestão do Projeto Inclusão Social Urbana/Nós do Centro, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 4*]
- 3) 4 dez. 2007 “A casa e a rua: urbanização e modernidade” no ciclo de palestras da Exposição VerSão Paulo na Casa de Dona Yayá, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 5*]
- 4) 3 mar. 2008 “Em comunhão com o homem comum” na apresentação pública do livro *A Sociabilidade do Homem Simples*, de José de Souza Martins, e do CD “Dez Cordas”, de Ivan Vilela, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 6*]
- 5) 25 abr. 2008 “As ruas do centro de São Paulo e suas imagens como espaço educador” no 10º Congresso Internacional de Cidades Educadoras, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 7*]
- 6) 7 jun. 2008 “Comunhão com o homem simples” na apresentação pública do livro *A Sociabilidade do Homem Simples*, de José de Souza Martins, Santo André (São Paulo) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 8*]
- 7) 8 ago. 2008 “Por que cursar Ciências Sociais?” na 3ª Feira de Profissões da USP, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 9*]
- 8) 5 jun. 2010 “Beziehungen zwischen Stadt und Land in Brasilien [Relações entre Cidade e Campo no Brasil]”, como parte das atividades do Georg Simmel-Zentrum für Metropolenforschung da Humboldt-Universität zu Berlin na “Lange Nacht der Wissenschaften” [Noite Longa das Ciências], Berlim (Alemanha) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 10*]
- 9) 14 set. 2010 “Links between City and Country in Brazil” na “Art Meets Science Lecture Series” do Internationales Begegnungszentrum der Wissenschaft, Berlim (Alemanha) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 11*]
- 10) 15 dez. 2010 “*Raízes do Brasil* und die Ursprünge der Stadtforschung über Brasilien” na Série de Discussões “Intérpretes do Brasil – Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*” da Embaixada do Brasil em Berlim, Berlim (Alemanha) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 12*]
- 11) 24 set. 2011 “Contradicciones del pasado en las calles de la megalópolis paulista del presente”, na 23ª Feria del Libro de Antropología e Historia do Instituto Nacional de Antropología e Historia, Cidade do México (México) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 13*]
- 12) 10 nov. 2011 “Em busca da rua viva em São Paulo entre o início do século XIX e o início do XX” no Ciclo de Palestras do Programa de Ação Educativa e Cultural do Museu de Santo André. Santo André (São Paulo) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 14*]
- 13) 10 mar. 2012 “Regras das ruas diante e atrás da câmera na São Paulo do início do século XX” no Módulo de Palestras “Fotografia e vivências do espaço urbano paulistano no início do século XX” da Casa da Imagem de São Paulo, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 15*]

- 14) 15 abr. 2013 “(Re)conhecer a rua para propor e intervir” na mesa de debate intitulada “Rua: discutir, propor e intervir” da Mostra Paralela do Festival Baixo Centro, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 16*]
- 15) 15 set. 2015 “Temporalidades em foco – nas ruas paulistanas de Guilherme Gaensly, de Aurélio Becherini e de Vincenzo Pastore” no ciclo “São Paulo em Fotografia: Transformações visuais da Metrópole” do Centro de Pesquisa e Formação do SESC de São Paulo, São Paulo (São Paulo) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 17*]
- 16) 5 out. 2016 “A sociedade da rua no centro de São Paulo e o patrimônio histórico” no Programa de Ação Educativa do Museu de Santo André, Santo André (São Paulo) [*Maleta 7, Pasta 1, Doc 18*]

c) Entrevistas a órgãos de divulgação (jornais, revistas, rádio, televisão, internet)

- 1) 15 out. 2004 in Eduardo Giraque, “Desencontros fotográficos” [entrevista telefônica]. *Boletim da Agência Fapesp*, 28 de outubro 2004, disponível em <[http://www.agencia.fapesp.br/boletim_print.php?data\[id_materia_boletim\]=2774](http://www.agencia.fapesp.br/boletim_print.php?data[id_materia_boletim]=2774)>, acesso em 31.10.2004 [*Maleta 7, Pasta 2, Doc 1*]
- 2) 6 nov. 2006 in Geraldo Nunes, Programa “São Paulo de todos os tempos”, 17 dez. 2006 [entrevista ao vivo], Rádio Eldorado AM [*Maleta 7, Pasta 2, Doc 2*]
- 3) 13 fev. 2007 in Julio Cesar Caldeira, “Uma cidade para todos” [entrevista por e-mail]. *Revista E-Sesc/SP*, 13 (9), março de 2007, pp. 16-21 [*Maleta 7, Pasta 2, Doc 3*]
- 4) 10 set. 2007 in Programa “Jornal da TV Câmara” [entrevista telefônica a Adriana Natali], TV Câmara
- 5) 17 dez. 2007 in Programa “Et Cetera” [mesa-redonda ao vivo sobre o tema “O Brasil de 2007 – retrospectiva”], TV Aparecida [*Maleta 7, Pasta 2, Doc 4*]
- 6) 27 jan. 2010 in Constanze Haase, “Hey Du, auf der Straße!” [entrevista ao vivo]. *Humboldt-Zeitung*, 54 (11), fevereiro de 2010, p. 5 [*Maleta 7, Pasta 2, Doc 5*]
- 7) 26 ago. 2011 in Beatriz Montesanti e Mariana Payno Gomes, “Pedestres são foco de nova campanha da CET” [entrevista ao vivo a Beatriz Montesanti]. *Jornal do Campus*, 30 (384), 2ª quinzena de agosto de 2011, p. 6 [*Maleta 7, Pasta 2, Doc 6*]
- 8) 10 out. 2011 in Programa “Caminhos da Reportagem”, 3 de novembro de 2011 [entrevista ao vivo a Fernanda Balsalobre], TV Brasil
- 9) 5 dez. 2011 in Programa “Livros”, 8 de dezembro de 2011 [entrevista ao vivo a Ederson Granetto], Univesp TV [*Maleta 7, Pasta 2, Doc 7*]
- 10) 30 nov. 2011 in Programa “Estadão no Ar 1ª Edição”, 11 de dezembro de 2011 [entrevista telefônica a Alessandra Romano], Estadão ESPN [*Maleta 7, Pasta 2, Doc 8*]

- 11) 30 jul. 2012 in Programa “São Paulo tem história”, 23 de outubro de 2012 [entrevista ao vivo a Lívio Lamarca], TV Câmara-SP [Maleta 7, Pasta 2, Doc 9]
- 12) 11-12 abr. 2013 in Flávio Tabak, “Barreiras na Avenida Presidente Vargas são ignoradas por pedestres” [entrevista por e-mail a Flávio Tabak em 10 de abril de 2013]. *Globo a Mais*, 11 de abril de 2013; *O Globo*, 12 de abril de 2013, p. 14; disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/barreiras-na-avenida-presidente-vargas-sao-ignoradas-por-pedestres-8092440>>, acesso em 12.04.2013 [Maleta 7, Pasta 2, Doc 10]
- 13) 16 abr. 2013 in Programa “Livros”, 2 de maio de 2013 [entrevista ao vivo a Ederson Granetto]. Univesp TV
- 14) 4 mar. 2013 in Roland Koch “Ungewohnt viele ältere Studierende” [entrevista por e-mail a Roland Koch]. *Deutsche Hochschulzeitung*, 05/2013 [26 de abril de 2013], pp. 16-17 [Maleta 7, Pasta 3, Doc 1]
- 15) 23 jul. 2013 in Karl Lyden “Reklam-paus” [entrevista por Skype a Karl Lyden em]. *DN [Dagens Nyheter]. Kultur*, 8 de setembro de 2013, pp. 11-13 [Maleta 7, Pasta 2, Doc 11]
- 16) 28 jan. 2014 in Programa “Entre Aspas”, 28 de janeiro de 2014 [mesa-redonda ao vivo sobre o tema “Cidades” sob a coordenação de Mônica Waldvogel], Globo News
- 17) 30 jan. 2014 in Jan Hambura, “Auf den Straßen der Großstadt“ [entrevista por e-mail a Jan Hambura], *Fundiert. Das Wissenschaftszeitschrift der Freien Universität Berlin*, 01/2014, pp. 36-41 [Maleta 7, Pasta 4, Doc 1]
- 18) 29 abr. 2014 in Programa „Agenda“, 29 de abril de 2014 [mesa-redonda gravada sobre os temas “Ukraine Crisis”, “World Cup and Social Unrest in Brazil” e “Angela Merkel’s Trip to the USA after the NSA-Scandal”], Deutsche Welle Europe
- 19) 8 jun. 2014 in Programa “Estación Sur”, 5 jun. 2014 [entrevista a Alejandra Lopez], Rundfunk Berlin-Brandenburg
- 20) 27 jun. 2014 in Programa “WM im Zwiespalt”, 18 de junho de 2014 [entrevista a Björn Reschke], CouchFM - das Berliner Campusradio
- 21) 25 fev. 2015 in Gerardo Lissardy, “Autos robados, yacarés y otras historias insólitas de la sequía en Brasil”. [comentário por e-mail a Gerardo Lissardy], BBC Mundo, disponível em <http://www.bbc.co.uk/mundo/noticias/2015/02/150224_brasil_historias_de_sequia_gl#share-tools>, acesso em 26.02.2015.
- 22) 17 abr. 2015 in Opportunity Workshop “PostDoc at Freie Universität Berlin & Technische Universität München: How to follow your research career at two German top universities” [entrevista a Lukas Hofmann], 7 de maio de 2015, disponível em <<http://www.fu-berlin.de/pt/sites/brazil/Stipendien-und-Foerdermoeglichkeiten/Doutorado-e-Pos-Doc/video-testimonial/index.htm>>, acesso em 23.11.2015

- 23) 15 jul. 2015 in Mônica Manir, “Nóis é prateado” [entrevista telefônica a Mônica Manir]. *O Estado de S. Paulo* [Caderno “Aliás”], 19 de julho de 2015, p. E-6 [Maleta 7, Pasta 2, Doc 12]
- 24) 29 out. 2015 in Seção de Comunicação Social da FFLCH-USP, “Depoimento da Profa. Fraya Frehse relacionado à exposição e jornada internacional sobre José de Souza Martins” [depoimento a Renan Braz Martins], disponível em <http://comunicacao.fflch.usp.br/node/5125>, acesso em 13.11.2015.
- 25) 2 mar. 2016 in Felipe Moreira, “O jeitinho que mata”, *Tab UOL* [entrevista a Felipe Pereira], 11 de abril de 2016, disponível em <<http://tab.uol.com.br/mortes-no-transito/#jeitinho-que-mata>>, acesso em 14.04.2016
- 26) 15 ago. 2016; no in Podcast UrbanData Brasil [entrevista a Bianca Freire-prelo
prelo
- 27) 19 set. 2016 in Priscila Chisté e Dilza Coco, “Sobre minha trajetória de pesquisas urbanas” [entrevista a Priscila Chisté e Dilza Coco], vídeo para o Encontro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação na Cidade e Humanidades, Instituto Federal do Espírito Santo – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades em 27 de setembro de 2016

d) Organização de exposição artística

- 1-29 nov. 2013 Exposição “Trabalho de Campo: Fotos, livros cartas e coisas aos 75 – José de Souza Martins”, Prédio de Ciências Sociais e Filosofia e Biblioteca Florestan Fernandes da USP, São Paulo (São Paulo)

e) Participação em exposições fotográficas

- 1) 9 ago.-15 set. 1999 Fotógrafa participante da exposição fotográfica do grupo Phora-de-phoco com o título “Patriamada: A representação da emoção da pátria nos torcedores de rua da Copa de 1998”, no Prédio de Filosofia e Ciências Sociais da FFLCH-USP, São Paulo (São Paulo)
- 2) 15-25 out. 1999 Fotógrafa participante da exposição do grupo Phora-de-phoco com o título “Patriamada: A representação da emoção da pátria nos torcedores de rua da Copa de 1998”, Estação Sé do Metrô, São Paulo (São Paulo)
- 3) 19 abr. 2000-abr. 2001 Fotógrafa participante da exposição virtual do grupo Phora-de-phoco com o título “Paranapiacaba: Um olhar sobre o tempo” in www.phoradephoco.com.br [site já desativado]
- 4) 12-15 out. 2000 Fotógrafa participante da exposição do grupo Phora-de-phoco com o título “O afeto que se encerra em nosso peito – Crianças do Jaguaré”, salão paroquial da Paróquia de São José do Jaguaré, região episcopal da Lapa, São Paulo (São Paulo)

- 5) out. 2000 Fotógrafa participante da exposição do grupo Phora-de-phoco com o título "Paranapiacaba: A British railway village in Brazil", Centre of Latin American Studies da University of Cambridge, Cambridge (Reino Unido)
- 6) 1-30 mar. 2002 Fotógrafa participante da exposição do grupo Phora-de-phoco com o título "Olhares em Foco", no Clube dos Professores da USP, São Paulo (São Paulo)

XV. CONSELHOS, COMISSÕES E ASSESSORIAS CIENTÍFICAS

a) Conselhos e comissões

- 1) 1995-1996 Membro do conselho do Laboratório de Análises de Sociabilidade Contemporânea, do Departamento de Sociologia da USP
- 2) mar. 1997-mar. 2001 Membro da Comissão Editorial de *Cadernos de Campo, Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da USP* [Caixa 3, Doc 7, Doc 15; Caixa 5 Doc 18, Doc 19, 21]
- 3) out. 2002-fev. 2003 Membro da Comissão Editorial e redatora da *Oxford University Anthropological Society Weekly Newsletter* (Oxford, Oxford University Anthropological Society - Institute of Social and Cultural Anthropology da University of Oxford) [Maleta 7, Pasta 5, Doc 1, Doc 2, Doc 3, Doc 4, Doc 5, Doc 6, Doc 7, Doc 8, Doc 9, Doc 10, Doc 11, Doc 12]
- 4) out. 2008 – jul. 2016 Membro do Comitê Acadêmico de *El Matadero. Revista Crítica de Literatura Argentina* (Buenos Aires, Argentina) [Maleta 7, Pasta 5, Doc 13]
- 5) desde out. 2008 Membro do Conselho Editorial de R@U - *Revista de Antropologia Social dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos (São Paulo)* [Maleta 7, Pasta 5, Doc 14]
- 6) jan.-out. 2008 Representante titular do Departamento de Sociologia na Comissão de Cultura e Extensão Universitária da FFLCH-USP
- 7) 28 out. 2008-20 out. 2009 Membro do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) como representante do Departamento de Sociologia ou Antropologia da USP, São Paulo (São Paulo) [Maleta 7, Pasta 5, Doc 15]
- 8) mar. 2011-mar. 2014 Representante titular do Departamento de Sociologia na Comissão de Cooperação Internacional da FFLCH-USP

- 9) jan.-dez. 2014 Membro do Conselho Científico do Colóquio Internacional “Sociétés, mobilités, déplacements: les territoires de l’attente d’hier à aujourd’hui (le cas des mondes américains, XIX^e – XXI^e siècle)”, na Université de La Rochelle, La Rochelle (França) [Maleta 7, Pasta 5, Doc 16]
- 10) desde jun. 2015 Membro da Comissão Editorial da Coleção de Livros “SpatioTemporality. Practices – Concepts – Media”, a ser publicada pela Editora de Gruyter, Erfurt (Alemanha) [Maleta 7, Pasta 5, Doc 17]
- 11) desde nov. 2015 Representante titular do Departamento de Sociologia na Comissão de Biblioteca da FFLCH-USP

b) Assessorias científicas

b-1) parecerista de publicações

- 1) 2004 *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Fundação Getúlio Vargas) [Maleta 7, Pasta 6, Doc 1]
- 2) 2005 *Revista Teoria e Sociedade* (Belo Horizonte, Departamentos de Antropologia, Sociologia e Ciência Política – Universidade Federal de Minas Gerais) [Maleta 7, Pasta 6, Doc 2]
- 3) 2006 *Revista Cadernos de Antropologia e Imagem* (Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e Imagem/Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Universidade Estadual do Rio de Janeiro) [Maleta 7, Pasta 6, Doc 3]
- 4) 2006 *Análise Social. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa* (Lisboa, Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa) [Maleta 7, Pasta 6, Doc 4]
- 5) 2008-2009 *Horizontes Antropológicos* (Porto Alegre, Departamento de Antropologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul) [Maleta 7, Pasta 6, Doc 5, Doc 6]
- 6) 2010, 2011 *Tempo Social* (São Paulo, Departamento de Sociologia – Universidade de São Paulo) [Maleta 7, Pasta 6, Doc 7, Doc 8]
- 7) 2010-2011 *Raumforschung und Raumordnung* (Berlin/Heidelberg, Springer) [Maleta 7, Pasta 6, Doc 9]
- 8) 2011 *Revista Habitus* (Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio de Janeiro) [Maleta 7, Pasta 6, Doc 10]
- 9) 2011 *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (São Paulo, ANPOCS) [Maleta 7, Pasta 6, Doc 11]
- 10) 2012 *Urban Research and Practice* (Bristol, University of the West of England) [Maleta 7, Pasta 6, Doc 12]
- 11) 2014 *Etnográfica* (Lisboa, Centro em Rede de Investigação em Antropologia) [Maleta 7, Pasta 6, Doc 13]

b-2) parecerista de instituições

- 1) 2006 Assessora *ad-hoc* na avaliação de propostas de projetos no âmbito do Programa de Políticas Públicas (PPP) implementado pela FAPESP

- 2) 2006 Concurso Brasileiro ANPOCS de Obras Científicas e Teses Universitárias – Edição 2006, no 30º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu [Maleta 7, Pasta 6, Doc 14]
- 3) 2007 Membro do Conselho Consultivo do Prêmio Jorge Zahar de Ciências Sociais, edição 2007 [Maleta 7, Pasta 6, Doc 15]
- 4) 2016 Assessora *ad-hoc* na avaliação de proposta de publicação de livro pela FAPESP

XVI. FORMAÇÃO COMPLEMENTAR (ATIVIDADES MAIS IMPACTANTES)

- 1) 26 set.-26. nov. 1991 Curso de “Desenho Básico”, ministrado por equipe da Academia Brasileira de Arte, São Paulo (São Paulo)
- 2) mar. 1992 Estágio em arquitetura no escritório de arquitetura Kaltenborn+Spang, Mannheim (Alemanha)
- 3) jun.-jul. 1992 Estágio em jornalismo no jornal *Rheinpfalz*, Ludwigshafen (Alemanha)
- 4) 10 set.-26 nov. 1996 5º “Curso de História de São Paulo (Novas fontes, abordagens e temáticas)”, ministrado por diversos professores e promovido pelo Museu Paulista da USP, São Paulo (São Paulo)
- 5) 12 jul. 1996 “Curso de Fotografia Básico” Fuji, promovido pela Casa de Fotografia Fuji, São Paulo (São Paulo)
- 6) 3 jun.-10 jul. 1997 Curso básico de Fotografia ministrado pelo fotógrafo Wanderlei de Oliveira e promovido pelo Grêmio Estudantil da Escola Politécnica da USP, São Paulo (São Paulo)
- 7) 8 set.-18 out. 1997 Curso “Da Avenida Paulista ao Monumento às Bandeiras: A evolução urbana de São Paulo através de suas esculturas e monumentos públicos” ministrado por diversos professores sob coordenação de Maria Lúcia Perrone de Faro Passos, e promovido pela FESPSP, São Paulo (São Paulo)
- 8) 1º sem. 1998 Estágio de Aperfeiçoamento de Ensino no âmbito do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino, como assistente da Profª Drª Lilia Katri Moritz Schwarcz na disciplina “Antropologia e História: Debates em região de fronteira” do curso de graduação em Ciências Sociais da FFLCH-USP
- 9) 26 jul.-13 out. 1999 Curso de especialização em Fotografia ministrado pela fotógrafa Cristina Sztterling para o grupo Phora-de-phoco, São Paulo (São Paulo)
- 10) 23-24 out. 1999 Curso “Descondicionamento do Olhar”, ministrado pelo fotógrafo Claudio Feijó, da Escola Imagem & Ação, Cotia (São Paulo)

- 11) 1º sem. 2000 Estágio de Aperfeiçoamento de Ensino no âmbito do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino, como assistente do Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani na disciplina “Pesquisa de Campo em Antropologia” do curso de graduação em Ciências Sociais da FFLCH-USP
- 12) 10 fev.-28 jun. 2000 Curso “Fotografia - Módulo Básico [Três estágios: Básico I, Básico II, Fotomoda]”, ministrado por Enio Leite, da Escola Focus de Fotografia, São Paulo (São Paulo)
- 13) 2º sem. 2000 Estágio de Aperfeiçoamento de Ensino no âmbito do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino da USP, como assistente da Profª. Drª. Paula Montero na disciplina “Pós-Colonialismo, nações e minorias nacionais” do curso de graduação em Ciências Sociais da FFLCH-USP
- 14) 1º sem. 2001 Estágio de Aperfeiçoamento de Ensino no âmbito do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino da USP, como assistente da Profª. Drª. Lilia Moritz Schwarcz na disciplina “Uma história da Antropologia brasileira” do curso de graduação em Ciências Sociais da FFLCH-USP
- 15) mar.-dez. 2001 Estágio de Docência em Sociologia na Escola Estadual de Segundo Grau “Ministro Costa Manso” (São Paulo), no âmbito das disciplinas “Metodologia do Ensino de Ciências Sociais” I e II do curso de licenciatura em Ciências Sociais da FE-USP
- 16) out.-dez. 2002 Disciplina “Visual Anthropology”, ministrada pela Profª. Drª. Elizabeth Edwards no Institute of Social and Cultural Anthropology da University of Oxford, Oxford (Reino Unido)
- 17) out.-dez. 2012 Curso “Fotografia Digital” ministrado pelo fotógrafo José Roberto Comodo Filho, da Scuola Riguardare, São Paulo (São Paulo)
- 18) 5-7 jun. 2013 Curso “Decifrando palavras: O uso da paleografia para a interpretação de manuscritos”, ministrado pela Profª Drª Sonia Maria Troitiño Rodriguez no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, São Paulo (São Paulo)
- 19) 18 jun. 2013 1º Workshop de Geoprocessamento do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAU-USP, ministrado pela equipe da Seção de Produção de Bases Digitais para Arquitetura e Urbanismo (CESAD), São Paulo (São Paulo)
- 20) 1-10 jan. 2016 Oficina de Estudos e Pesquisas em Cultura Popular (com foco em Folia de Reis), ministrado por Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão, Pocinhos do Rio Verde (Minas Gerais)